

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-graduação em Educação

Pablo Henrique Simões Barbosa

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS COMO METODOLOGIA E A FORMAÇÃO DO  
PROFESSOR CONTADOR DE HISTÓRIAS: perspectivas e desafios para o  
processo ensino-aprendizagem**

Belo Horizonte  
2017

Pablo Henrique Simões Barbosa

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS COMO METODOLOGIA E A FORMAÇÃO DO  
PROFESSOR CONTADOR DE HISTÓRIAS: perspectivas e desafios para o  
processo ensino-aprendizagem**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dr.<sup>a</sup> Stela Maria Fernandes Marques

Área de concentração: Educação Escolar e Profissão Docente

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

B238a	<p>Barbosa, Pablo Henrique Simões</p> <p>A arte de contar histórias como metodologia e a formação do professor contador de histórias: perspectivas e desafios para o processo ensino-aprendizagem / Pablo Henrique Simões Barbosa. Belo Horizonte, 2017. 156 f. : il.</p> <p>Orientadora: Stella Maria Fernandes Marques Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação</p> <p>1. Contadores de histórias. 2. Narração.3. Ensino - Metodologia. 4. Formação de professores. 5. Neurociências. 6. Arte de contar histórias. I. Marques, Stella Maria Fernandes. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.</p> <p>SIB PUC MINAS</p> <p>CDU: 37.015.3</p>
-------	---

Pablo Henrique Simões Barbosa

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS COMO METODOLOGIA E A FORMAÇÃO DO  
PROFESSOR CONTADOR DE HISTÓRIAS: perspectivas e desafios para o  
processo ensino-aprendizagem**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dr.<sup>a</sup> Stela Maria Fernandes Marques

Área de concentração: Educação Escolar e Profissão Docente

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Stela Maria Fernandes Marques (Orientadora) - PUC Minas

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magali dos Reis - PUC Minas (Banca Examinadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosvita Kolb Bernardes - UFMG (Banca Examinadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lorene dos Santos (Suplente) - PUC Minas

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Medeiros Ribeiro (Suplente) - UFMG

Belo Horizonte 19 de abril de 2017.

*Ao meu pai (in memoriam) e minha mãe, que ao me darem o livro da vida permitiram que eu escrevesse minha própria história.*

## AGRADECIMENTOS

*Em primeiro lugar agradeço a Deus, autor da melhor história que pude conhecer: a vida.*

*Agradeço também à minha mãe pelo amor, amizade e apoio que dedica à história da minha vida e ao meu pai, que em meus sonhos ainda me conta histórias, fazendo-se presente na memória, na saudade.*

*Ao meu caro Renato Muniz, fiel escudeiro, que com paciência e carinho mostra-me que às vezes é preciso descer das nuvens e colocar os pés em chão firme.*

*Aos meus irmãos Lara, Victor, Patrícia e Juliano, pelas histórias que construímos juntos. Agradeço também aos irmãos (agregados), Camila, Israel e Adriano, que com muito carinho entraram em minha vida.*

*Aos meus queridos sobrinhos (filhos) Rafael, Larissa, Luíza, Letícia, Arthur e Augusto, por todas as histórias que vivemos e viveremos.*

*Aos meus familiares que, nos poucos encontros que temos, reabastecem minhas energias e trazem muita alegria ao coração, em especial Tia Lourdes (in memoriam) e Tia Madalena.*

*Aos meus amigos, em especial Ana Luíza, Rita, Du, Henrique, Rejane e Amélia, pelo apoio, amizade e por compreenderem minha ausência nos tempos de estudo.*

*Às minhas queridas Larissa e Ana Luíza, por dedicarem um tempo para ler e fazer considerações tão valiosas no texto desta pesquisa.*

*À Capes, pela bolsa de estudos, sem a qual eu não poderia realizar esta pesquisa.*

*À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, instituição que tenho grande apreço e orgulho de ter cursado minha primeira graduação e agora o mestrado.*

*À minha querida orientadora Stela, pelo carinho e cuidado com que me recebeu e orientou durante esta pesquisa.*

*Aos meus Professores do mestrado, Jamil Cury, Sandra Tosta, Simão Pedro, Stela Marques, Vânia Noronha, sempre sábios e solícitos. Um agradecimento especial à Magali Reis e Lorene dos Santos, pelas considerações feitas na construção da pesquisa, e ao Teodoro Zanardi, por demonstrar na prática que*

*avaliação transcende provas e trabalhos.*

*Aos colegas e amigos que me acompanharam nesta jornada, fazendo até os momentos mais difíceis tornarem-se leves e agradáveis. Em especial agradeço aos mais "chegados" Cida, Fred, Paulo e Fabiano.*

*À Sirlane e Valéria, pela paciência, carinho e prontidão que sempre dedicaram a mim.*

*Aos professores participantes desta pesquisa, que doaram um pouco do seu curto tempo para contribuir com este estudo.*

*Às duas escolas que me receberam tão bem, abrindo suas portas à pesquisa e fazendo-se participantes neste processo.*

*Enfim, aos que acreditaram em mim, pelo apoio e palavras de incentivo. Devo agradecer também àqueles que não acreditaram, por me fazerem buscar forças e provar para mim mesmo que posso.*

*"Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história.  
Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia.  
Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências."  
Jean de La Fontaine*

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivos centrais analisar a contação de histórias como instrumento e metodologia para a aprendizagem, compreender o impacto e os desdobramentos da contação de história nos alunos e examinar o processo de formação em contação de histórias do professor da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Em um percurso investigativo sobre a memória, sentimentos e emoção, tendo como fundamentação para estes a neurociência, procuramos fundamentar a prática da contação de histórias dentro de sala de aula como uma metodologia capaz de promover a aprendizagem. Sendo qualitativa, a pesquisa de campo foi dividida em dois momentos: no primeiro, contamos com a participação de 19 professores que responderam a um questionário que inquiriu sobre a prática da contação de histórias em sala de aula e, num segundo momento, quatro professores e 70 alunos participaram da pesquisa. Esta pesquisa fez uso de variados instrumentos de coleta de dados como diário de campo, entrevistas semiestruturadas e filmagens. Este conjunto de instrumentos utilizados em campo, juntamente com a fundamentação teórica, permitiram que fizéssemos uma análise baseada na triangulação de dados, dividida em quatro categorias de análise: formação, prática, reconto, memória/aprendizagem. Através da pesquisa pode-se perceber o quanto as formações em contação de histórias para professores ainda são informais e de caráter mais prático que teórico, além de ser inexistente em grande parte das formações formais dos professores. Percebemos ainda através dos relatos dos professores sua visão sobre: a importância desta prática em sala de aula, os resultados positivos que podem ser alcançados no processo de ensino-aprendizagem, as atividades que auxiliam no processo de reconto, assim como a íntima relação entre sentimentos, emoções e aprendizagem.

**Palavras - chave:** Contação de histórias. Narração. Metodologia de ensino, Formação de professores. Neurociência e aprendizagem.

## ABSTRACT

The main purpose of this study was to analyze storytelling as a learning instrument and methodology, to understand the impact and the unfolding of storytelling on pupils, and to examine the training process on storytelling for early Childhood and elementary school teachers. We sought to ground storytelling practice in the classroom as a methodology capable of promoting learning, whilst using neuroscience as a theoretical rationale for our study to further investigate memory, feelings and emotion. This was a qualitative study that was divided in two phases: firstly, data was collected from 19 teachers who completed a questionnaire that inquired about their storytelling practices in the classroom; on the second phase, four teachers and 70 pupils participated in the research. A number of data collection instruments were used, such as a field diary, semi structured interviews and video recordings. The set of instruments used in the field, together with the theoretical underpinning, made viable an analysis based on triangulation of data that was divided in four categories of analysis: training, practice, retelling, memory/learning. This research clearly revealed that storytelling training for teachers is still informal and more practical than theoretical, in addition to being inexistent in most formal teacher training courses. We were also able to ascertain from the teachers' accounts their views on: the importance of this practice in the classroom, the positive results that can be achieved in the teaching-learning process, the activities that assist in the process of retelling, as well as the intimate relationship between feelings, emotions and learning.

**Key words:** Storytelling. Narration. Teaching methodology, Teacher training. Neuroscience and learning.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Sistema Límbico .....	39
Figura 2- Morfologia dos Neurônios .....	42
Figura 3- Sinapses .....	43

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil dos participantes do 2º momento .....	98
Tabela 2: Perfil das turmas participantes .....	98

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gênero .....	93
Gráfico 2: Faixa etária.....	94
Gráfico 3: Cursos de formação profissional.....	94
Gráfico 4: Tipo de instituição que leciona.....	95
Gráfico 5: Segmento que atua .....	95
Gráfico 6: Formação em contação de histórias .....	103
Gráfico 7: Tempo que usa a contação de histórias como metodologia.....	109
Gráfico 8: Tempo que dedica a usar a metodologia em sala.....	115

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IES	Instituição de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
NEE	Necessidades educacionais Especiais
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
RCNEI	Referencial Curricular da Educação Infantil
RJ	Rio de Janeiro
SE	Sergipe
SL	Sistema Límbico
SNC	Sistema Nervoso Central
SP	São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: ERA UMA VEZ...</b>	<b>29</b>
<b>2</b>	<b>O TEMPERO DA SOPA: MEMÓRIA</b>	<b>37</b>
2.1	Composição do tempero: Funcionamento cerebral	38
2.2	Como o tempero é feito: Comunicações cerebrais	41
2.3	O sabor que o tempero dá à sopa: Formação de memórias	43
<b>3</b>	<b>LEGUMES, VERDURAS E CARNES: EMOÇÕES E SENTIMENTOS</b>	<b>47</b>
3.1	Os legumes: Conceito de emoção	47
3.2	Legumes x verduras: Distinção entre emoção e sentimentos	48
3.3	A carne: Consciência	49
3.4	Preparando os legumes, verduras e carnes: Educação das emoções e sentimentos	50
<b>4</b>	<b>A "SOPA DE PEDRAS": APRENDIZAGEM</b>	<b>53</b>
4.1	A importância do tempero específico para a sopa: Relação memória/aprendizagem	53
4.2	Emoções e sentimentos como mediadores do aprendizado	54
<b>5</b>	<b>AS PEDRAS DA SOPA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS</b>	<b>59</b>
5.1	A tradição das pedras: A arte da narrativa	59
5.2	Os guardiões das pedras: Os contadores de história	59
5.3	O tempo em que se pensou que as pedras poderiam acabar - A contação de histórias nos tempos atuais	62
5.4	Os novos guardiões das pedras: O professor contador de histórias	65
5.5	A escolha da pedra ideal: Precedentes técnicos da arte de contar histórias	72
5.6	Transformando as pedras: Reconto	80
5.7	A preparação dos novos guardiões: A formação do professor contador de histórias	85
5.8	Os ingredientes principais e a pedra: Neurociência e contação de histórias:	88
<b>6</b>	<b>OS INGREDIENTES DA SOPA: METODOLOGIA</b>	<b>91</b>
6.1	O motivo principal para fazer esta sopa: Objetivo geral	92
6.2	Outros motivos: Objetivos específicos	92
6.3	Fazendo a sopa: Pesquisa de campo	92
6.3.1	Primeiro Momento:	92
6.3.2	Segundo Momento	96
6.4	Utensílios necessários: Instrumentos	99
6.4.1	Vendo os outros fazer a sopa: A observação	99
6.4.2	Uma concha: Diário de campo	99
6.4.3	O caldeirão: Entrevistas	100
6.4.4	O fogão: Filmagens	100
6.4.5	Experimentando a sopa: Análise	101
<b>7</b>	<b>O GOSTO DA SOPA: ANÁLISE DE DADOS</b>	<b>103</b>
7.1	Aprendendo a fazer a sopa: Formação	103

7.2 Fazendo e provando a sopa em lugares diferentes: Por quê contar histórias? Objetivos, pontos positivos e negativos e a prática de contar histórias em sala de aula.....	109
7.3 Como aproveitar melhor o gosto da sopa: Reconto.....	116
7.4 Os ingredientes essenciais da sopa: Memória e aprendizagem .....	118
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: GUARDANDO AS PEDRAS PARA A PRÓXIMA SOPA.....	123
REFERÊNCIAS .....	129
APÊNDICE A - Questionário 1º momento .....	137
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com alunos .....	141
APÊNDICE C - Roteiro de entrevista com professores: 2º Momento .....	143
ANEXO A - Aprovação do Comitê de Ética .....	145
ANEXO B - Autorização da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte .....	149
ANEXO C - Termo de Consentimento livre e esclarecido (Professor) .....	151
ANEXO D - Termo de Consentimento livre e esclarecido (Pais).....	153
ANEXO E - Termo de Assentimento .....	155

## 1 INTRODUÇÃO: ERA UMA VEZ...

Peço licença às recomendações acadêmicas que prescrevem a impessoalidade para escritas, mas neste capítulo introdutório, onde narro um pouco da minha experiência pessoal, assim também como os caminhos que me levaram a esta pesquisa, fez-se necessário uma escrita fora deste formato.

Fui considerado por grande parte de meus professores da educação básica, um aluno apático, desinteressado, com dificuldades de aprendizagem e concentração. Nas palavras dos professores eu era um aluno completamente "voado". Consigo hoje reconhecer todas estas características que tinha, mas observo que a falta de significado, sentido e coerência com o que eu vivia e sentia, eram os motivos principais do meu desinteresse pela escola.

Quando resolvi me tornar professor, tinha em mente tentar dar significado ao que ensinava, tornar a sala de aula um lugar agradável para todos: sejam os mais atentos e aplicados, sejam os que estão apáticos, desinteressados.

Não foi e ainda não é uma tarefa fácil de fazer. Procuo diversificar as aulas, entre dinâmicas, contação de histórias, vivências e outras metodologias que consigo perceber um maior interesse dos alunos. Através de experimentos, tentativas e erros, procuro entrar no mundo deles e fazê-los conhecer outros mundos.

Como metodologia, a contação de história entrou em minha prática cerca de dois anos após meu ingresso na docência. Fiz algumas oficinas, comecei a contar histórias em sala de aula, depois no pátio das escolas que trabalhava e a prática foi tomando conta do meu ser docente.

Os resultados obtidos com os alunos através da contação de histórias e das atividades de reconto eram gratificantes. Concentração, atenção, melhor oralidade, escrita, reflexões morais dentre várias outras habilidades que dificilmente eu conseguia dando uma aula no estilo tradicional. O trabalho com a contação de histórias foi crescendo, sendo reconhecido por coordenadores pedagógicos e diretores, até se tornar uma oficina para professores: "Contando um conto."

De caráter mais prático do que teórico, a oficina foi oferecida primeiramente em uma Secretaria de Educação de um município da região metropolitana de Belo Horizonte. Cerca de quarenta professores participaram da oficina que teve em média oitenta horas. Em pouco tempo fui convidado a dar a oficina em outros municípios, escolas particulares, e assim o trabalho foi se estendendo e

amadurecendo.

A ideia de uma pesquisa sobre o assunto nasceu de uma insatisfação. A maioria das oficinas que participei, e também a oficina que eu oferecia, era pautada principalmente na prática. Lia muito sobre o assunto, vi algumas pesquisas relacionadas, mas gostaria de me aprofundar, e ter um respaldo teórico para aquela prática que ao meu ver, contribuía tanto para o processo de ensino-aprendizagem.

O objeto de estudo era claro: contação de histórias. Mas qual caminho seguir? O que falar? Por onde começar? A aprovação no Mestrado em Educação da PUC Minas, com um pré-projeto, que hoje percebo ter claro apenas o objeto de estudo, foi o início de uma caminhada de descobertas e novos questionamentos.

Gostaria de fazer uma pausa neste depoimento, contando uma história que escrevi no início desta trajetória no mestrado e que resume um pouco de tudo que falei até agora.

### ***O menino que sabe voar***

*Voar é o sonho de quase todas as pessoas, não dele. Ele já nasceu voando! Não um voar como o dos pássaros, mas um voar da cabeça, do pensamento.*

*Por muitas vezes achou-se diferente das outras pessoas, até mesmo dos seus irmãos, e sofria com isso. Mas sua mãe o colocava no colo, contava histórias e fazia com que ele voasse ainda mais alto.*

*Seu pai também voava por natureza e quando voltava de seus voos trazia histórias que o faziam querer voar ainda mais.*

*Na escola era um problema, voava demais! Seus professores sempre diziam: “acorda menino”, “desce daí”, “voando assim você não vai aprender nada, não vai ser nada”, e aí ele se sentia triste... mas seu lugar não era ali, e era só bobear um pouquinho, e ele começava a voar devagarzinho.*

*Voava tanto que às vezes voltava machucado de seus voos, pensava em não voltar mais a voar, porém... era de sua natureza, então voltava a voar.*

*Teve um dia a ideia: ensinar os outros a voar! Contava histórias e muitos começaram a voar com ele. Na verdade já existiam desde sempre pessoas que nasceram voando assim como ele, e é no voo que essas pessoas se reconhecem. E quando se encontram, voam juntos!*

*Hoje o menino tem voado alto, está querendo fazer com que mais e mais pessoas voem com ele. Se vai conseguir...? Acho que sim! Tem muita gente voando e querendo voar por aí!*

*Pablo Simões / Março 2016*

Metaforicamente esta história resume um pouco da minha história e justifica a existência desta pesquisa.

Volto então a falar sobre o ingresso no mestrado e a elaboração do projeto de pesquisa. Os caminhos indicados pela orientadora Stela, sempre paciente e sábia em suas colocações, assim como as disciplinas cursadas para o cumprimento dos créditos, lecionadas por professores que não se preocupavam apenas com os conteúdos a serem dados, mas também com o relacionamento destes às pesquisas de cada um dos discentes, fez com que minha pesquisa tomasse novas formas, novos caminhos.

O projeto final da pesquisa, apresentado para a comissão avaliadora da PUC-Minas, no final do primeiro ano do mestrado, assim como posteriormente para a Comitê de Ética (anexo A), aprovado por ambos, trouxe como objetivo geral: Analisar a Contação de histórias como instrumento e metodologia para a aprendizagem, assim como analisar a formação do professor contador de histórias.

O projeto visava uma pesquisa de caráter qualitativo, justificada em Godoy (1995) que apresenta a pesquisa qualitativa como uma proposta que não é rigidamente estruturada, permitindo assim que a imaginação e a criatividade direcionem o pesquisador a propostas de trabalhos que explorem novos enfoques. Como instrumentos de pesquisas foram apontados no projeto o diário de campo, questionários, entrevistas semiestruturadas e vídeos. Todas estas opções prevaleceram na pesquisa e serão justificadas e melhor explicadas no capítulo dedicado à metodologia.

Para a apresentação do projeto, foi escolhida uma metáfora que surgiu ao longo de sua elaboração e inspirado em um poema da Adélia Prado que diz: "Um

trem de ferro é uma coisa mecânica, mas atravessa à noite, a madrugada, o dia, atravessou minha vida, virou só sentimento." (PRADO, 1991, p. 48).

A proposta do projeto é que a pesquisa fosse direcionada como uma viagem de trem, onde cada tema abordado seria uma paisagem vista da janela. Assim, Memória, Sentimentos, Emoções e Aprendizagem seriam paisagens de nossa viagem. O paradeiro final do trem se daria da Terra da Contação de Histórias, os trilhos percorridos seriam a metodologia e os passageiros os participantes da pesquisa assim como seus futuros leitores.

Pensei nesta proposta como meio de trazer ludicidade à pesquisa acadêmica, o que seria muito condizente com o objeto de estudo, porém, pesquisando um pouco mais, achei uma versão muito parecida com a minha.

Acabado o sonho de viajar de trem, passei algumas semanas pensando se faria ou não uma outra metáfora que pudesse usar. Depois de quase desistir de encontrar algo que pudesse trazer esta dinâmica lúdica ao texto, em um dos voos típicos de minha imaginação, lembrei-me de uma história que ouvi e agora conto a vocês:

### **Sopa de Pedra**

*Certa vez, um peregrino que há dias perambulava em terras lusitanas, sentiu uma fome tão grande que quase perdeu as forças das finas pernas que o sustentavam em sua caminhada. Vendo-se sem nenhum dinheiro no bolso e com uma fome daquele tamanho, o peregrino, muito astuto que era, pegou umas pedras bem redondinhas no chão, lavou-as como se lava as botinas para ir a uma grande festa, guardou-as em seu bernal e procurou por uma casa próxima onde poderia executar sua traquinagem.*

*Abriu a porta uma mulher gorda e pachorrenta, com olhar desconfiado para o maltrapilho peregrino. Antes mesmo que a mulher pudesse dizer que não tinha nada a oferecer, o peregrino tirou as pedras do bernal e pediu apenas que a mulher lhe emprestasse uma caldeirão e um pouco de água, para ele fazer uma deliciosa sopa de pedras e assim matar sua fome.*

*A mulher se rendeu a curiosidade de ver receita feita com pedras e tratou logo de arrumar o caldeirão e a água, cedendo o próprio fogão a lenha para que o peregrino fizesse a sopa.*

Com a água fervente, cuidadosamente as pedras foram colocadas no caldeirão, sob o olhar atento da gorda senhora. Mexe daqui, mexe dali, o barulho tilintante das pedras no fundo do caldeirão aguçava ainda mais os sentidos da senhora. Depois de alguns minutos o peregrino provou de sua sopa e disse:

- Hum!!! Boa, mas poderia ficar melhor se tivesse um temperinho caseiro.

Empolgada com a nova receita, a mulher esportou-se um pouco e logo buscou alguns temperos que tinha no quintal e no armário de casa. Louro, salsa, alho, sal, alecrim e malagueta foram acrescentados no caldeirão fervente. Um cheiro bom invadiu a cozinha e as narinas da senhora, que naquela hora já começara a sentir um princípio de fome.

Mexeu mais um pouco, esperou mais alguns minutos e novamente o peregrino levou a colher na boca para provar a sopa.

- Muito boa!!! Mas ficaria melhor se fossem acrescentados algumas verduras e legumes.

A pachorrice da mulher sumiu rapidamente pela fome atiçada com o cheirinho da sopa. Correu ao quintal, pegou alguns legumes e verduras e depositou rapidamente ao lado do caldeirão. Cenouras, batatas, couve, espinafre e repolho, cortados e descascados pelo peregrino e depositados cuidadosamente no caldeirão.

Alguns minutos se passaram, o cheiro que saía do caldeirão fazia aumentar ainda mais a fome dos dois. O peregrino provou a sopa e exclamou:

- Espetacular!!! Podemos toma-la agora e você degustará de uma das melhores sopas do mundo. Digo das melhores, porque para ser a melhor sopa ela ainda teria que ter um bocado de tocinho, charque e chouriço.

Mesmo com uma fome arrebatadora, a senhora resolveu esperar mais um pouco e tratou de arrumar o que faltava, assim poderia provar da melhor sopa do mundo.

Depois de algumas poucas dezenas de minutos, o peregrino destampou o caldeirão, fazendo preencher o ar da cozinha com um aroma inebriante, provou a sopa e disse:

- Perfeita!!! Agora irás provar a melhor sopa do mundo.

A mulher já impaciente com tigela e colher na mão exclamou:

- Já não era tempo, estou com o estômago colado às costas.

E encheu sua tigela com boas conchadas de sopa. A cada colherada que dava, um suspiro acompanhado de exclamações como: Divina!!! Maravilhosa!!!

*Espetacular!!! O peregrino também tratou de encher uma tigela para matar a fome que lhe consumia.*

*Se esbaldaram de sopa até sobrar apenas as pedras no fundo do caldeirão.*

*Neste momento a mulher se deu conta que a proposta era uma sopa de pedras, e tratou de perguntar ao homem:*

*- E as pedras?*

*Em um olhar com um misto de satisfação e esperteza o peregrino respondeu:*

*- Vou lava-las bem lavadinhas, e guarda-las para uma próxima sopa.*

(Livre adaptação do conto Sopa de Pedra da tradição Oral)

Pablo Simões / Janeiro 2017

Neste momento, convido vocês para saborear uma Sopa de Pedras.

A justificativa para fazer esta sopa que proponho, se encontra na "fome" de educadores que procuram metodologias diferentes para se promover o processo de ensino-aprendizagem. Existem várias outras formas de fazer a sopa, escolhi esta por se tratar de uma testada por mim durante alguns anos da minha docência, e também por outros que aqui compartilharam suas experiências.

Para uma organização didática, dividimos o texto em oito capítulos, o primeiro capítulo é este, onde fazemos uma introdução geral sobre o tema pesquisado. No segundo capítulo, trataremos do tempero principal e essencial da receita: A memória. É preciso antes de fazer qualquer receita, conhecer bem os temperos que serão usados, assim, daremos um panorama geral sobre o que é memória e suas tipificações básicas, tendo como fundamento teórico os estudos do neurocientista Ivan Izquierdo, e também dos autores Kapczinski, Schutz e Gray.

No terceiro capítulo, conheceremos os legumes, verduras e carnes escolhidos para dar consistência a nossa sopa: Emoções e Sentimentos, e a consciência destes.

Apesar de serem muitas vezes confundidos, as emoções e os sentimentos têm conceitos distintos. Além de diferenciá-los, veremos a importância da educação destes sentimentos para criação de uma consciência capaz de influenciar nas ações das pessoas. Saber os diversos sabores que as verduras, legumes e carnes podem proporcionar à sopa é de essencial importância para que ela seja realmente apetitosa.

No quarto capítulo apresentaremos a Sopa pronta: A aprendizagem.

Imagino que neste momento vocês podem estar se perguntando: E as pedras? Realmente elas não foram apresentadas ainda, e terão um capítulo especial para isto, mas antes, faz-se necessário conhecer a sopa pronta.

Para ter nossa sopa pronta, foi preciso o tempero específico, os legumes, verduras e carnes, além de todo um processo de preparação destes. Assim também, para que a aprendizagem ocorra, procuramos identificar quais são os principais responsáveis neste processo.

Para entender um pouco sobre como se dá a aquisição da aprendizagem, teremos Freire, Vygotsky, Wallon, Piaget, além de outros autores que nos auxiliarão neste caminho.

O quinto capítulo apresentará o ingrediente que dá nome à nossa sopa: As pedras. Assim como toda metodologia usada em sala de aula é um pretexto para promover a aprendizagem, trazemos neste capítulo a arte de contar histórias, nossas pedras, como pretexto para fazer a sopa.

Contar histórias é uma prática que acompanha a humanidade desde seus primórdios. Porém, segundo Benjamin (1983) a invasão da informação no mundo moderno, informação esta destituída do caráter duradouro da narração (ou arte de contar histórias), é um prenúncio da morte da narrativa e da troca de experiências proporcionada por ela.

Vivermos em uma sociedade chamada de "líquida" por Bauman (2007), caracterizada pelo imediatismo, excesso de informações e relações mais superficiais, mas, segundo Maffesoli (2003), ainda perdura em nossa essência uma necessidade de trocas, de afetividade, de relacionamento. Serão estas necessidades essencialmente humanas capazes fazer com que nossas "pedras" (a arte de contar histórias) não desapareçam?

Para responder esta pergunta aprofundaremos sobre os professores contadores de histórias (os professores guardiões das pedras), passando pelas especificidades do uso desta metodologia em sala de aula, suas características, as habilidades que podem ser desenvolvidas nos alunos através da contação de histórias e das atividades de reconto, assim também como a formação do professor contador de história.

O sexto capítulo será dedicado aos ingredientes que utilizamos para fazer esta sopa: A metodologia.

Tendo como objetivo geral a análise da prática de contar histórias como instrumento e metodologia para a aprendizagem, assim como a análise da formação do professor contador de histórias, optamos por fazer uma pesquisa de cunho qualitativo. Em campo, pesquisamos os professores que usam a contação de histórias como metodologia de ensino (os guardiões das pedras) em dois momentos distintos: No primeiro momento, 19 professores responderam um questionário que visava investigar a prática de contar histórias dentro de sala de aula e o processo de formação destes professores para esta prática. No segundo momento, quatro professores foram selecionados e observados em sua prática de fazer "sopas de pedra" em sala de aula (usar a contação de histórias como metodologia de ensino). A observação em sala contou com os quatro professores e suas respectivas turmas, totalizando um total de 70 alunos.

Na observação utilizamos instrumentos como o diário de campo, entrevistas e filmagens. Além dos professores, participaram também deste momento os degustadores da sopa (os alunos), fazendo suas considerações sobre esta prática em sala de aula.

O sétimo capítulo traz o sabor da sopa: A análise dos dados.

Embasados em Glazier (1992) e Gomes (2010) procuramos fazer uma análise por triangulação de dados, onde foram utilizados diferentes instrumentos para coleta dos dados, assim também como diferentes fontes, para depois serem comparadas e analisadas. A sopa é a mesma, mas o gosto é diferente para cada um dos que provam.

No oitavo e último capítulo apresentamos as considerações finais desta pesquisa, fazendo uma síntese das reflexões que surgiram ao longo dela.

Convido você agora a degustar um pouco desta deliciosa sopa de pedras!

## 2 O TEMPERO DA SOPA: MEMÓRIA

Podemos pensar a memória como um conjunto de acontecimentos, fatos e histórias que apreendemos ao longo da vida, seja por um longo período, seja por períodos ínfimos. Esta apreensão, ou se perde rapidamente, ou se acumula ao longo do tempo e será usada em alguns momentos na associação com outros acontecimentos. A apreensão ou o esquecimento do acontecimento pode ser consciente ou inconsciente, e está ligada ao significado daquele acontecimento para cada um de nós.

A memória é um dos fatores que faz com que nos diferenciemos uns dos outros, fazendo-nos indivíduos únicos. Mesmo que um grupo de pessoas vivencie conjuntamente algum acontecimento, a memória deste será pessoal e particular para cada um desses indivíduos. Este acontecimento representará algo diferente para cada um que vivenciá-lo, pois cada pessoa possui memórias já acumuladas durante sua vida e estas vão se relacionar com o acontecimento presente trazendo novas significações. O acontecimento presente nos remete à memória que cada um já adquiriu ao longo da vida, e por mais que haja semelhanças nas experiências um do outro, as recordações acumuladas e resgatadas para relacionar com o acontecimento são diferentes para cada um. A memória nos faz seres únicos, capazes de reconhecer-se pela história lembrada de nós mesmos.

Conceituar memória não é uma tarefa fácil, e cada linha de pensamento, cada área de estudo, dá sua definição com características próprias das mesmas. Izquierdo (2011) refere-se a memória como:

Aquisição, formação, conservação e evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só “grava” aquilo que foi *aprendido*. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só *lembramos* aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido.[...] O acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico. (IZQUIERDO, 2011, p. 11)

A memória não pode ser entendida como única, são muitas as memórias. Tipificá-las pode ser útil para a sistematização dos estudos sobre a mesma, mas, de forma alguma, terá a abrangência que a própria memória tem. Ela está ligada a aspectos biológicos, psicológicos, neurológicos, entre vários outros, e suas tipificações estão ligadas a cada um desses aspectos. Não é este, entretanto, o

intuito deste estudo, assim será utilizada a tipificação relacionada ao tempo:

- Memória Ultrarrápida ou também chamada de sensorial: onde as informações nela contidas são retidas por apenas alguns segundos.
- Memória de curta duração: que garante a continuidade das coisas, essa fica retida por minutos ou até horas em nossa mente.
- Memória de Longa Duração: que podemos considerar como a memória consolidada, aquela que nos acompanha por semanas, meses ou anos.

Izquierdo (1989) diz que para se compreender a formação da memória a partir das experiências, é necessário considerar quatro aspectos fundamentais:

1 - Recebemos informações constantemente, através de nossos sentidos; mas não memorizamos todas. Há, portanto, um processo de *seleção* prévio à formação de memórias, que determina quais informações serão armazenadas e quais não.

2 - As memórias não são gravadas na sua forma definitiva, e são muito mais sensíveis à facilitação ou inibição logo após sua aquisição que em qualquer outro período posterior. Isto indica que existe um processo de *consolidação* depois da aquisição, pelo qual as memórias passam de um estado lábil a um estado estável.

3 - As memórias são também muito mais sensíveis à *incorporação de informação adicional* nos primeiros minutos ou horas após a aquisição.

4 - As memórias não consistem em itens isolados, senão em *registros* ("files") mais ou menos complexos. (IZQUIERDO, 1989, p.94-95)

Assim, segundo o autor, a formação da memória após um acontecimento, sua fixação ou esquecimento dependerá desses quatro fatores citados: seleção, consolidação, incorporação de mais informações e formação de registro, o que ele também chama de "files".

O esquecimento é parte essencial da memória. Esquecemos para adquirir novas memórias. Como a memória é seletiva e também limitada em sua capacidade de armazenamento, é fundamental que esqueçamos muitas coisas. Portanto, o esquecimento não pode ser considerado como uma falha da memória, mas um artifício de seleção, seja consciente ou inconsciente, que faz a manutenção da memória, selecionando aquilo que é significativo para ser guardado e o que não é e deve ser esquecido.

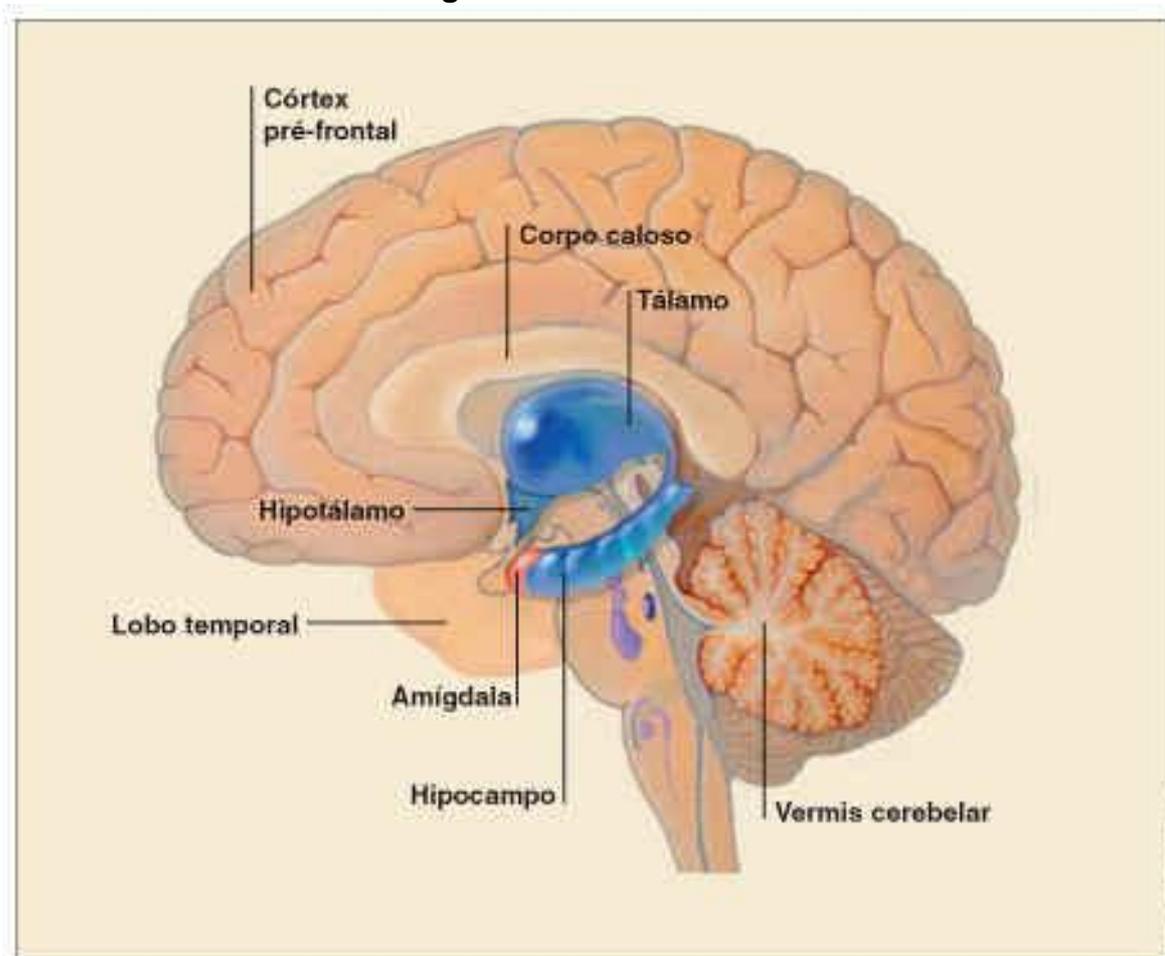
## 2.1 Composição do tempero: Funcionamento cerebral

Para entender melhor como se dá a formação das memórias no cérebro, faz-se necessário entender, pelo menos de forma básica, como funciona o cérebro

humano no que diz respeito à memória.

O sistema límbico (SL) vai compreender as estruturas cerebrais relacionadas principalmente aos comportamentos emocionais, aprendizagem e memória.

**Figura 1- Sistema Límbico**



Fonte: DONNER, 1986

A figura acima nos mostra as principais regiões do cérebro relacionadas à aquisição de memória.

Mais recentemente – a partir do desenvolvimento de novas técnicas especializadas de pesquisa em neurofisiologia e em neuroimagem –, vem-se ampliando o interesse pelo estudo das bases neurais dos processos envolvidos nas emoções, a partir da caracterização e das investigações sobre o sistema límbico (SL). Sabe-se, com base em diferentes resultados, que há uma profunda integração entre os processos emocionais, os cognitivos e os homeostáticos, de modo que sua identificação será de grande valia para a melhor compreensão das respostas fisiológicas do organismo ante as mais variadas situações enfrentadas pelo indivíduo. Assim, reconhece-se que as áreas cerebrais envolvidas no controle motivacional, na cognição e na memória fazem conexões com diversos circuitos nervosos, os quais, através de seus neurotransmissores, promovem respostas fisiológicas que relacionam o organismo ao meio (sistema nervoso somático) e também à inervação de estruturas viscerais

(sistema nervoso visceral ou da vida vegetativa), importantes à manutenção da constância do meio interno (homeostasia). (ANTÔNIO, et al. 2008, p.58)

A profunda integração entre os processos emocionais e os cognitivos, será o foco principal desta trajetória, trazendo assim a tipificação central de memória deste estudo: a memória emocional. No próximo capítulo, entenderemos melhor como os sentimentos e emoções podem influenciar no processo de aquisição de memória.

Não podemos localizar a memória em uma área restrita do cérebro, ela envolverá vários sistemas cerebrais que irão funcionar conjuntamente. Aprendemos várias coisas durante nossa vida, dirigir, reconhecer pessoas, reagir diante de um perigo, falar, andar, entre outras, e cada um destes aprendizados estará ligado a esquemas cerebrais distintos. A forma como aprendemos uma música envolve o sentido da audição, sentido este que não estará envolvido na forma como aprendemos a reconhecer pessoas por sua aparência. Apesar de não podermos dizer que existe um local específico no cérebro onde a memória, ou as memórias, melhor dizendo, podem estar localizadas, temos algumas estruturas intrínsecas nesta formação, aquisição e evocação das memórias, como o hipocampo, amígdala e todas as suas comunicações com tálamo e o hipotálamo.

A variedade de memórias possíveis é tão grande, que é evidente que a capacidade de adquirir, armazenar e evocar informações é inerente a muitas áreas ou subsistemas cerebrais, e não é função exclusiva de nenhuma delas. (IZQUIERDO, 1989, p.91)

O lobo temporal é umas das regiões do cérebro que está intimamente ligada à memória. Localizado acima de nossas orelhas, o lobo temporal apresenta evidências de ser uma região muito importante para o armazenamento de eventos passados. Kapczinski (2011) nos diz sobre os lobos temporais:

... estão relacionados a memória, audição, processamento e percepção de informações sonoras, reconhecimento de faces e objetos, capacidade de entender a linguagem, processamento visual de ordem superior e regulação das reações emocionais. Possuem como subestruturas a amígdala, o córtex auditivo primário e a área de Wernicke, além dos giros temporais. A lesão dos lobos temporais pode resultar em agnosias e prejuízo da memória e da compreensão da linguagem. (KAPCZINSKI, 2011, p.26)

O Hipocampo e a amígdala são responsáveis pela seleção e armazenamento de informações, porém, segundo Schütz e Izquierdo (1979), a lesão bilateral destas

estruturas não influem na perda de memórias já existentes, apenas na aquisição de novas memórias.

Sobre o hipocampo Gray (1982), nos diz que é nele que se dá o reconhecimento de determinados estímulos, configuração destes estímulos, se são novos ou não e a seleção do que será ou não memorizado.

A amígdala também participará do processo de seleção de informações que são novas ou antigas, e por consequência, naquilo que será memorizado. A amígdala tem comunicação com o tálamo e também com os sistemas sensoriais do córtex. Todos os estímulos exteriores que temos como sons, cheiros, sabores, imagens, dentro outros, entram em nosso corpo em forma de sinais elétricos e vão, através da conexão do tálamo, ativar a amígdala, relacionando-se assim com a memória.

Há, não obstante, certas estruturas e vias (o hipocampo, a amígdala, e suas conexões com o hipotálamo e o tálamo) que regulam a gravação e evocação de todas, de muitas, ou pelo menos da maioria das memórias. Este conjunto de estruturas constitui um sistema modulador que influencia na decisão, pelo sistema nervoso, ante cada experiência, de que deve ser gravado e de que deve ou pode ser evocado. (IZQUIERDO, 1989, p.92)

A comunicação da amígdala com o hipotálamo, região que se crê estar ligada às emoções, terá forte influência com a aquisição de memória. Por sua conexão com o tálamo e os lobos temporais, acredita-se que o córtex pré-frontal também esteja envolvido com a memória.

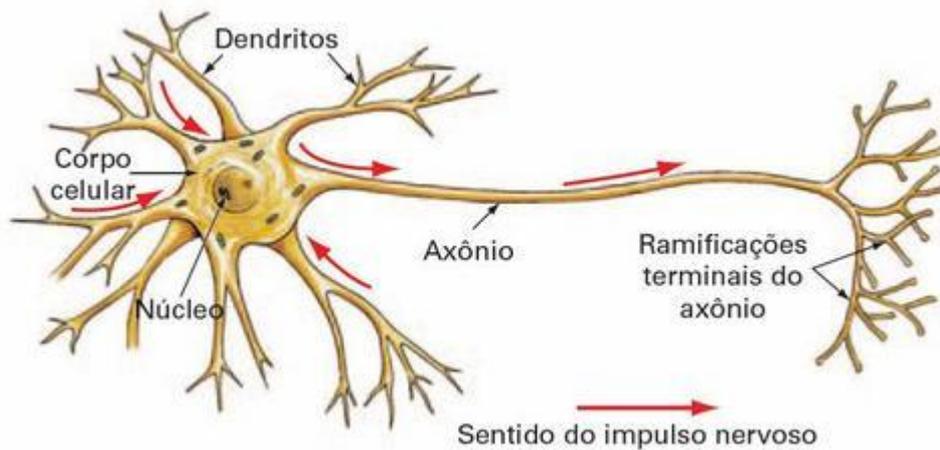
Até aqui, como podemos ver, várias são as regiões cerebrais diretamente envolvidas com a memória. Agora é preciso saber como se dão as comunicações entre estas regiões.

## **2.2 Como o tempero é feito: Comunicações cerebrais**

As células nervosas, ou mais comumente chamadas de neurônios, são as responsáveis por esta comunicação. São eles os responsáveis pela condução do impulso nervoso. Os neurônios são constituídos basicamente por: corpo celular, núcleo e dois tipos de extensões chamadas de dendritos (receptores de mensagens conectados ao corpo celular) e os axônios (prolongamento que transmitem informações eletroquímicas vindas do corpo celular) como podemos ver na figura

abaixo:

**Figura 2- Neurônio**



Fonte: (TECIDO...,2017).

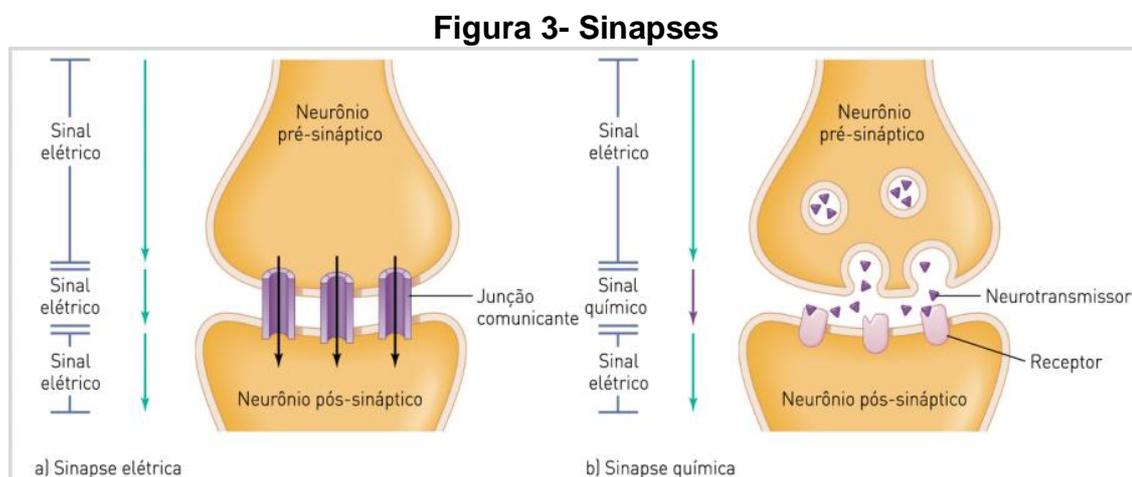
Segundo suas funções, podemos classificar os neurônios em três tipos: Neurônios aferentes (ou sensoriais), neurônios eferentes (ou motores), e interneurônios. Os Neurônios aferentes são os condutores de informação dos nervos periféricos ao Sistema Nervoso Central (SNC). Os Neurônios eferentes conduzem as respostas do SNC em direção ao órgão ou tecido estimulado, e os interneurônios são os que fazem a conexão entre os neurônios aferentes e eferentes (LUNDY-EKMAN, 2004).

Quando ativados, os neurônios começam a fazer comunicação um com o outro através do que é chamado sinapse. As sinapses se dão nos pontos das extremidades onde os neurônios se encontram, passando o estímulo de um neurônio para o outro, dando assim continuidade e propagação do impulso nervoso por toda a rede neural. Elas vão ocorrer no ponto de encontro das terminações nervosas, pontos estes chamados de axônios. Os axônios geralmente entram em contato com os dendritos dos outros neurônios. Destaca-se que existem contatos que se dão com o próprio corpo celular e outros, com o próprio axônio dos outros neurônios.

Denominam-se sinapses as junções entre neurônios, geralmente entre as terminações de seus prolongamentos. Chamam-se axônios os prolongamentos que se dirigem a outros neurônios, e dendritos aqueles sobre os quais terminam os axônios. A maioria das sinapses funciona através da liberação de substâncias denominadas neurotransmissores, os quais se ligam a proteínas específicas denominadas de receptores, e sua

ativação desencadeia sequências complexas de processos moleculares. (IZQUIERDO et al, 2013, p 11-12.)

Existem dois tipos de sinapses: químicas ou elétricas. As sinapses químicas se dão por meio dos neurotransmissores. Estes neurotransmissores são liberados pelo neurônio e saem da célula pré-sináptica em direção à fenda sináptica (espaço entre uma célula e outra) e depois fazem o contato a próxima célula (célula pós-sináptica) repassando assim a informação. Na sinapse elétrica não existem participação dos neurotransmissores, o sinal é transmitido diretamente de uma célula para a outra através de junções comunicantes como podemos observar na figura seguinte.



Fonte: (SINAPSES..., 2014).

O processo sináptico é mais complexo do que aqui demonstrado, mas a intenção deste estudo é dar uma noção básica sobre este funcionamento. É importante salientar que este processo se dá através de uma rede complexa de comunicações entre os neurônios, que passam a informação recebida de um para o outro.

### 2.3 O sabor que o tempero da à sopa: Formação de memórias

As memórias não são informações precisas que guardamos, mas resquícios do que foi vivido. Izquierdo (2002, p.17) diz que "Formamos novas memórias sobre outras mais antigas, eventualmente modificando-as e inventando mentiras verídicas".

Podemos assim perceber que as memórias construídas não são réplicas da realidade vivenciada, mas construções modificadas de acordo com o tempo em que são evocadas, acrescidas de novas experiências "A memória (o *registro*) que guardamos de determinado fato pode não ser a do fato em si, senão da terceira ou da vigésima vez que o evocamos." (Izquierdo 1989, p 103). São diversas as informações que vão sendo armazenadas em nosso cérebro e, quando necessário, estas informações são resgatadas, evocadas. Uma música que ouvimos, um cheiro que sentimos, entre várias outras sensações, podem nos remeter a lembranças da infância ou de outro momento da vida, em questões de segundos. Izquierdo diz que na evocação, o percurso sináptico é mais curto e mais simples do que o percurso da formação de memória. Izquierdo e Medina (1997) nos mostram que tanto os processos cerebrais quanto a bioquímica envolvida no processo de evocação são diferentes dos processos envolvidos no armazenamento.

Na formação das memórias, as informações chegam aos sistemas sensoriais e vão até o cérebro, lá são processadas por diferentes regiões e se transformam nas memórias que já citamos: ultrarrápida, curta duração ou longa duração. A memória ultrarrápida, ou operacional, fica alguns segundos ou minutos na mente e desaparece: um número de telefone que você consultou e precisa discar, o título de uma matéria que você está lendo, a cor da roupa de uma pessoa que acaba de passar por você, etc. As outras duas, memória de curta duração e de longa duração, seguirão um processo que as consolidarão. Neste processo, após a aquisição por meio sensorial, entram em ação o hipocampo e o neocórtex, e as memórias duram de 3 a 6 horas, quando de curta duração, e de 6 horas em diante, quando de longa duração. A formação destes dois tipos de memórias se dá em processos muito parecidos. Porém, as memórias de curta duração recorrem às de longa duração para fazer associações e, mais tarde, poderão se tornar memórias de longa duração.

Acredita-se que a consolidação da memória ocorre durante o sono, na verdade, em determinadas fases do sono. É como se o cérebro fizesse anotações em um rascunho durante todo o dia e à noite, ele passasse a limpo as anotações mais importantes. Assim, dormir é essencial para a consolidação de novas informações. Os sonhos, embora ainda seja um campo muito obscuro para a neurociência, são vistos de forma geral como uma evocação de fragmentos de memórias, num processo de descarte de algumas e consolidação de outras.

Além do sono, outros fatores são de suma importância para a consolidação da memória, tais como: atenção, estresse, sentimentos e emoções, dentre outros. No próximo capítulo, veremos a importância da emoção e dos sentimentos na consolidação de memórias. Uma sopa não pode ter só temperos.



### 3 LEGUMES, VERDURAS E CARNES: EMOÇÕES E SENTIMENTOS

Assim como podemos confundir alguns legumes e verduras, é comum se confundir emoções e sentimentos, porém, segundo Damásio (2004) estes tem conceitos distintos. Procuramos neste capítulo fazer a distinção destes dois conceitos, assim também como falar sobre a importância da tomada de consciência dos mesmos.

#### 3.1 Os legumes: Conceito de emoção

A emoção é uma constante na vida dos seres humanos, experimenta-se isso constantemente. Uma das coisas importantes a se destacar sobre as emoções é que elas não estão ligadas só a nossa mente como muitos pensam, elas constituem todo nosso ser psicológico, biológico e social.

Segundo Silva (1997) a palavra emoção, é derivada do francês "émotion, ação de mover", já em Queiroz (1963) encontramos sua origem do latim "e.motio.onis" onde o "e" deriva-se do "ex" = fora, para fora e "motio.onis" = movimento. Assim temos na etimologia o conceito de "movimento" e também de "movimento para fora". Esse conceito já nos indica que a emoção é algo que ultrapassa limites, que se exterioriza.

Ao nos emocionarmos o corpo reage de forma a exteriorizar essa emoção (ficamos vermelhos, choramos, sorrimos, corremos, dentre outras reações) numa fração de segundos e num processo automático e instintivo.

Pinto (2001) assim conceitua a emoção:

A emoção é uma experiência subjetiva que envolve a pessoa toda, a mente e o corpo. É uma reação complexa desencadeada por um estímulo ou pensamento e envolve reações orgânicas e sensações pessoais. É uma resposta que envolve diferentes componentes, nomeadamente uma reação observável, uma excitação fisiológica, uma interpretação cognitiva e uma experiência subjetiva (PINTO, 2001, p.243).

Temos aqui a emoção como uma resposta que damos aos acontecimentos que nos cercam. É uma exteriorização de um processo interno, provocado por um estímulo externo.

Damásio (2000) apresenta três níveis de emoção: primário, secundário e de

fundo.

A menção da palavra emoção em geral traz à mente uma das assim chamadas emoções primárias ou universais: alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa ou repugnância. As emoções primárias facilitam a discussão do problema, mas é importante notar que existem muitos outros comportamentos aos quais se após o rótulo “emoção”. Eles incluem as chamadas emoções secundárias ou sociais, como embaraço, ciúme, culpa ou orgulho, e também o que denomino emoções de fundo, como bem-estar ou mal-estar, calma ou tensão. O rótulo “emoção” também foi aplicado a impulsos e motivações e a estados de dor ou prazer. (DAMÁSIO, 2000, p.74)

Segundo Damásio (2000) as emoções primárias são as emoções mais básicas, muitas vezes inatas, são emoções necessárias para reações imediatas provocadas por um estímulo exterior. Já as emoções secundárias, se dão nas relações socioculturais, são mais complexas e vão variar com a experiência vivida por cada indivíduo, estão relacionadas com as aprendizagens sócio culturais apreendidas ao longo da vida. Quanto às emoções de fundo, identificamos como um processo interno, que também pode ser exteriorizado e percebido, mas de forma mais sucinta. Um esforço físico intenso, um pensar exaustivo sobre algo não agradável entre outros exemplos, podem nos causar um mal estar físico e/ou psicológico, e este mal-estar pode ou não ser disfarçado pelo comportamento físico.

Imaginemos uma situação: Uma pessoa está passeando por um parque e de repente vê uma cobra perto dela. Se as experiências que esta pessoa tem com cobras, mesmo que teoricamente, não são boas, imediatamente aquele estímulo visual externo (a cobra) provocará internamente um pavor na pessoa (processo interno): seu coração irá disparar, ela começará a tremer e provavelmente correrá para bem longe (exteriorização do processo interno). Isso tudo acontece em fração de segundos, apoiado no conceito que se tem de cobra, gravado na memória e exteriorizado na ação do correr (tática instintiva que se tem para a autopreservação<sup>1</sup>).

### **3.2 Legumes x verduras: Distinção entre emoção e sentimentos**

Emoção e sentimento são geralmente relacionados, mas temos que ter em vista que estes têm conceitos distintos. Apesar dos dois se relacionarem

---

<sup>1</sup> Desejo de conservar a própria existência ou integridade.

constantemente, para Damásio (2004) a emoção é um processo de exteriorização e é instintivo, e o sentimento um processo de interiorização e é racional.

O autor faz a seguinte distinção:

Penso que uma emoção é um conjunto de reações corporais a certos estímulos. Quando temos medo, o ritmo cardíaco se acelera, a boca seca, a pele empalidece e os músculos se contraem, reações automáticas e inconscientes. Os sentimentos, por sua vez, surgem quando tomamos consciência destas "emoções" corporais, no momento em que estas são transferidas para certas zonas do cérebro onde são codificadas sob a forma de uma atividade neuronal. Para prosseguir com o exemplo, as modificações fisiológicas fazem com que experimentemos um sentimento de medo. (DAMÁSIO, 2004, s.p).

Assim, na situação descrita, após a emoção provocada pela cobra (estímulo externo), que faz disparar o coração, tremer e correr, passa-se por uma reflexão sobre essa emoção, sobre as reações corporais. Essa reflexão, que não é guiada mais pelo instinto como a emoção, mas sim pela a razão, provocando um sentimento de medo que é consolidado na memória. Esses sentimentos nascem das emoções e são gravados na memória, e por muitas vezes serão reavivados, resgatados.

As emoções se constroem a partir da percepção provocada através de um estímulo externo, já o sentimento é a consciência desta emoção. Até chegar à consciência, temos uma sequência a seguir: Primeiramente algo é percebido no meio exterior, ativando assim áreas cerebrais que provocam mudanças corporais (emoção), algum tempo depois estas mudanças e reações são analisadas, transformando-se assim em sentimentos. O terceiro passo é a consciência destes dois processos: emoção e sentimento.

### **3.3 A carne: Consciência**

Para Damásio (2000):

*Consciência* é o termo abrangente para designar os fenômenos mentais que permitem o estranho processo que faz de você o observador ou o conhecedor das coisas observadas, o proprietário dos pensamentos formados de sua perspectiva, o agente em potencial. (DAMÁSIO, 2000, p.169)

O autor vai tipificar a consciência em: central e ampliada. A consciência

central, segundo Damásio (2000), é a consciência que fornece ao organismo um sentido de self (experiência de si), localizado a um momento e lugar específico: aqui e agora. Esta consciência não faz referências ao futuro e nem ao passado, mas simplesmente considera o momento presente. A consciência ampliada, muito mais complexa que a primeira, vai fornecer ao organismo um complexo sentido de self, não mais simplesmente localizada no aqui e agora, mas situada num tempo histórico, que é individual para cada ser, consciente do passado e vislumbrando o futuro. Fornece ao ser sua identidade, que ultrapassa o tempo situado.

Segundo Damásio (2000):

Em suma, consciência central é um fenômeno biológico simples; possui apenas um nível de organização, é estável no decorrer da vida do organismo, não é exclusivamente humana e não depende da memória convencional, da memória operacional, do raciocínio ou da linguagem. Por outro lado, a consciência ampliada é um fenômeno biológico complexo, conta com vários níveis de organização e evolui no decorrer da vida do organismo. (DAMÁSIO,2000, p.34)

Para Damásio assim como a mente é o resultado de várias regiões cerebrais funcionando conjuntamente, ela também depende da relação entre o cérebro e o corpo, ligados por circuitos neurais e bioquímicos, se transformando assim no que chama de organismo.

Foi a partir das pesquisas realizadas pelo neurocientista, que se observou a existência de graus diferentes de consciência sobre os sentimentos. Através da observação das ações e reações de pessoas na expressão de comportamentos e verbalização das emoções e sentimentos, verificou-se que muitas pessoas não têm consciência plena de suas emoções e sentimentos, o que muitas vezes provoca angústia e incompreensão, levando geralmente a dificuldade de gerenciar e superar etapas importantes da vida.

### **3.4 Preparando os legumes, verduras e carnes: Educação das emoções e sentimentos**

A partir destes pressupostos, Damásio (2000, p.57) nos ressalta a importância da educação das emoções e dos sentimentos. Esta educação é necessária para todas as pessoas, no sentido de ampliar a consciência, "... a consciência tem de estar presente para que os sentimentos influenciem o indivíduo

que os tem, além do aqui e agora imediato." O autor ainda afirma que as emoções e sentimentos, além de fazer a regulação homeostática<sup>2</sup>, serão também um poderoso mecanismo de aprendizagem.

"Como consequência de poderosos mecanismos de aprendizado, como o condicionamento, emoções de todas as graduações acabam por ajudar a ligar a regulação homeostática e os "valores" de sobrevivência a muitos eventos e objetos de nossa experiência autobiográfica" (Damásio, 2000, p. 79-80).

Partindo do que vimos até aqui sobre os sentimentos e emoções, podemos perceber que estes têm um papel importantíssimo no processo da formação da memória e mais especificamente, da memória emocional. Ter e educar a consciência das emoções e sentimentos auxilia no processo de aquisição de conhecimento, tanto no âmbito pessoal, como social. Conhecidos os ingredientes importantes de nossa sopa, vamos agora para a sopa pronta, o processo de aprendizagem. Como ele se dá? Quais fatores influenciam neste processo?

---

<sup>2</sup> "A homeostasia associa-se às reações fisiológicas coordenadas e em grande medida automáticas que são necessárias para manter estáveis os estados internos de um organismo vivo." (DAMÁSIO, 2000, p.60)



## 4 A "SOPA DE PEDRAS": APRENDIZAGEM

Conceituar aprendizagem de uma forma concisa é uma tarefa difícil, fazendo isso podemos reduzir um dos processos mais complexos do ser humano a algumas palavras que de forma alguma poderão alcançar toda sua extensão. Assim, trataremos aqui alguns de seus aspectos que irão nortear este estudo. Segundo a Cunha (1986), a palavra aprendizagem deriva de aprender, do latim *apprehendo,-ere* = segurar, prender, apropriar-se, nos remetendo assim ao sentido de apropriação, "apoderação de conhecimentos". Este processo que acontece durante toda a vida do homem está intrínseco à memória. Segundo Kandel et al (2014) podemos dizer que enquanto a aprendizagem é o processo pelo qual apropriamos do conhecimento sobre o mundo, a memória é o processo pelo qual esse conhecimento é codificado, apreendido e depois recuperado por processos associativos.

Quanto ao processo de ensino-aprendizagem, Segundo Freire (2005), não existe ensino sem a aprendizagem.

“Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.” (FREIRE, 2005, p. 79)

Para o autor, educar é um processo dialógico, onde há um intercâmbio constante entre ensino e aprendizagem. Assim, tanto o educador quanto o educando estarão em constante troca de papéis. Ao mesmo tempo que ensina, o educador é ensinado, e assim acontece também com o educando.

### 4.1 A importância do tempero específico para a sopa: Relação memória/aprendizagem

É na relação do homem com o mundo, com os objetos e com os próprios homens, que se dá o processo de aprendizagem. Desde nossos primeiros contatos com o mundo, já iniciamos o nosso processo de aprendizagem. A relação com a família, escola, trabalho e daí por diante, vai fazendo com que necessariamente

aprendamos para sobreviver. É nesse processo que a memória tem o papel fundamental. As lembranças e as associações que fazemos a partir destas com o novo que se descortina, faz com que aprendamos todos os dias. Para Pain (1985):

A aprendizagem é fator decisivo para a vida e sobrevivência do indivíduo, é por meio dela que o homem se afirma como ser racional, constitui sua personalidade e se prepara para cumprir o papel que lhe é reservado na sociedade a qual pertence." (PAIN, 1985, p.33).

Assim, entendemos que se não fosse pela relação aprendizagem/memória, passaríamos a vida toda tendo que aprender as mesmas coisas, sem uma continuidade, sem apropriação e associações. A memória é a base para o aprendizado. É na memória consolidada que se dá o processo de aprendizagem e associações para novas aprendizagens. Aprendizagem envolve raciocínio, e este está intimamente ligado à forma de obter informações, associar as informações já obtidas, ou perceber que são informações totalmente novas, e finalmente relacionar essas informações para adquirir novos conhecimentos.

#### **4.2 Emoções e sentimentos como mediadores do aprendizado**

Neste processo de memória/ aprendizado, a emoção e os sentimentos influem decisivamente. Quando pensamos em educação, temos que ter em vista que o processo ensino-aprendizagem deve ser permeado pelos sentimentos e emoções. Estes devem ser não só valorizados, mas explorados como instrumentos de aprendizagem. Pensar em uma educação onde os sentimentos não sejam valorizados é pensar em uma sopa sem ingredientes, sem tempero.

Paulo Freire (1996) diz:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. (FREIRE, 1996, p.146).

A partir do que foi dito, podemos concluir que se a memória é base do aprendizado e é consolidada com mais facilidade através das emoções e sentimentos, é fundamental que usemos destes para a apropriação do conhecimento dentro da educação formal e não formal.

A formação intelectual não pode estar dissociada dos sentimentos e emoções, ela deve estar atrelada a estes, formando a memória emocional e promovendo uma aprendizagem onde o prazer e os desejos tenham seus lugares de honra. Izquierdo (apud SALLA 2012, p.50) afirma que "Quanto mais emoção contenha determinado evento, mais ele será gravado no cérebro".

Como veremos a seguir, as teorias como a de Vygotsky, Wallon, Piaget, mesmo que trilhando caminhos diferentes e tendo pontos divergentes, já apontavam para um aspecto comum e que a neurociência considera importantíssimo: a relação estreita em sentimentos e aprendizagem.

Mesmo não desenvolvendo uma teoria específica sobre o aspecto afetivo e sua influência no processo de aprendizagem, Piaget não desconsidera este fato, e sua obra esta permeada pelo papel fundamental que o afeto desempenha no processo de aquisição do conhecimento.

Segundo Bringuier (1977) na teoria piagetiana o desenvolvimento intelectual é composto de dois aspectos: o cognitivo e o afetivo. Os dois aspectos caminham lado a lado e ambos promovem grande influência um sobre o outro. Segundo o autor, Piaget afirma que "para que a inteligência funcione, é preciso um motor que é o afetivo. Jamais se procurará resolver um problema se ele não lhe interessa. O interesse, a motivação afetiva é móvel de tudo" (BRINGUIER, 1977 p.71-72).

O aspecto cognitivo e o afetivo, embora distintos, são, para Piaget, inseparáveis, se completam e um dá suporte ao processo de desenvolvimento do outro.

[...] a afetividade constitui a energética das condutas, cujo aspecto cognitivo se refere apenas às estruturas. Não existe, portanto, nenhuma conduta, por mais intelectual que seja que não comportem, na qualidade de móveis, fatores afetivos; mas, reciprocamente, não poderia haver estados afetivos sem a intervenção de percepções ou compreensão, que constituem a estrutura cognitiva. A conduta é, portanto, uma, mesmo que, reciprocamente, esta não tome aquela sem consideração: os dois aspectos afetivo e cognitivo são, ao mesmo tempo, inseparáveis e irredutíveis. (PIAGET, 1973, p. 135)

Segundo Piaget (1973), tanto o aspecto cognitivo, quanto o afetivo, vão se desenvolvendo e evoluindo ao longo do tempo. Passam de um estado de centralização no próprio sujeito, para depois alcançar a relação com outros sujeitos. O afeto pode acarretar na aceleração ou retardo do cognitivo e quando há um desajuste afetivo, há também uma obstrução no funcionamento do cognitivo. Para

Piaget (1962) a afetividade vai preceder o cognitivo, mas seus estágios e evolução se correspondem, haverá uma correspondência e não sucessão. No livro Seis estudos de Psicologia (1986), Piaget vai ressaltar mais uma vez a relação constante entre o aspecto afetivo e intelectual, mostrando que esta relação será desenvolvida por toda a vida. "Afetividade e inteligência são assim, indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana" (PIAGET, 1986, p 22).

Piaget (1983) faz uma analogia muito fácil de entender, dizendo que a cognição é o motor ou a estrutura da máquina humana e a afetividade é o combustível. Sabemos que nenhum motor funciona sem seu combustível, assim como o combustível não serve para nada sem o motor para ser acionado. Assim como os dois (motor e combustível) são interdependentes para o funcionamento da máquina, afetividade e cognição estão intimamente ligadas no indivíduo.

Vygotsky também compartilha da ideia de que a compreensão do cognitivo só é possível quando se compreende o aspecto afetivo. Para ele, o afeto é a porta de entrada para o pensamento, é o impulso inicial para a construção do cognitivo.

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista dessa última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno de indivíduos, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra sua desnecessária e impotente. (VYGOSTKY, 1993, p. 25).

A afetividade é um processo que move o indivíduo a seguir em frente e de forma alguma pode ser separada do cognitivo. Vygotsky (1993) ainda aponta diferenças fundamentais entre as emoções dos animais e do homem. As emoções humanas são mais elaboradas e evoluem, assim como as emoções nos adultos tem uma elaboração maior que das crianças. Conforme vamos evoluindo, nossas emoções também vão evoluindo, tudo isso caminhando junto à evolução do cognitivo. Segundo o autor a razão tem um papel fundamental no controle das emoções, não no sentido de tolher, mas de aprender, de desenvolver o aspecto afetivo. Rego (2003) faz uma interpretação sobre o aspecto afetivo em Vygotsky, dizendo que para o autor, assim como aprendemos a falar, andar, pensar, devemos

também aprender a sentir. Esse aprendizado do sentir é um aprendizado que nos acompanha por toda a vida.

Henri Wallon vai dedicar grande parte de sua obra ao processo emocional como desencadeador do processo cognitivo. Segundo Dantas (1992) a emoção para Wallon é vista como instrumento de sobrevivência para o ser humano. É através das emoções que o indivíduo, desde o seu nascimento, é capaz de se relacionar e mobilizar o ambiente em que vive, assim, a afetividade é essencialmente social, pois é ela que vai fazer a ligação para suprir as necessidades dos indivíduos. Isso acontece quando uma criança chora, demonstrando sua emoção e prontamente é atendida pela mãe, que procurará suprir suas necessidades e assim por toda a vida, quando demonstramos nossas emoções e provocamos a mobilização do ambiente.

Na teoria waloniana emoção é a origem da inteligência e a mola propulsora para que o processo de aprendizagem aconteça, ela é também uma forma de unir pessoas. O desenvolvimento do indivíduo se da na interação entre afetividade e cognitivo, sendo que ambos estão em contínuo processo de evolução e andam sempre juntos, buscando atingir níveis de evolução cada vez mais altos.

Considerando a aprendizagem como um processo de armazenamento de informações e levando em conta que estas informações são chamadas de memórias, que por sua vez são construídas, ou melhor dizendo, consolidadas, através da experiência, das evocações e associações com outras memórias e que os sentimentos e emoções estão intimamente ligados e tem forte influência neste processo, é preciso que os educadores tenham consciência deste processo e utilizem o afeto em prol do desenvolvimento do aluno.

Através da neurociência sabemos que um ambiente educativo bem trabalhado (onde haja estimulação) é capaz de aumentar as sinapses (conexões essenciais para a memória) e por consequência, aumentar as possibilidades de aprendizagem. "Da mesma forma que sem fome não apreendemos a comer e sem sede não aprendemos a beber água, sem motivação não conseguimos aprender" (IZQUIERDO apud SALLA, 2012, p 52).

A neurociência, porém, não é a responsável por nos dizer o que é um ambiente que estimule ou quais intervenções podemos fazer para intensificar o processo de estimulação, este é um papel da Pedagogia.

É importante ressaltar que o ato de aprender não implica só em

memorização, mas também em associações, ressignificações e reflexões sobre o que foi memorizado. Assim, cabe ao professor apresentar estratégias e metodologias que possibilitem estas habilidades dentro de sala de aula.

A contação de histórias, quando bem utilizada, pode ser uma destas metodologias. Como qualquer metodologia utilizada em sala de aula, ela é um pretexto para se promover a aprendizagem, assim como as pedras foram um pretexto para se fazer a sopa. Vale ressaltar aqui, que palavra pretexto carrega em seu uso cotidiano um valor pejorativo, o que não seria o caso do seu emprego aqui, usamos a palavra pretexto em seu sentido mais amplo, como motivação, justificativa ou argumento para se fazer alguma coisa. No capítulo seguinte, refletiremos e analisaremos sobre esta possibilidade.

## 5 AS PEDRAS DA SOPA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS<sup>3</sup>

Agora conheceremos o ingrediente que dá nome à sopa: A contação de histórias. Contar histórias é uma prática que acompanha a humanidade desde seus primórdios. Nas conversas em volta de fogueiras, nos mitos, lendas e contos que passaram de geração em geração, quase sempre acrescidos de experiências e visões pessoais, o homem sempre teve a necessidade de contar histórias, formando assim a memória do passado e do imaginário.

### 5.1 A tradição das pedras: A arte da narrativa

O ato de contar histórias pode ser uma arte. Desde sua preparação, até o ato em si, o contador de histórias está envolvido em produção criativa dando vida a palavra.

Contar histórias pode ser uma arte, pois o espaço da narração se apresenta para o narrador como oportunidade de criação e de reelaboração da palavra oral, carregada de conhecimento poético, desde o momento da concepção da narração até a narração propriamente dita para um público ouvinte. A particularidade da performance do texto oral que se constrói no instante da narração faz do ato de contar histórias um produto artístico. O narrador inventa uma forma de contar uma história e se apoia em suas aprendizagens para isso. (ROCHA, 2010, p.48)

Este espaço de criação, onde a realidade e o imaginário se misturam, faz da narração de histórias um momento de fruição, próprio da arte. Antes da escrita sistematizada, o papel do narrador era essencial para a transmissão do conhecimento. Segundo Braga (2000, p.84), “numa civilização sem escrita ou com uma utilização ainda restrita, o poeta tinha um papel fundamental: narrar o passado, contar a história”.

Através da contação de histórias são transmitidos valores, conhecimentos, tradições, crenças, sentimentos que, segundo Machado (2004), vão permitir que as gerações mais novas entrem em contato com as histórias que fazem parte do seu grupo social.

### 5.2 Os guardiões das pedras: Os contadores de história

Os contadores de história se tornaram pessoas de destaque em sua

---

<sup>3</sup> Neologismo comumente usado para se referir à arte de contar ou narrar histórias.

comunidade, passando ensinamentos, histórias, mitos, lendas, fazendo viva a cultura daquele povo através das palavras. Os sábios, os anciãos, os griots<sup>4</sup>, pajés, avós, amas de leite, pais, entre outros, todos traziam na memória histórias, e partilhavam estas no intuito de ensinar, moralizar, catequizar, ou simplesmente entreter seus ouvintes. Segundo Zumthor (1993, p.57): " Para os gregos era o rapsodo; para os africanos o griot; para os celtas o bardo; ou simplesmente o contador de histórias, o portador da voz poética". Busatto (2007), assim descreve o contador de histórias:

Era um sujeito que se valia da narração oral como via para organizar o caos, perpetuar e propagar mitos fundacionais das suas culturas. Um sujeito que mantinha vivo o pensamento do seu povo por meio da memória prodigiosa e que o divulga por meio da arte. Sua forma de expressão, a voz manifestada por meio de um corpo receptivo e maleável (BUSATTO, 2007, p.18).

Benjamin (1985) nos diz sobre a troca e disseminação destas histórias através de dois tipos fundamentais de narradores: camponeses e navegantes. Para o autor, os camponeses são os conhecedores das histórias que permeavam seu povoado, vivenciadores da realidade local, enquanto os marinheiros comerciantes eram aqueles que traziam histórias de terras longínquas.

"Quem viaja tem muito que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. (BENJAMIN, 1985, p.198-199)

O autor nos coloca que muitos são os tipos de narradores, mas é através destes dois tipos fundamentais que podemos compreender todos os outros. A narrativa se dá sempre a partir da troca, daquele que tem suas histórias locais, com aquele que traz histórias de outros lugares. E na interação destes, ora narradores, ora ouvintes, as histórias vão se disseminando, recebendo novas versões, interpretações.

Tahan (2001, p.17) nos mostra esta troca de histórias e suas novas

---

<sup>4</sup> **Griot** é como são chamados, em alguns povos da África, os contadores de histórias. Possuem uma função especial que é a de narrar as tradições e os acontecimentos de um povo.

interpretações quando diz que os contadores de história "colhiam novos enredos dos viajantes, dos beduínos de outras terras, alteravam os entrecchos, mudavam os nomes e, por vezes, o caráter dos personagens, acrescentavam novos episódios" e assim eram construídas novas histórias, novas narrações.

Apesar de acreditarmos que a questão de gênero não está no escopo do autor, nos chama atenção a colocação de Warner (1999 p.48), que faz questão de ressaltar uma classe, para ela, esquecida por Benjamin. Ela nos diz que o autor ignora que "os contadores de histórias possam ser mulheres, ainda que identifique de modo tão claro e eloquente a conexão entre o trabalho rotineiro e repetitivo e a narrativa". São elucidadas então as mulheres, que podem estar tanto nos campos, quanto nas cidades, e que também são representantes importantes da arte de narrar. Destacamos que em todo nosso texto colocamos "O contador de histórias" sem fazer nenhuma distinção de gênero. A narração perpassa culturas, sexo, classe social, idade e se faz presente em todos os lugares.

Contudo, não se pode afirmar se a narração de histórias era uma atividade unicamente feminina ou masculina. Ela variava de acordo com o local, a cultura e a época. No âmbito da vida doméstica, as mulheres predominaram como detentoras da palavra, mas o direito de narrar em público era dado em maior número aos homens. O cenário do trabalho manual foi palco para narradores de ambos os sexos e de diferentes idades, em espaços nos quais compartilhar histórias tinha a intenção de tornar mais leve o trabalho. (ROCHA, 2010, p.63)

Os narradores, ou contadores de história, como hoje são mais comumente chamados, estão em várias partes do mundo, em várias épocas, sempre com as mesmas características de sábios, transmissores de conhecimento, tradições e histórias, caracterizados por Benjamin (1985, p.210) como mestres, sábios e tendo como fonte principal da sua arte a memória "a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração".

O escritor Tahir Shah descreve o encontro com os contadores de história por diversos lugares, e ressalta o poder do encantamento que os contadores de história exercem sobre seus ouvintes.

Vi contadores de histórias lançando sua magia nas profundezas da Amazônia peruana e em casas de chá na Turquia, na Índia e no Afeganistão. Encontrei-os também na Papua Nova Guiné e na Patagônia, no Vale do Rift no Quênia, na Namíbia e no Cazaquistão. Seu efeito é sempre o mesmo. Eles caminham numa corda bamba fina como um fio de cabelo, suspensa entre fato e fantasia, cantando para a parte mais primitiva

da nossa mente. Não há como evitar que entrem. Com palavras eles podem encantar, ensinar e passar adiante conhecimento e sabedoria [...] (SHAH, 2009, p. 140)

Trilhando uma linha tênue entre o fato e a imaginação, os contadores de histórias transformam aquele ambiente da narração em uma viagem encantadora. Contar histórias é transpor os ouvintes e o próprio contador a outro plano, a outro lugar, uma viagem ao passado rememorado e muitas vezes adornado de fantasia e imaginação. Em seu ensaio "O Narrador" Benjamin (1983), coloca a narração como algo que provoca reflexão, espanto e nunca se exaure, enquanto que a informação é uma forma efêmera e só tem validade enquanto novidade. Ele considera o advento da informação como a morte da narrativa:

O mérito da informação reduz-se ao instante em que era nova. Vive apenas nesse instante, precisa entrega-se inteiramente a ele, e, sem perda de tempo, comprometer-se com ele. Com a narração é diferente: ela não se exaure. Conserva-se coesa a sua força e é capaz de desdobramentos mesmo depois de passado muito tempo. (BENJAMIN, 1983, p.61).

As histórias têm como característica "desdobrar-se" durante muito tempo na memória dos ouvintes. Não é tão efêmera como a informação. A memória provocada pelas histórias vai sendo passada, resgatada, ressignificada e consolidada na memória. E estas histórias nascem das experiências e trocas, "A experiência que passa de pessoas a pessoas é a fonte a que recorreram todos os narradores." (Benjamin 1985 p.198). Não é, de forma alguma, uma informação de fatos ocorridos, de aventuras vivenciadas, ou de imaginações criadas, é a recriação de tudo isso na vivência do contador de histórias.

Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1985, p.204)

A experiência da narrativa é um misto do fato, imaginação e releitura do narrador. Releitura esta impressa por suas experiências, sua vida.

### **5.3 O tempo em que se pensou que as pedras poderiam acabar - A contação**

## de histórias nos tempos atuais

Benjamin (1985) prenuncia a morte da narração, morte esta que tem suas origens com surgimento do romance, da imprensa, da industrialização, e com a invasão da informação, que ao contrário da narração, é um fato "acompanhado de explicações". Assim, as relações, as trocas de experiências, se tornam cada vez mais escassas.

Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. (BENJAMIN, 1985, p. 198)

Para o autor, assim como o trabalho artesanal está se sucumbindo, a narração, que segundo ele é "uma forma artesanal de comunicação", também se sucumbe.

"Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual" (BENJAMIN, 1985, p.205).

O prenúncio da morte da narração feita por Benjamin, não se concretizou, e talvez nunca se concretize. É certo que vivemos em uma sociedade onde a informação de massa impera. Uma sociedade mais imediatista, consumindo cada vez mais informações pelos meios tecnológicos que por sua vez, estão cada vez mais avançados. Uma sociedade "líquida", como nos fala Bauman (2007), onde as relações estão mais superficiais e as experiências e contatos entre pessoas cada vez menores. Uma sociedade de incertezas e constantes reinícios. Reinícios estes que pressupõem um esquecer o passado e substituir pelo novo, que obviamente ficará velho rapidamente e deverá ser substituído por algo mais novo ainda. É certo também que tudo isso enfraqueceu o poder da contação de histórias, assim como diminuiu o número de contadores de histórias. Mas o homem é um ser que necessita de trocas, de afetividade, de relacionamento. Maffesoli (2003, p15) diz

que “A sociedade da informação, portanto, pode até fazer crer que o mais importante são os seus jornais, televisões, rádios, mas no fundo o que conta é a partilha cotidiana e segmentada de emoções e de pequenos acontecimentos”. Se pensarmos na partilha destas emoções, destes acontecimentos através da contação de histórias, podemos pensar em uma nova organização do mundo, em um novo delinear das relações, Machado (2004) nos convida a este pensamento quando diz que:

"É nesse caos de começo de milênio que a imaginação criadora pode operar como possibilidade humana de conceber o desenho de um mundo melhor. Por isso talvez a arte de contar histórias esteja renascendo por toda a parte" (MACHADO, 2004, p.15).

O encantamento da narração ainda perdura. Os contadores de histórias ainda estão presentes em culturas mais tradicionais como nos aponta Miranda (2015)

Ainda hoje a arte da narrativa oral permanece extremamente viva em culturas de povos como os indígenas, africanos, asiáticos e árabes. Esse aspecto ressalta o papel capital que os contadores de histórias sempre ocuparam na formação das sociedades, uma vez que, detentores da sabedoria coletiva, eram e são os porta-vozes da memória, das tradições e do imaginário dos grupos nos quais se inserem. (MIRANDA apud MEDEIROS, 2015, p.7)

Esta arte também está nas culturas urbanas, mesmo que com uma roupagem diferente e fazendo uma releitura da tradicional arte de contar histórias nos moldes contemporâneos. São os contadores e história ou século XXI ou contadores de história contemporâneos como são chamados por Busatto (2007):

Eles chegam de todas as partes: Norte, Sul, Leste, Oeste. Vêm vestidos de vermelho, azul e amarelo; fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, panos, chapéus, tapetes, bonés, caixas de fósforo, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, cantando, deixando leitura, múltiplas leituras aos seus ouvintes hipnotizados. Eles estão por toda parte: escolas, bibliotecas, creches, asilos de idosos, abrigos de crianças, de jovens, hospitais, feiras, congressos. Organizam-se em encontros, festivais, associações e rodas. Fundam espaços, ministram cursos, mantêm páginas na web, fórum de discussão virtual [...] Eles são os contadores de história do século XXI. Estão presentes nos quatro cantos do mundo. (BUSATTO, 2007, p.26)

Em tempos onde as informações e a tecnologia avançam e se multiplicam em frações de segundos, o aprendizado se torna cada vez mais difícil. Receber, filtrar e reter qualquer informação transformando-a em conhecimento é um desafio para todos nós.

Neste íterim surgem pessoas tentando resgatar uma tradição de séculos. Sem rumos certos, seguindo muitas vezes a intuição, levando a fantasia e a imaginação para aos quatro cantos do mundo. Acredito que os contadores de história são "loucos" que gritam no mar da "sanidade" e por incrível que pareça, são ouvidos. Estas palavras "loucas" que saem das bocas contadoras de história entram nos ouvidos "sãos" e embaralham os pensamentos, viram todos de cabeça para ar, atiçam as emoções e por consequência os sentimentos, rememoram tempos talvez nem existidos e, como num passe de mágica, promovem um tipo de aprendizado.

Para Matos (2005) o ressurgimento dos contadores de história se dá a partir da década de 1970 em vários lugares do mundo. As histórias que eram contadas nas rodas em volta da fogueira, debaixo da árvore, à beira do fogão a lenha, dentre outros lugares, são hoje também contadas em hospitais, empresas, livrarias, escolas, feiras literárias, praças, televisão, dentre tantos outros lugares onde os contadores de histórias contemporâneos se propõem a ocupar. Para Coentro (2008), há algumas distinções entre os contadores de histórias tradicionais e os contadores de histórias contemporâneos. Dentre algumas, ele ressalta o grau de escolaridade, os locais onde realizam suas apresentações, o público alvo, a forma como entraram em contato com as histórias.

Mesmo que com algumas características distintas, como o uso de técnicas, figurinos, adereços, os locais e públicos, o contador de histórias tradicional e o contemporâneo se encontram na forma de encantar as pessoas através das palavras.

#### **5.4 Os novos guardiões das pedras: O professor contador de histórias**

Este reaparecimento dos contadores de história se dá nos mais diversos lugares, mas a escola é de fato um lugar onde esta arte vem despontando cada vez mais.

Todavia, mudanças favoráveis vêm ocorrendo e iniciativas, principalmente no contexto educacional, acontecem em prol da narrativa oral. Começa a

aparecer nas escolas o espaço aberto para a chamada "hora do conto", com crescente receptividade positiva por parte das crianças e interesse dos professores para se dedicarem ao exercício da contação. (ARAÚJO, 2009, p.53)

Ao mesmo tempo em que muitos professores se interessam por usar a arte de contar histórias dentro de sala de aula, ainda existem aqueles que são resistentes, seja pelo tradicionalismo arraigado em sua prática, seja por achar que é uma arte para professores com dons artísticos aguçados, em especial o dom artístico cênico. O contador de histórias muitas vezes é confundido com o ator, e nesse ponto é preciso ressaltar que por mais semelhanças que haja entre estes dois ofícios, eles são distintos. O contador de histórias é apropriador da história, não está a serviço dos personagens, mas se serve deles.

O narrador é como um ator que incorpora personagens. Mas entre eles percebemos algumas diferenças: o ator decora o texto e segue as instruções do diretor; o contador deve absorver, incorporar e retransmitir a mensagem, mudar o texto de acordo com sua interação com a plateia. Apropriar-se de uma história é processá-la no interior de si mesmo. Recorrendo à própria memória, poderá perceber o quanto existe de si e de sua trajetória nas personagens do conto. (COSTA apud MEDEIROS, 2015, p.34)

A expressão corporal, vocal, o olhar dentre outros aspectos que o ator trabalha, também deveriam ser trabalhados pelo professor, pois este é um profissional que tem como instrumento principal de seu ofício o corpo e a voz. Obviamente os contadores de histórias podem usar técnicas e exercícios das Artes Cênicas para sua prática na narração, o que não necessariamente fará do contador de histórias um ator.

Outra distinção entre o contador de histórias e o ator, é que o primeiro é um narrador, não um personagem. Vez ou outra ele pode emprestar seu corpo e voz para um ou mais personagens, mas será sempre narrador daquela história.

Um ponto positivo na viabilização do uso desta arte em sala de aula é que na contação de histórias são necessários basicamente apenas três elementos: o contador, a história e o ouvinte. Todas as outras coisas que podem compor o momento da contação de histórias são meros acessórios para a exaltação da palavra.

Para contar histórias, é necessário haver um contador, um texto e um ouvinte – essa é a essência da contação de histórias. Outros elementos, como figurino, maquiagem, adereços, música etc., servem apenas como suporte para engrandecimento do texto. A oralidade e a imaginação são a matéria principal dessa arte: a oralidade, através da palavra do contador, deve vir plena, e a imaginação, de acordo com as histórias de vida, cria imagens para o ouvinte. (PESSOA apud MEDEIROS, 2015, p.34)

A simplicidade da contação de histórias talvez seja o ponto de partida para tanto encantamento despertado. E talvez diante de tanta simplicidade e encantamento, que pessoas em vários lugares, em diversos campos de atuação, procuram esta arte para se expressar.

Muito se tem falado em profissionalização do contador de histórias. Fleck (2009) fez um estudo sobre este tema, analisando os pressupostos do que é ser um profissional e fazendo um paralelo com os contadores de histórias contemporâneos. Neste estudo a autora conclui que apesar de não preencher alguns requisitos necessários para um profissional, "os contadores de histórias que exercem trabalho remunerado podem ser considerados profissionais" (FLECK 2009, p80).

Afora os contadores de histórias profissionais, mencionados por Fleck (2009), estudaremos aqui os contadores de histórias que estão dentro das escolas. Professores que usam a arte de contar histórias como ferramenta pedagógica para promover o ensino-aprendizagem.

O desenvolvimento da oralidade, da criatividade, da crítica, da formação moral entre vários outros, são competências que a contação de história pode propiciar. Numa história bem narrada, os sentimentos são aflorados, o que provoca processos associativos da memória fazendo com que a apropriação do conhecimento se dê de forma mais natural.

Destacamos a importância da contação de histórias como propulsora do desenvolvimento do pensamento nos diferentes níveis de ensino. É uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente, porque estimula a imaginação, instrui e desenvolve habilidades. A ludicidade das histórias no processo de ensino-aprendizagem torna o ato de aprender mais interativo, instigante e estimulante. Assim a criança sente-se motivada e, sem perceber, amplia e constrói seu conhecimento sobre o mundo. (MARTINS, 2011 p.124).

As histórias têm como característica "desdobrar-se" durante muito tempo na memória dos ouvintes. O professor que se propõe contar histórias deve ter a consciência do poder que contação de histórias tem. Esta possibilidade pedagógica deve vir acompanhada de prazer, curiosidade, desejo e, principalmente, deve ser

associada aos conteúdos curriculares de uma forma natural, e não obrigatória, o que por consequência pode torná-la chata.

Ao contrário do que muitos pensam, não é só o professor da educação infantil ou de literatura que pode usar a contação de histórias como metodologia de ensino, ela pode estar presente em qualquer aula, em qualquer nível de ensino.

“as narrativas de casos e contos podem ser aproveitadas em todas as atividades. Através dessas narrativas podem ser ministradas aulas de Linguagem, Matemática, Educação Física, com o máximo de interesse e maior eficiência”. (TAHAN, 1966 p.142)

Abramovich (1997) nos diz sobre esta interdisciplinaridade da contação de histórias destacando o aspecto do aprendizado informal.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc... sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Busatto (2003) vai ao encontro deste pensamento quando coloca a contação de histórias como um instrumento que ensina o aluno a conhecer sobre culturas diferentes, sobre História e Geografia permitindo ao aluno uma valorização da sua própria cultura e o respeito à diversidade cultural. A autora ainda nos diz sobre os valores universais presentes nas histórias, como justiça, verdade, solidariedade dentre outros, que sempre estão presentes nas histórias e serão refletidos no momento em que são contadas.

Cavalcanti (2002) nos diz que muitos professores gostariam de se tornar contadores de histórias, mas existem algumas pessoas que já nasceram para isto: “o bom contador de história é alguém que possui o potencial inato para fazer da palavra o canto mágico das narrativas” (CAVALCANTI, 2002, p.73). O mesmo autor diz, entretanto, que os que não têm esta aptidão inata, podem desenvolver alguns aspectos:

[...] podem se exercitar e apreender algumas técnicas, melhorando assim a performance de contador de histórias. Claro, nunca será aquele narrador que nasceu com a marca da palavra na alma. Porém, pode seguir algumas técnicas e alcançar um bom desempenho. O importante é que se exercite adequadamente para não cometer erros graves e comprometer a qualidade da narrativa. (CAVALCANTI, 2002, p.72-73)

O pensamento de Coelho (1995) vai ao encontro do autor sobre a aptidão inata e ao mesmo tempo, sobre o desenvolvimento desta aptidão.

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas. (COELHO 1995, p.9)

Contar histórias exige preparo e estudo. É um trabalho de pesquisa, de identificação, de autoconhecimento. Coelho (1995) acredita que com estudo, esforço e dedicação, todos podem usar esta metodologia e se redescobrirem em sua prática pedagógica.

Há professoras que pensam que não têm jeito para contar uma história. Se experimentarem, descobrirão qualidades novas em si mesmas, reacendendo a própria criatividade, o que as incentivará a modificar a prática de ensino, obtendo resultados positivos (COELHO, 1995. p. 11-12).

Dohme (2011, p.16) também ressalta que a arte de contar histórias é de fato algo que pode ser desenvolvido nas pessoas quando diz que "Contar histórias é uma arte, não há dúvida, mas é arte que pode ser desenvolvida." Assim, acreditamos que muito mais que dom, o estudo e preparação, são os elementos essenciais para a utilização desta metodologia em sala de aula.

Além disto, a simplicidade da contação de histórias é algo que pode facilitar muito na utilização da mesma em sala de aula. Muitas vezes não temos disponíveis tecnologias avançadas, recursos adequados para uma aula diferenciada. Quando utilizamos a contação de história não há este tipo de exigência. Como qualquer outro recurso que será utilizado para se dar uma boa aula, a contação de histórias deve ser bem preparada antes, mas no momento da ação, as exigências são mínimas.

"Contar histórias é o exercício de cidadania e a linguagem artística mais democrática que eu conheço: não exige um espaço fechado nem aparatos e tecnologia específicos. Basta um que conte e um que ouça. E pronto! O banquete está servido!" (SISTO, 2012, p.11).

Grande parte dos professores que utiliza a contação de histórias acredita que ela é uma grande incentivadora na formação de leitores, mas os motivos para se

contar histórias dentro de sala de aula não podem ser reduzidos só a este.

A contação de história pode ser usada como recurso de aproximação do aluno com a leitura, mas esse não pode e nem deve ser o único objetivo dessa tão rica e indispensável atividade, mesmo porque, não sendo dessa forma, limitaremos a contação de história a um mero recurso audiovisual. (BITENCOURT; MODESTO; ROCHA; 2010 p.16).

A utilização da contação de histórias em sala de aula pode desenvolver o raciocínio, caráter, imaginação, criatividade, senso crítico, ética, dentre vários outros aspectos. Segundo Dohme (2011):

Todas as histórias contribuem de uma forma ou de outra para a educação, porém diferenciam-se quanto à intensidade e características. Algumas desenvolvem a imaginação, outras o senso crítico, por exemplo. O mesmo se dá com a questão de valores. É preciso destacar os aspectos éticos de cada história para poder enfatizá-los na sua adaptação e narração. (DOHME, 2011, p29)

Além das habilidades, é importante ressaltar que as histórias também irão trabalhar os sentimentos e emoções dos alunos. Que como já vimos é fator essencial para aprendizagem.

As histórias possibilitam às crianças experimentarem emoções e conflitos, sem a necessidade de vivenciar situações concretas, na realidade. Este processo permite à criança refletir sobre sentimentos dolorosos, de medo ou de alegria. Neste sentido: [...] é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... Que saiba dar pausas, criar intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 21).

Assim, o trabalho do professor, em primeiro lugar, está em delimitar quais são seus objetivos, sua intencionalidade com a história que vai contar. Daí segue-se para o trabalho de pesquisa, de procura de histórias que possam levar a estas intencionalidades.

É importante lembrar que o caráter subjetivo da interpretação da história pode perpassar as intencionalidades propostas pelo professor, o que de forma alguma pode ser desconsiderado por ele. Nem sempre o que os alunos vão apreender, será o que estava nas expectativas do professor, o que pode ser muito positivo, daí podem surgir as trocas de experiências, de entendimentos de interpretações.

O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1985, p. 203)

Benjamin continua nesta perspectiva da subjetividade da interpretação, falando sobre a importância da mesma para a memorização, que como já foi ressaltado no capítulo da memória, é condição essencial para que ocorra o aprendizado.

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. O (BENJAMIN, 1985, p. 204)

O poder de desdobramento que a história é capaz de provocar no ouvinte é um campo aberto para o conhecimento, para a aprendizagem, porque está baseado na experiência, na vivência. Como resalta Benjamin (1985-b, p. 37) “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.” Nesta perspectiva, Machado (2004) nos fala um pouco sobre os sentimentos e apropriações que esse desdobramento pode provocar no ouvinte:

[...] pode nutrir, despertar, valorizar e exercitar o contato com imagens internas, abrindo possibilidades para que as questões das crianças estejam enraizadas no sentido de perguntar. Sua experiência pessoal de valores humanos fundamentais pode ser exercitada no contato com os contos tradicionais. Neles, cada narrativa expressa um caminho, um percurso de desenvolvimento, envolvendo necessidades, questões e conquistas: os desafios, provas e obstáculos permeiam as ações de heróis e heroínas que enfrentam situações em que valores humanos como coragem, liberdade, beleza, determinação e justiça subjagam o medo, a inveja, a covardia, a traição. Por meio de variadas situações humanas – desafios, exposição ao perigo, ao ridículo, ao fracasso, encontro do amor, enigmas, encantamento, humor -, os contos produzem efeito em diferentes níveis de apreensão: podem intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, perguntas, questões, provocar o riso, o susto, o maravilhamento. (MACHADO, 2004, p. 32.)

Abramovich (1997) também resalta os sentimentos que podem ser provocados quando se ouve histórias, sentimentos estes capazes de provocar

reflexão:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1997. p. 17.)

Assim como para preparar uma boa sopa, precisa-se de conhecer os ingredientes e saber prepara-los e cozinha-los em seu tempo certo, qualquer metodologia adotada em sala de aula, para alcançar seus objetivos propostos e dar bons resultados, deve ser bem estudada e preparada pelo professor. Com a contação de histórias não é diferente. Este estudo e preparação começam nos objetivos que se almeja alcançar, conforme já foi mencionado anteriormente, na escolha da história a ser contada, no estudo da mesma, além de alguns outros aspectos que abordaremos a seguir.

### **5.5 A escolha da pedra ideal: Precedentes técnicos da arte de contar histórias**

Machado (2004) frisa que não existe um "receituário" ou "manual" para se contar histórias, o que existem são propostas de estudo, dicas que auxiliam na prática da narração.

[...] muitos contadores de histórias podem estar interessados na aprendizagem estética como parte de sua ação cultural. Por isso, e não apenas por isso, não é possível, nem adequado, redigir um manual, um receituário ou qualquer coisa que se assemelhe a uma prescrição metodológica da arte de contar histórias. Ainda bem. (MACHADO, 2004, p.204)

Nesta perspectiva, a autora começa propondo o estudo do texto através da identificação de sua sequência. A autora compara o texto com uma locomotiva e seus vagões, sendo a locomotiva o ponto principal de onde decorrerão todos os outros acontecimentos (os vagões).

A primeira aproximação do contador de histórias ao conto a ser estudado é uma pergunta que se dirige aos vagões do trem e às ligações entre eles. É um exercício de síntese e articulação: cada parte, da primeira à última, liga-se às outras formando a sequência narrativa. Identificar cada parte é encontrar a questão narrativa que a define. (MACHADO 2004, p.44)

Assim, o contador vai identificando cada parte do texto, suas ligações, e fazendo uma pequena síntese de sequências lógicas, do início ao final da história. Após a identificação desta sequência, a autora passa para o segundo passo do estudo do texto que consiste em identificar o clima passado pela história. Os adjetivos empregados na história, segundo a autora, terão um papel fundamental para a identificação deste clima. Uma história não tem só um clima, mas vários, e é preciso identificar cada um deles. Esta identificação ajudará na questão do ritmo que a história será contada.

Identificadas as partes e os climas da história, a autora propõe o estudo dos personagens. Pensar nas características físicas e psicológicas que compõem cada personagem da história auxiliará o contador a vivenciar as emoções dos mesmos. "O contador de histórias, durante o relato desse conto, vive todos esses personagens, e é o modo como vê cada um deles que orienta sua voz, o ritmo e a respiração de sua narração" (Machado, 2004 p.59).

Rodrigues (2005), nos fala da mesma forma sobre a vivência dos sentimentos da história a ser contada quando diz:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

A mesma orientação pode ser vista em Coelho (1995), quando nos mostra a importância do estudo da história para a aquisição de confiança e vivência das emoções.

Quem se propõe a contar uma história, e a estuda tendo em vista as características dos elementos que a compõem, adquire maior confiança, familiariza-se com os personagens, vivencia emoções que poderá transmitir, fazendo as adaptações convenientes e trabalhando cada elemento com a devida técnica. (COELHO, 1995, p. 26)

Dohme (2011) também fará suas considerações sobre o estudo do texto a ser contado, sugerindo uma divisão do texto em partes (introdução, enredo, ponto culminante e desfecho), sugerindo ao contador que faça um resumo de cada uma

destas partes essenciais do texto, como apoio na hora da contação de histórias. Além disto, a autora ainda ressalta o conhecimento das características dos personagens dando ênfase à voz e corpo, como forma de encantamento na hora da apresentação.

Este é um instrumento muito útil em se tratando de narração de histórias infantis. O monstro fala grosso, grave, alto, pausadamente! O seu corpo é truculento, o que se consegue mostrar com as pernas afastadas e “arredondadas”, com o pescoço esticado movimentando-se em conjunto com a cabeça. A princesinha tem uma voz adocicada seus gestos são comedidos, graciosos, harmoniosos, como em uma postura de *ballet* clássico. Já uma criança fala fininho, sua gesticulação é vívida, agitada, e às vezes quem a representa dá até pulinhos. Outra característica muito usada para imitar uma criança é dispersar-se, de repente começar a olhar para outro lado ou interessar-se por outra coisa. A imitação de vozes de animais é fácil de se fazer e fica engraçado. (DOHME, 2011, p.46)

Outro ponto importante a ser observado pelo professor que se propõe a contar histórias é a observação e conscientização corporal. Em uma contação de histórias, o corpo também terá a função de comunicar ao ouvinte. Os gestos, a respiração, o olhar, a movimentação dentre outros, são aspectos que devem ser estudados e explorados. Mais que o figurino ou qualquer outro acessório usado na contação de histórias, o corpo, além da palavra, é o elo de comunicação entre o contador e o ouvinte. Matos e Sorsy (2009) nos falam sobre a sintonia do corpo e da palavra proferida.

Mas não se pode esquecer que a palavra do contador não é apenas falada; ela é mostrada pelo corpo, pelo rosto, em cada gesto. Todo o corpo deve estar em sintonia com cada palavra proferida. Deve haver concordância entre o que se fala com a boca e o que se fala com o corpo. Isso é possível quando se está inteiramente dentro da situação. (MATOS; SORSY, 2009, p. 35)

O conhecimento do próprio corpo, seus limites e possibilidades, suas identificações com a história, mostrará ao contador um caminho a ser traçado. Voltando a referenciar Machado (2004) quando nos diz que não há um "receituário", mas sim orientações, cada um que se propõem a contar histórias, deve achar procurar se identificar com as formas que mais se adéquam ao seu perfil. Um dos maiores erros das pessoas que se propõem a contar histórias é tentar imitar um outro contador. Encontrar seu jeito, seu perfil, seu corpo, sua voz na hora de contar histórias é o que fará a diferença. Busatto (2003) nos fala sobre a presença do

corpo na narração, dizendo sobre a importância de encontrar um estado de conforto e conscientização.

Algumas pessoas preferem contar histórias sentadas, outras em pé. A forma ideal é aquela em que você se sentir mais confortável. Se você optar por contar em pé esteja atento para que a sua movimentação não seja excessiva, pois isto poderá retirar a força do texto e dispersar a plateia. Experimente iniciar a narrativa parado, e sinta quando é chegado o momento de se locomover, deixando que o próprio conto lhe conduza para isso. [...] Se contar em pé nos permite maior flexibilidade, por outro lado também nos expõe mais. Precisamos estar conscientes deste corpo que se locomove, do seu peso e leveza. (BUSATTO, 2003, p.67-70)

O olhar também é um ponto a ser observado na hora de contar histórias. Segundo o ditado popular "os olhos são as janelas da alma", e realmente podem sê-lo na hora da narração. Olhar fixamente para o ouvinte passa credibilidade, mostra que o que está sendo narrado, foi e está sendo vivenciado. Enxergar uma árvore, um castelo, um monstro... tudo isto pode ser experimentado pelo ouvinte através do olhar do contador de histórias.

O olhar indica a altura da árvore, as mãos descansam e o movimento dos olhos modela o espaço. A face representa a dor de um cachorro ou indica que algo misterioso está por vir. Daí a representação torna-se a alma da narrativa oral, porque não basta narrar, é preciso dar vida às palavras, mergulhar nos sentidos das personagens. (FERNANDES, 2002, p.31.)

Tahan (1966 p.42), em suas orientações sobre o ato de contar histórias, ressalta a importância de estar atento a todos os ouvintes e "tratá-los com igual simpatia e com absoluta camaradagem". O que se concretiza também através do olhar. É preciso que cada um que esteja ouvindo a história, sinta que esta está sendo contada para ele. Assim o olhar do contador de histórias, além de enxergar o imaginário, também deve ser dispensado a todos, enxergar a todos, e não só àqueles que demonstram estar mais interessados.

Estar atento ao público, enxergar, fazê-lo parte integrante da história narrada é enriquecedor na hora da apresentação. A contação de histórias se torna ainda mais encantadora quando o contador interage com a plateia, "sabe tirar partido de qualquer anormalidade que ocorre durante sua narrativa" explica Tahan (1966, p.41). A narrativa nunca ocorre como planejamos, sempre há percalços no caminho e estes devem servir como apoio a narração, e não como interferência e motivo para dispersão. Assim, o ato de improvisar se torna indispensável na narração. A

improvisação se dá quando se sabe observar e é, segundo o autor, como uma presença de espírito, que faz com que narrador interaja qualquer interferência vinda do público ou do próprio ambiente onde está acontecendo a apresentação, sem alterar a dinâmica da narrativa. A experiência é a escola da improvisação, quanto mais se conta histórias mais se adquire experiência, e mais se está preparado para improvisar. Zumthor (2010) fala sobre a importância da improvisação.

O improvisador possui o talento de mobilizar e de organizar rapidamente materiais brutos, temáticos, estilísticos, musicais, aos quais se juntam as lembranças de outras performances, e frequentemente, de fragmentos memorizados de escrita. (ZUMTHOR, 2010, p.254)

Aproveitar risadas, bocejos, barulhos, intervenções ou quaisquer outras ações que aconteçam no ambiente, e fazer com que isto faça parte da história, torna a mesma mais viva, interessante e chama a atenção do ouvinte.

Obviamente, evitar que os elementos dispersivos aconteçam é muito importante. Não é possível prever tudo que possa distrair o público, mas é possível ter o cuidado com coisas que geralmente causam esta dispersão. Isto se dá no momento da preparação, quando se pensa em palavras e expressões que possam distrair, quando se pensa na postura corporal, na roupa e acessórios que serão usados na narração e também no local onde a história será contada.

Na escola, é preciso lembrar que qualquer espaço utilizado para a contação de história deve ser ressignificado. Não é interessante que os alunos vejam aquele momento como mais uma atividade que devem participar, mas como uma atividade que querem participar. Contar histórias com alunos sentados na carteira, enfileirados, é fazê-los pensar que ali é mais uma atividade que devem prestar atenção, assim como todas aquelas que acontecem da mesma forma. Ressignificar o local é mudar de posição, explorar o espaço de outra forma, ver novas possibilidades dentro do mesmo espaço. Busatto (2003) nos fala deste espaço da seguinte forma:

Um espaço fechado cria uma sensação de aconchego, e o ideal é que as crianças fiquem à vontade, sem limites como cadeiras ou carteiras. Coloque-as sentadas num semicírculo, sendo que é você quem irá completar o círculo deslocando-se de lá para cá. O círculo é um símbolo de integração, da totalidade. Uma figura perfeita sem arestas, sem pontas. (BUSATTO, 2003, p.72)

Mas a autora não descarta que a história possa ser contada em outros espaços, ressaltando que o importante é que todos estejam juntos. "Porém nada nos impede de contar histórias embaixo de uma árvore, ou quem sabe em cima; ao lado de uma fogueira, um lago, ou de uma cama. Sempre juntos, juntos, juntos" (Busatto, 2003, p. 72).

Quando se opta por contar histórias dentro da sala de aula, principalmente quando nosso público alvo são as crianças, que se distraem mais facilmente, é preciso ter alguns cuidados especiais com o espaço. As salas de aula geralmente estão cheias de cartazes, figuras, objetos. Procurar um lugar dentro desta sala que esteja mais limpo de aspectos visuais, ou mesmo cobrir estes espaços para que não se dispersem facilmente, colabora em muito na concentração das crianças.

Perceber as qualidades do espaço onde a história vai ser contada é muito importante. Se o espaço for interno, é preciso olhar em todas as direções e escolher o lugar, levando em consideração suas possibilidades de acolhimento da situação narrativa. Uma parede cheia de cartazes, prateleiras, desenhos, reproduções de personagens de Walt Disney não serve como fundo para o contador. É preciso uma parede limpa, ou um lençol estendido sobre ela, um espaço neutro para que as imagens das crianças possam se projetar sem a interferência de elementos alheios à história. (MACHADO, 2004 p. 78.)

O uso de uma linguagem adequada, também é um aspecto importante a ser abordado. As crianças precisam de uma linguagem mais simples, o que não quer dizer pobre, pois elas precisam conhecer palavras diferentes. Os adolescentes e adultos precisam se identificar com as palavras contadas. Na preparação da história deve-se pensar no público ouvinte, preparar a narrativa de forma que fique compreensível e tenha significado para quem ouve. O uso constante das "muletas de linguagem"<sup>5</sup> como: tipo assim, né, daí... dentre outras, pode fazer da narração algo extremamente cansativo para o ouvinte:

Nada é mais desagradável que uma narrativa morna, ou que segue aos solavancos, que abre espaço para o bocejo, desconcentração e faz a mente divagar indo para espaços distantes daqueles sugeridos pelo texto. Isto gera incômodo na plateia. Esses escorregões podem ser detectados quando não temos o domínio da sequência do texto, e repetimos inutilmente os *né, então, daí*, expressando distração e desconforto (BUSATTO, 2003. p. 65.)

Encontraremos várias recomendações nos diversos autores que falam sobre

---

<sup>5</sup> Expressões da moda usadas na linguagem falada.

o tema. Cavalcanti (2002) resume suas orientações dizendo sobre a importância de se conhecer bem o texto, de preparar os ouvintes para a hora do conto, impostar a voz e usar variações da mesma e do corpo na narração dos personagens, lembrando sempre que a naturalidade e a espontaneidade do narrador são elementos de encantamento. A autora ainda observa a atenção que o contador deve ter ao seu ouvinte, em suas ações e reações. Para Tahan (1966), o êxito da narrativa se dá na conjunção de alguns fatores essenciais, como a habilidade na hora de narrar, a apresentação da história, a situação que o local e os ouvintes estão, o conteúdo da história e uma duração razoável da narrativa.

Lazier (2010) também faz um resumo de orientações, frisando a importância destas para que a história faça sentido para o ouvinte, e possa provocar nele as emoções e os desdobramentos próprios da história.

Contar história é mensagem de arte, beleza e emoção, capaz de projetar a criança para além do universo cotidiano, criando a vida que ainda poderá ser vivida. Por isto a expressão, improvisação, pausas, altura da voz, emoção, ritmo e olhar são elementos fundamentais ao se contar uma história, pois eles darão o tom, levarão o ouvinte a imaginar e dar sentido ao que se está ouvindo. (LAZIER, 2010, p.46).

Contar bem uma história não é uma tarefa fácil, e a habilidade e segurança não se alcançam do dia para a noite. É preciso estudo, dedicação, experiência. Bortolin (2010), em sua pesquisa sobre os bibliotecários que contam histórias faz a seguinte observação.

A segurança e a desinibição do leitor-narrador é uma questão pessoal a ser construída na medida em que ele vai vivenciando o ato da narrativa oral. Portanto, quanto mais experiência, maior o controle de suas emoções e domínio da atividade. Sugiro começar lendo textos e, gradativamente realizar a narração. O importante é que o leitor-narrador esteja ancorado no texto, dominando-o para ter maior segurança. (BORTOLIN, 2010, p.199)

Dedicação, treino, tentativas para se adquirir experiência, estudo... tudo isto, como já foi dito, faz parte deste despertar do contador de histórias interior. Todos nós já contamos histórias. A diferença é que não temos uma intencionalidade clara e uma preocupação com os efeitos e desdobramentos que esta história vai causar no ouvinte. Contamos histórias em casa, em uma roda de amigos, para os filhos, mas muitas vezes não estamos conscientes de nossas ações corporais, das palavras que saem de solavanco, de nossos olhares, e de todos os outros aspectos

que também compõem esta narrativa informal. Se propor a contar histórias com o propósito de contribuir no processo de ensino-aprendizagem, é buscar toda esta consciência corporal e vocal, para que a narração possa ser de fato um instrumento para a reflexão. Não há um modelo de narração que possa ser considerado o melhor, ou o mais produtivo, há um apoderamento da história que é particular de cada contador, e é este apoderamento, dialogando com a própria história do narrador, que faz com que a narração preencha de encantamento seus ouvintes. Simões apud Bernardini (2006) assim fala sobre esta questão:

O contador, é sabido, não é prisioneiro de um modelo fixado, em verdade ele apodera-se do que já se cristalizou pela tradição oral e, assim como um artista genuíno, atém-se à partitura, mas não invalida uma interpretação particular, transformando-a, ao contar, em espécie de caixa de ressonâncias, em que se reúnem as tantas informações presentes em performances passadas, mas soando para o ouvinte, do momento, como verdade inédita. (SIMÕES apud BERNARDINI, 2006, p.151).

Montenegro (2001) sintetiza a capacidade de contar histórias em dois fatores essenciais:

A capacidade de narrar uma história, um fato, uma experiência ou mesmo um sentimento está associada a dois fatores: por um lado, à descrição dos detalhes dos elementos que são projetados, de forma tão viva e rica que se assemelham a um quadro que vai sendo redesenhado às nossas vistas: por outro lado, à capacidade de recuperar o lado imaginário do que era vivenciado individual e coletivamente em relação ao acontecimento narrado. Na associação dessas duas ordens de fatores (a descritiva e a imaginária) descobrem-se as condições básicas de um narrador. (MONTENEGRO, 2001, p. 152.)

Quando o contador é capaz de se encantar e enxergar o que descreve, certamente ele alcança o imaginário dos seus ouvintes e o faz "redesenhar" a história em todas as suas nuances. Souza (2008), nos fala sobre o prazer de ouvir uma história bem contada, enfatizando a troca de experiências entre o contador e seus ouvintes:

Quem já teve o privilégio de ouvir histórias da boca de um contador expressivo tem noção do prazer que é compartilhar de uma reunião onde a inventividade e a imaginação se manifestam através de uma linguagem livre, especial, porque envolvente. Uma prática que possibilita o intercâmbio contínuo de experiências entre o contador e o(s) ouvinte(s), todos envolvidos em um mundo fictício onde prevalecem o riso, o encantado, a fantasia, o mistério (SOUSA, 2008, s.p.).

Encerrando as considerações sobre o que chamamos de propostas de estudo para o contador de histórias, vale novamente frisar alguns dos efeitos que a história pode nos causar. Nesse sentido, Manguel (2008), nos fala sobre o efeito maior que uma história pode causar: a consciência da própria existência.

[...] as histórias podem vir em nosso socorro. Elas podem curar, iluminar, indicar o caminho. Sobretudo, podem nos recordar nossa condição, romper a aparência superficial das coisas, dar a ver as correntezas e abismos subjacentes. As histórias podem alimentar nossa mente, levando-nos talvez não ao conhecimento de quem somos, mas ao menos à consciência de que existimos – uma consciência essencial, que se desenvolve pelo confronto com a voz alheia. (MANGUEL, 2008. p. 19.)

## **5.6 Transformando as pedras: Reconto**

O trabalho com a contação de histórias dentro de sala de aula não termina na finalização da narração. No momento que acabam as palavras do professor contador de histórias, começam os pensamentos, ações e palavras dos alunos ouvintes, é a hora do reconto.

Chamamos de reconto, as atividades pós contação de histórias, que promovam a reflexão sobre a história contada. O reconto é de fundamental importância para o professor que se propõem contar histórias, pois é através dele que se amplia e observa a aquisição de conhecimentos que a história proporcionou ao aluno.

Das várias atividades que podem ser propostas aos alunos, estimular o aluno a recontar oralmente a história ouvida é de suma importância para podermos avaliar o entendimento, a sequência lógica e a representação que a história teve para o aluno. Estimular não é obrigar, é despertar o ânimo, incentivar. Neste sentido, o aluno deve querer se expressar, o interesse deve ser despertado, caso contrário isto se torna uma obrigação, e quase sempre o que é obrigado, não dá prazer. Outro aspecto importante a ser lembrado é que no momento do reconto, os objetivos que o professor quer alcançar, os conteúdos que quer trabalhar, as avaliações que quer fazer sobre o aluno, não devem ser expressas de forma explícita, caso contrário, o aluno pode se sentir como se estivesse passando por um teste, o que para alguns pode não ser uma boa experiência. Coelho (1995), nos chama a atenção sobre o aspecto deixar com que as histórias cumpram a sua

função educadora, sem precisar que os professores explicitem ou forcem esta ação.

A história alimenta a imaginação da criança há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem – “se ficarem quietos, com uma história”, “se isso”, “se aquilo...” – quando o inverso é que funciona. A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças. Se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas. (COELHO, 1995, p.12)

No reconto oral, o aluno vai percebendo que a história tem uma sequência lógica de acontecimentos, tem um "esquema" como nos diz Zanotto (2003), que ressalta a importância do reconto oral feito pela criança da seguinte forma:

Ao ouvir uma história, as crianças percebem a sua sequência e, ao reconstruírem mentalmente suas partes, quer para lembrá-la, quer para recontar para outrem, desenvolvem um *esquema de histórias*, que é a representação mental que nós temos do que seja uma história, isto é, uma representação das suas partes (*cenário* – onde e quando acontece e quem são os personagens, *tema* – sobre o que é a história, *enredo* – a trama da história, *resolução* ou *final* – como se dá o desfecho) e da conexão entre elas e que nos permite lembrar, compreender e mesmo criar histórias originais. Em termos literários, trata-se do aprendizado de narrativas. (ZANOTTO, 2003, p.5-6)

Além do trabalho de memorização, esquema narrativo, e da própria possibilidade da recriação de novas narrativas, Zanotto (2003, p.6) nos diz que: "O recontar histórias também possibilita que as crianças desenvolvam uma estrutura de linguagem interna mais sofisticada do que a usada na vida cotidiana, aprimorando tanto a linguagem oral quanto a escrita".

No prefácio do Livro Desenvolvimento do discurso narrativo, De Lemos (1992) também enfatiza sobre a importância da aquisição da narrativa nas crianças:

Não há como deixar de reconhecer [...], que a aquisição da narrativa é um indício importante de uma nova relação da criança com a linguagem. É o momento em que ela não depende mais da interpretação/enunciado imediato do outro/interlocutor, em que a progressão de seu discurso já repousa sobre sua própria possibilidade de, interpretando o já dito, lançar o que está por dizer. (DE LEMOS, 1992, p.8)

Assim, o exercício do reconto oral para a criança, é de suma importância para seu desenvolvimento cognitivo, lógico, criativo e reflexivo. Neste exercício de oralidade, Zanotto (2003, p.8), nos coloca a importância da intervenção do professor

no que diz respeito ao auxílio da rememoração e da sequência lógica das histórias. A criança precisa de orientações, de perguntas que estimule as lembranças. "Perguntas do tipo *E daí?* ou *O que aconteceu depois?* auxiliam a criança a relembrar." E mesmo quando a criança não consegue iniciar a narração, a autora propõe que sejam feitas perguntas sobre o local, personagens, ações, que possibilitem a criança a se expressar. Sempre tendo o cuidado de não fazer daquelas perguntas um momento de arguição: "Se a criança não se lembra, o professor a auxilia a relembrar, dá pistas e, mesmo em alguns casos, reconta a história junto com ela. (Lembremos que não é uma arguição)". (ZANOTTO 2003, p.8).

As atividades em torno do reconto devem girar em torno do prazer, não da obrigação. Variar as atividades, perceber quando os alunos já começam a ficar esgotados, deixar com que eles proponham ideias para o reconto, são estratégias que devem ser tomadas pelo professor. É sentindo prazer em fazer o reconto que o aluno demonstra os aspectos que foram evoluídos em sua oralidade e, para os já alfabetizados, também em sua escrita. Estes aspectos são facilmente percebidos pelo professor.

À medida que a criança reconta muitas histórias, é notória a maneira como ela melhora no seu recontar, particularmente se se trata de uma história que seja a favorita da criança. Não é o caso de ensinar especificamente as crianças a recontar histórias. Ainda que seja uma atividade importante, é preciso cuidar para que o recontar não cause aversão e o bom senso do professor vai indicar se a tarefa está sendo difícil ou aborrecida para a criança. (ZANOTTO, 2003, p.8)

Zaccur (2001) mostra que o reconto possibilita a transposição do aluno ouvinte para o aluno contador de histórias, ressaltando a importância da apropriação que este faz, não só da história, mas como também dos recursos que são mais expressivos na oralidade.

Penetrando no mundo habitado pela palavra do outro, as crianças tomam a iniciativa de pedir, tomar e recriar o que lhes parece belo e necessário à vida. Em pouco tempo a criança passa de ouvinte à contadora de histórias. Ao narrar, costuma se valer dos recursos expressivos que apreciou e dos quais se apropriou: a entonação, o gesto, o colorido da fala sublinhando as passagens. (ZACCUR, 2001, p.48)

O Referencial curricular nacional da Educação infantil (RCNEI) também

ressalta a importância do reconto na criação da releitura da criança.

Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. (BRASIL, 1998 p.144).

O reconto possibilita o ato criativo da criança em cima do que foi contado. No reconto o professor deve possibilitar ao aluno uma apropriação da história a ponto de fazer com que ele se sinta, não só capaz, mas incentivado a criar novas possibilidades para a história. Araújo (2009) faz uma consideração sobre esta possibilidade de recriação através do reconto da seguinte forma:

“Quem conta um conto aumenta um ponto”, provérbio popular que revela um “inédito”, sempre latente nas histórias que são contadas e recontadas. Isso se presentificou no recontar das crianças, pois no ato de ouvir, pensar e recontar histórias, a criança intui que em cada conto recontado sempre há a possibilidade de surgir algo novo. Além de diverti-las, esse fato habilita-as à criação, e de alguma forma, isso pode ser um dos motivos de as crianças gostarem tanto de ouvir e contar as mesmas histórias, repetidas vezes: a brecha para o novo, o que não foi posto. (ARAÚJO, 2009, p.131)

Outras atividades de reconto como o desenho da história, a teatralização, a confecção dos personagens, dentre várias outras, devem fazer parte das práticas do professor dentro de sala de aula. Variar as atividades possibilita trabalhar os diversos aspectos que a história pode proporcionar, além de não deixar a aula enfadonha.

As possibilidades do reconto aqui descritas parecem estar relacionadas apenas a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, mas como já mencionado, a contação de histórias pode ser uma metodologia usada em qualquer nível de ensino, basta saber escolher a história certa para o público certo. Assim também, as atividades de reconto devem ser escolhidas de acordo com a idade e os objetivos que se quer trabalhar. Andrade e Grando (2007) relatam em sua pesquisa a experiência da contação de histórias e das atividades de reconto nas aulas de matemática. O reconto proposto pelas pesquisadoras em sala de aula se dava através e registros em desenhos e grupos de discussão para resolução de

problemas propostos após ouvir a história. Depois das atividades realizadas as autoras fazem as seguintes considerações:

Notamos que, na história que envolvia diretamente conceitos matemáticos, como o Negrinho do Pastoreio foi possível mobilizar e produzir sentidos e significados quanto à matemática em si e ao contexto no qual a história se inseria.

Entendemos que esses aspectos não estão desvinculados, mas possibilitam um redimensionamento quanto ao processo de ensino e aprendizagem da matemática, uma vez que a matemática não pode e não deve ser alheia aos problemas dos alunos, é necessário fazê-los pensar sobre esses em uma perspectiva matemática, com o objetivo de atribuir um sentido pessoal à significação social da resolução de problemas na escola (ANDRADE; GRANDO, 2007, p.18).

E depois prosseguem dizendo:

A dinâmica de desenvolvimento das aulas com o contar histórias contribuiu para os alunos, durante a socialização, mobilizar conhecimentos de outras áreas e refletir sobre suas estratégias. O aspecto da interdisciplinaridade, tão relegado nas aulas de matemática, esteve presente durante a aplicação da história virtual do conceito. Evidenciou-se que as aulas de matemática nesta perspectiva desencadeiam outros conhecimentos científicos que podem e devem ser estudados na escola. (ANDRADE;GRANDO, 2007. p.19)

As autoras enfatizam a produção de sentido e significado que a educação deve promover, mostrando que isto foi possível através do conto e do reconto. Elas também ressaltam o ensino da matemática através do uso da contação de histórias, mas destacam o aspecto interdisciplinar que a metodologia proporcionou.

Outro relato que contribui com este estudo é o de alunos de licenciatura do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras, que cursavam a disciplina de Metodologia do Ensino em Zoologia e propuseram a Contação de histórias como recurso para o ensino de conceitos de seleção natural e evolução biológica no ensino fundamental II. As atividades foram propostas por um grupo de alunos e desenvolvidas e analisada pela turma. Os autores da pesquisa assim concluem:

De acordo com o trabalho apresentado e as reflexões feitas pelos alunos da disciplina, percebeu-se as contribuições que a “Contação de Histórias” pode oferecer. Ao somar-se benefícios como o do trabalho em grupo, conhecimentos prévios e arte, pode-se perceber um grande potencial para quebrar as barreiras referentes ao ensino e a aprendizagem dos conceitos ligados à Evolução Biológica. Além disso, percebeu-se na “Contação de Histórias”, uma forma de instigar os alunos à criatividade e ao despertar da imaginação. Considera-se que nesse trabalho foi possível aproximar não só professor e aluno, mas também, o aluno do conhecimento, de forma lúdica

interessante e menos conflitante do que as formas tradicionais. Sendo assim, a "Contação de Histórias" se reforça como uma estratégia pedagógica útil para auxiliar o professor na construção do conhecimento por parte dos alunos. ( ANJOS; HEITOR e JUNIOR, 2014 p.872)

Estas e várias outras pesquisas já realizadas como a de Blos (2007) intitulada: "Narrativa oral: uma arte milenar", que tem como objetivo investigar se a contação de histórias motiva a prática de leitura e pode servir como ferramenta para a aquisição do conhecimento nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio. Como a de Klein (2009) que pesquisa a contação de histórias como interação nas aulas de inglês e também como aquisição de linguagem, podem validar a importância do conto e reconto dentro de sala de aula como um propiciador da aquisição do conhecimento.

### **5.7 A preparação dos novos guardiões: A formação do professor contador de histórias**

Machado (2004 p.68) diz que "ninguém pode ensinar uma pessoa a ser uma boa contadora de histórias e, ao mesmo tempo, qualquer pessoa pode aprender a contar bem uma história". A autora argumenta sua afirmação dizendo que muitos professores que procuram os cursos de contação de histórias querem respostas para perguntas como: quais as melhores técnicas que devem ser usadas, como prender atenção da plateia, qual tipo de história deve ser contada. Segundo a autora, estas perguntas não têm respostas definitivas, prontas, e vai depender de uma série de fatores particulares. Para Machado, a pergunta principal que deveria ser feita é: "por que contar?" É a partir desta pergunta que se acha a intencionalidade e para ela: "A intenção é que move e dá sentido à experiência de contar histórias." (MACHADO 2004 p.69).

Partindo destas reflexões de Machado (2004), passamos aqui para uma análise sobre a formação do contador de histórias, mais especificamente, a formação do professor contador de histórias. No Brasil ainda não temos uma formação regulamentada e sistematizada para contadores de histórias. A maioria dos cursos existentes são livres e informal, conforme explica Patrini (2005), porém nos últimos anos têm surgido alguns cursos de especialização (pós-graduação lato sensu), e aperfeiçoamento no ensino superior, mas estes ainda são poucos. Os cursos de Pedagogia e Letras de algumas faculdades também oferecem em sua

grade curricular disciplinas ou oficinas sobre o tema.

Sisto (2012) acredita que é necessário uma escola de formação para contadores de história, que contemplem em sua grade curricular básica disciplinas como: teoria crítica, crítica literária, história geral da literatura, história da literatura infantil e juvenil, assim como expressão corporal, vocal, técnicas de relaxamento e formação de repertório. Para além de cursos profissionalizantes, que é a recomendação do autor, muitos pesquisadores acreditam que a contação de histórias deve estar integrada na formação inicial dos professores.

Elencamos dois pesquisadores que estudaram sobre o assunto: Fonseca (2004) e Pacheco (2009).

Fonseca (2004) escreve uma dissertação intitulada "'Era uma vez"... A prática docente revisitada pela contação de histórias." Na pesquisa, a autora tem como objetivo "investigar a prática dos professores que frequentam o curso de formação continuada, buscar novas possibilidades e perspectivas para a prática docente, através da ação de contar história." Fonseca (2004 p.12). A autora faz uma investigação sobre a prática pedagógica de professores que já fizeram ou fazem cursos de contação de histórias, a fim de saber se houve modificações em relação a utilização da desta metodologia em sala de aula.

Fonseca (2004) conclui que as formações contribuem para "tornar o docente competente para o uso da prática de contar histórias", e destaca que através da prática de contar histórias em sala de aula, há uma mudança na postura do professor. Além disso, a autora ressalta que a contação de histórias é capaz de estabelecer "uma relação afetiva e lúdica" entre professor e aluno, trazendo um olhar mais amplo do ser.

... como metodologia, o contar histórias contribuiu favoravelmente para a mudança de postura dos professores que se propuseram a participar do curso na formação continuada e para o estabelecimento de relações pedagógicas onde o ser é focado em suas dimensões totalizadoras, onde cognição e afetividade encontram-se entrelaçadas num mesmo ponto de intercessão. A formação de professores pode contribuir para tornar o docente competente para o uso dessa metodologia, bastando, para isso, implementar propostas de cursos que contemplem esse universo de ação. (FONSECA, 2004, p.87)

Em consonância com este estudo, Pacheco (2009) faz uma pesquisa intitulada: "A formação de professores contadores de história, como proposta para o letramento e desenvolvimento de oralidade, leitura cognição e afetividade." Nesta

pesquisa a autora revela que a inquietação sobre o estudo aprofundado do tema se deu quando foi ministrada uma oficina prática sobre contação de histórias em uma Instituição de Ensino Superior - IES em Belém do Pará. A oficina era oferecida pela IES para o curso de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa, e segundo a autora, em 2008, eles se depararam com uma "situação inusitada" segundo suas palavras. A turma a qual seria oferecida a oficina fez um abaixo assinado pedindo o cancelamento da oficina, alegando, entre outras coisas, que o público preferencial da oficina seriam os professores da Educação Infantil. A autora ainda cita a "resistência e hostilidade" dos alunos, antes mesmo da oficina ser iniciada. Diante desta inquietação, a autora propõe uma pesquisa onde desenvolve uma oficina de 30 horas intitulada "A arte de contar histórias" para graduandos, tendo como objetivos:

1. Atuar na formação identitária dos graduandos do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa;
2. Oferecer subsídios teórico-metodológicos da prática de contar histórias, para que esse futuro professor tenha competência para utilizar esse recurso em sala de aula;
3. Fornecer as bases teóricas bem definidas que permeiam tal prática, como a teoria de gêneros discursivos orais, letramento e PCN;
4. Mostrar ainda ao licenciando a contação de histórias como procedimento capaz de proporcionar desenvolvimento afetivo e cognitivo aos futuros alunos, e ainda possibilidades de que sejam trabalhados aspectos como a valorização da identidade cultural, especificamente da região amazônica. (PACHECO, 2009 p.13)

A autora faz a opção metodológica da pesquisa-ação, oferecendo a oficina e coletando dados através de questionários para saber se "após o contato com as orientações prático-teóricas houve mudança na visão do graduando." (PACHECO, 2009, p.14).

Em suas conclusões a autora fala sobre a mudança de conceito dos alunos sobre o tema, "... pudemos verificar a ressignificação do pensamento do graduando que não valorizava a contação de histórias por ter pouca vivência e não conhecer as teorias que fundamentavam tal prática" (PACHECO, 2009, p.72), assim como a importância de se trabalhar o tema na formação dos professores.

"A partir do momento em que foi aplicada a oficina, dando subsídios teórico-práticos para esses licenciandos, eles passaram a ter sua visão modificada e a perceber que se consubstanciava como uma formação importante em sua construção identitária profissional" Pacheco (2009 p. 72).

A autora também diz que a implementação de uma oficina "de caráter teórico-metodológico" nos cursos de licenciatura, "pode representar uma perspectiva transformadora, que poderá contribuir também para a (re)construção do saber e principalmente do saber-fazer." (PACHECO 2009, p.72-73).

Por fim, Pacheco (2009) sugere aos cursos de licenciatura que não tenham em sua grade curricular um estudo sobre o tema, que sejam oferecidas oficinas, propiciando assim, a prática da contação de história para os futuros professores.

Existem outras pesquisas que direta ou indiretamente vão tratar sobre a formação de contadores de história, como as de Seidel (2007), Santos (2009), Silva (2011), Bortolin (2010) entre outras. Todos estes estudos, mesmo que com objetivos diferentes, ressaltam a importância da formação para se contar histórias, algumas especificamente, sobre a importância desta na formação inicial do professor.

Segundo Rossoni (2013):

Para os educadores, futuros agentes de leitura, professores comprometidos com a qualidade educativa, profissionais criativos, instigantes, perspicazes, seria indispensável o conhecimento sobre as possíveis formas de se trabalhar com a contação de histórias em todos os níveis escolares, em todas as disciplinas curriculares, enfim dentro do contexto educativo. Para tanto, é desejável que isso ocorra já na formação inicial, nos cursos de Pedagogia, Letras, Matemática, História, Geografia, Ciências, Química, Física, Ed. Artística, Ed. Física, entre outros, para que o cenário atual seja modificado e haja maior viabilidade de qualificar a educação. Rossoni (2013 p.63)

Destaca-se aqui, a importância desta formação não só nos cursos de pedagogia, mas em todas as licenciaturas, no intuito de propiciar aos futuros professores uma metodologia que possa contribuir em sua prática pedagógica. Dentro de sala de aula, são vários os recursos, instrumentos e metodologias que podemos utilizar na promoção do ensino-aprendizagem, a contação de histórias se mostra como uma metodologia eficiente, capaz de promover várias habilidades e ensinamentos nos diversos níveis e modalidades de ensino que temos.

### **5.8 Os ingredientes principais e a pedra: Neurociência e contação de histórias:**

O aporte teórico escolhido para fazer esta pesquisa traz em seu início algumas noções básicas da neurociência no que diz respeito à aprendizagem.

Trilhando o caminho da concepção de memória, da influência dos sentimentos e emoções sobre esta, e da culminância destes processos que é a aprendizagem, assim como os estudos feitos sobre a contação de histórias, seus pré-requisitos e características, os efeitos e desdobramentos que ela pode provocar no aluno, podemos perceber que esta é uma metodologia que pode colaborar com o processo de ensino-aprendizagem.

Além do fator de socialização que as rodas de histórias proporcionam, elas contribuem para a utilização da linguagem, para a evocação da memória, para a atenção sustentada e a aprendizagem em si. (HIGUCHI; MATOS, 2012 s.p.)

É certo que o exercício físico é capaz de transformar o nosso corpo, moldando-o. O exercício mental também pode transformar nossos processos cerebrais. É através de estímulos que o cérebro realiza as sinapses e estas podem vir a provocar o desenvolvimento cognitivo. É pensando no cérebro como uma estrutura moldável, capaz de se transformar, de se modelar, que se deve promover o estímulo nos alunos desde cedo. Ao estimular a criatividade, a imaginação, estímulos estes bem trabalhados pela contação de histórias, como já vimos, promovemos o desenvolvimento não só da inteligência, mas também do desenvolvimento social e afetivo.



## 6 OS INGREDIENTES DA SOPA: METODOLOGIA

O presente capítulo vem apresentar a metodologia de pesquisa que serviu de base para este estudo, cujo objetivo principal foi analisar a contação de histórias como instrumento e metodologia para a aprendizagem, assim como analisar a formação do professor contador de histórias. Para isso, apresentaremos a seguir as bases teórico-metodológicas utilizadas, os métodos e os instrumentos de coleta de dados e o perfil dos sujeitos investigados.

Segundo Lüdke e André (1986, p.4) "o papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa.". Assim, procurou-se estabelecer uma relação entre o conhecimento adquirido na prática, muitas vezes de forma intuitiva, com os conhecimentos que se evidenciaram na pesquisa através do referencial teórico escolhido para embasá-la, e também da observação, coleta de dados em campo e a análise dos mesmos.

Optou-se por uma pesquisa de caráter qualitativo. Esta opção se justifica em Godoy (1995), que diz que a pesquisa qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. Essa flexibilidade apontada pelo autor, junto ao rigor necessário de uma pesquisa científica, vai ao encontro do objeto da pesquisa, a contação de histórias, onde criatividade e imaginação são primordiais para sua existência e também foram essenciais para a pesquisa desse fenômeno.

Para Godoy (1995), a pesquisa qualitativa:

Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p.58)

Assim, a pesquisa foi sendo construída ao longo de seu desenvolvimento, no contato com a escola, professores, alunos, e com a prática da contação de histórias.

### **6.1 O motivo principal para fazer esta sopa: Objetivo geral**

Analisar a contação de histórias como instrumento e metodologia para a aprendizagem, assim como analisar a formação do professor contador de histórias.

### **6.2 Outros motivos: Objetivos específicos**

- Refletir como se dá o processo de memória e aprendizagem segundo a ótica dos professores participantes.
- Averiguar os pontos de vista dos participantes sobre teorias e práticas de formação em contação de história.
- Investigar os efeitos e desdobramentos da contação de história nos alunos sob a perspectiva de professores e alunos.
- Investigar, sob várias perspectivas, a prática da contação de histórias com os professores que já utilizam este recurso.
- Analisar o processo de formação em contação de histórias na ótica dos professores.

### **6.3 Fazendo a sopa: Pesquisa de campo**

Foram convidados professores que usam a contação de história como metodologia de ensino em dois seguimentos da Educação básica: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Esse recorte se deu com o objetivo de mostrar que a contação de histórias não é um recurso utilizado apenas na Educação infantil. Um dos respondentes do questionário foge a esta regra, pois além de lecionar no Ensino Fundamental, também leciona no ensino médio, utilizando a metodologia em ambos os segmentos. O questionário do mesmo permaneceu na pesquisa por contribuir ainda mais com o pressuposto que a contação de histórias não é uma metodologia apropriada apenas para Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A pesquisa se dividiu em dois momentos:

#### **6.3.1 Primeiro Momento:**

Foi elaborado um questionário (apêndice A), que tinha como intenção

principal, investigar a prática de professores que contam histórias dentro de sala de aula, assim como o processo de formação dos mesmos para esta prática.

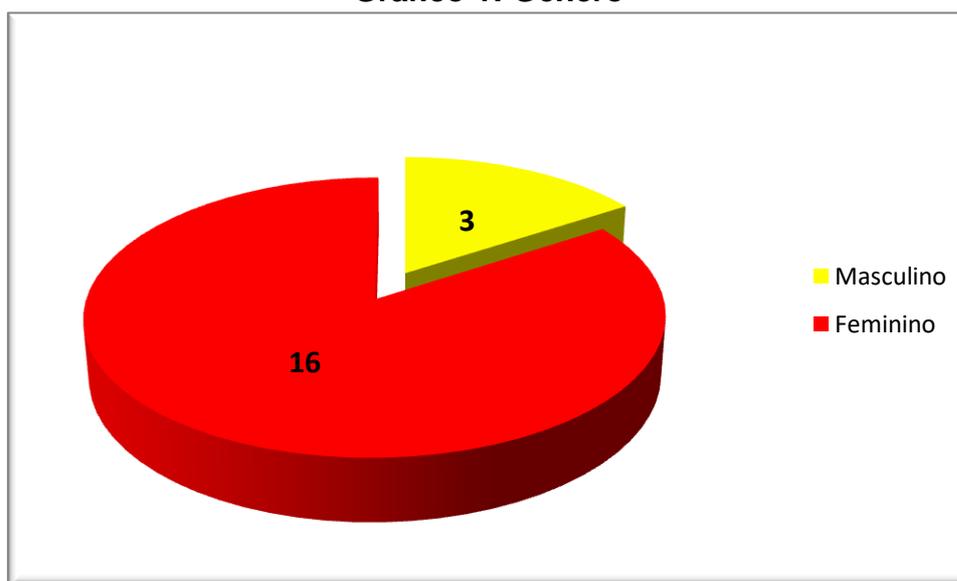
Além de professores já conhecidos pelo pesquisador, procurou-se, através de uma rede social, professores que se interessavam em participar da pesquisa. O pré-requisito era: ser professor da educação básica (rede pública ou particular) e usar a contação de histórias como prática de ensino em sala de aula.

No total, mais de 60 professores foram contatados e receberam o questionário, porém, destes, apenas 19 responderam. Aqui estão inclusos os professores que participaram do segundo momento.

Os dados obtidos nos questionários foram tabulados, e divididos em duas partes: Perfil e Categorias.

Apresentamos a seguir o perfil geral dos respondentes do questionário através de gráficos e com o quantitativo exibido em números de participantes:

**Gráfico 1: Gênero**

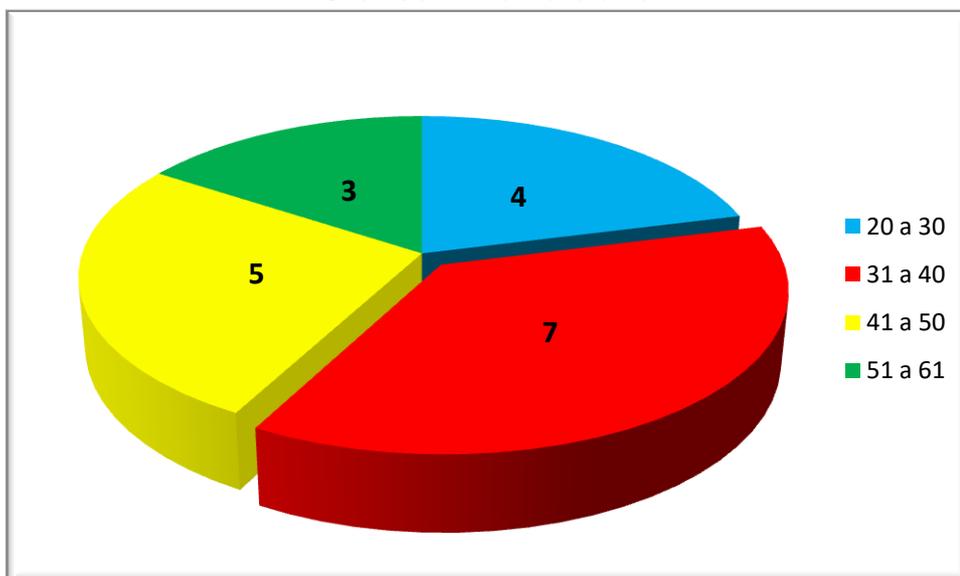


Fonte: Dados obtidos na pesquisa

O número menor de pessoas do gênero masculino condiz com os dados apresentados pelo Ministério da Educação (MEC) obtidos através da Sinopse do professor da educação básica, onde em 2010 o gênero feminino compunha 81,5% do total de professores da educação básica<sup>6</sup>.

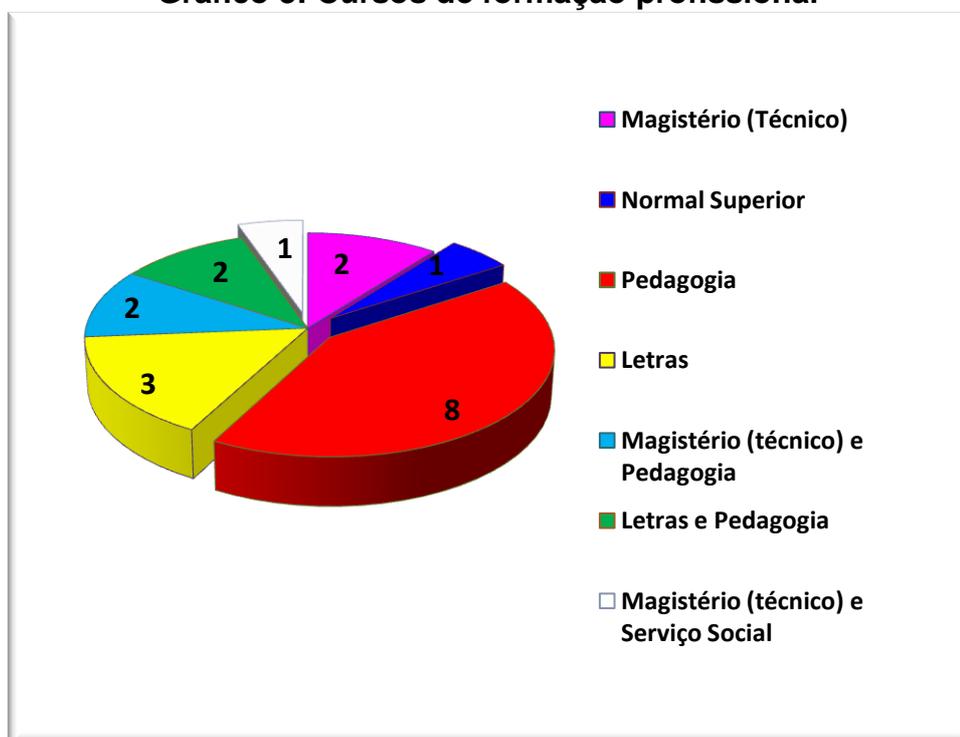
---

<sup>6</sup> Dados obtidos através do site do INEP.

**Gráfico 2: Faixa etária**

Fonte: Dados obtidos na pesquisa

A extensão da faixa etária pesquisada (20 a 61 anos) conferiu um caráter atemporal das opiniões dadas sobre a contação de histórias.

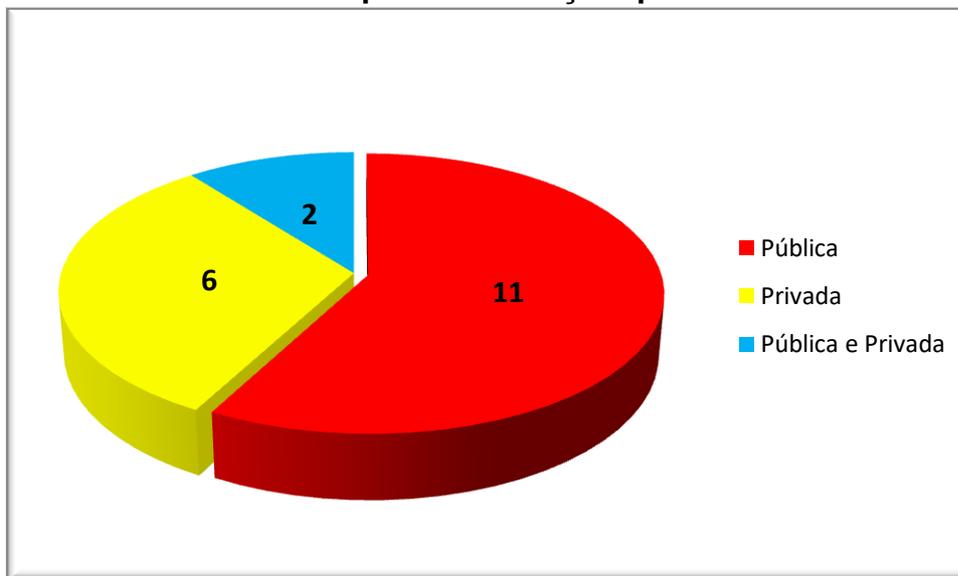
**Gráfico 3: Cursos de formação profissional**

Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Como a maior parte dos respondentes atuam na educação infantil e ensino

fundamental, temos o curso de pedagogia (requisito principal para atuação nestes segmentos) como formação inicial da maioria dos professores.

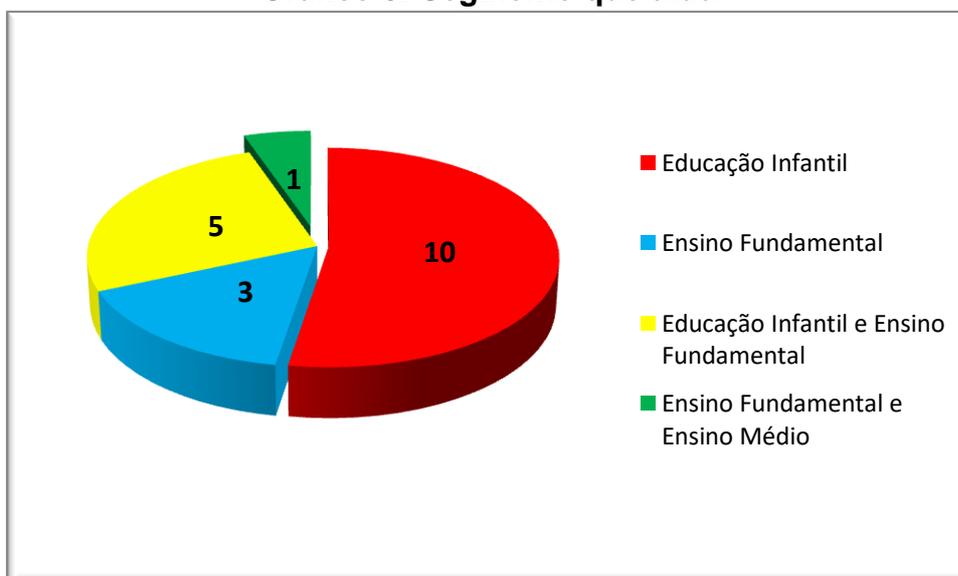
**Gráfico 4: Tipo de instituição que leciona**



Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Procuramos estabelecer critérios onde houvesse participação de professores que atuam em escolas públicas e privadas.

**Gráfico 5: Segmento que atua**



Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Nesta amostra temos professores que atuam em algumas cidades da região metropolitana de Belo Horizonte, são elas: Belo Horizonte, Betim, Contagem, Matozinhos, Pedro Leopoldo e Sabará, assim como professores que atuam em cidades de outros estados: São Fidélis - RJ, Capela - SE e Ubatuba - SP. Os professores respondentes do primeiro momento tiveram seus nomes mantidos em sigilo e serão representados pelas siglas: P-01 (representando o professor 1) P-02 (representando o professor 2) e assim sucessivamente, até o P-19.

A análise das respostas obtidas no questionário, acrescida dos dados obtidos no segundo momento da pesquisa, deram origem às categorias de estudo que serão apresentadas na análise de dados.

### 6.3.2 Segundo Momento

Neste segundo momento, foi feita a observação de quatro professores, assim como suas respectivas turmas. Os critérios estabelecidos para a seleção dos professores que participaram do segundo momentos foram: Professores que usam a contação de histórias como prática de ensino dentro de sala de aula, contanto que tivessem entre os selecionados: professores que atuam na Educação Infantil e outro(s), no Ensino Fundamental, além de professores que trabalham na rede pública e outro(s), na rede particular de ensino.

Em primeira mão, foram selecionados, através dos questionários respondidos, dois professores (da rede particular), que foram contatados e aceitaram participar da pesquisa. Bastaria, para isso, a autorização das escolas, porém uma delas não aceitou que a pesquisa fosse realizada na instituição, não dando justificativa para o fato, somente explicitando que a escola não está aberta para pesquisas e estágios.

Com isto, a segunda opção de professores da rede particular passou a ser uma professora da mesma escola que já havia concordado com a pesquisa, o que de certa forma facilitou e agilizou os processos.

A escola participante fica na região metropolitana de Belo Horizonte e tem em média 465 alunos, oferecendo todos os níveis da educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). Os professores que participaram da pesquisa atuam em segmentos diferentes: um na Educação Infantil e outro no Ensino Fundamental.

A escolha dos professores da rede pública de ensino se deu de maneira diferente. Em primeiro lugar era necessário uma autorização da Secretaria Municipal de Educação. O primeiro contato foi feito em agosto de 2016 com a Gerência da Educação Infantil e prontamente atendido pela responsável geral.

Em reunião com a gerência foi apresentado os objetivos da pesquisa, assim como a necessidade de encontrar dois professores que utilizavam a contação de histórias em sala de aula. A gerência fez a sugestão de uma escola onde encontraria dois profissionais com o perfil, o contato foi feito no mesmo momento e a autorização (anexo B) saiu poucos dias depois. Dos professores indicados, um não estava atuando dentro de sala de aula naquele ano, fazia parte da coordenação da escola, porém, além de ter um trabalho reconhecido com contação de histórias no tempo em que lecionou, mesmo estando na gestão da escola, costumava fazer momentos de contação de histórias com os alunos.

Após uma conversa informal e a apresentação dos trabalhos em contação de histórias desenvolvidos pelos dois profissionais indicados, acordou-se que a pesquisa seria feita na escola, e que o professor desviado de função, também participaria da mesma. Lembramos que os mesmos, depois de selecionados, responderam ao questionário do primeiro momento.

Assim, foram atendidos todos os pré-requisitos que colocamos. Todos os quatro professores trabalhavam com contação de histórias, dois eram do ensino público e atuavam na educação infantil, dois eram do ensino particular, sendo que um atuava na educação infantil e outro no ensino fundamental.

A tabela a seguir, mostra o perfil dos professores participantes do segundo momento, os nomes dos professores foram mantidos em sigilo e são representados com personagens das histórias contadas.

**Tabela 1: Perfil dos participantes do 2º momento**

Professores	Dundum Sererê	Dona Girafa	Chapeuzinho Vermelho	Dona Formiguinha
Gênero	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade	37	40	35	54
Curso inicial de formação profissional	Pedagogia	Pedagogia	Letras	Letras
Tipo de escola que atua	Pública	Pública	Particular	Particular
Segmento que atua	Educação Infantil	Educação Infantil	Educação Infantil	Ensino Fundamental

Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Com a autorização das escolas em mãos e com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo C) dos professores, fez-se necessário obter a autorização dos pais e alunos, pois nesta etapa, um dos instrumentos da pesquisa seria a gravação de uma aula onde os professores contavam histórias e entrevistar os alunos após a aula.

Não tivemos muitas dificuldades nesta etapa. A maioria dos pais aderiu prontamente a pesquisa e assinou o Termo de consentimento livre e esclarecido (anexo D) e os alunos assinaram o Termo de Assentimento (anexo E).

Os alunos que não levaram a autorização dos pais participaram normalmente da aula, porém não foram entrevistados.

Assim se configurou os dados das turmas participantes

**Tabela 2: Perfil das turmas participantes**

Turma	1	2	3	4
Segmento	Ed. Infantil	Ensino Fundamental	Educação Infantil	Educação Infantil
Tipo de escola	Particular	Particular	Pública	Pública
Idade dos alunos	04	10 e 11	05	04
Número de alunos	14	18	20	18

Fonte: Dados obtidos na pesquisa

## 6.4 Utensílios necessários: Instrumentos

Apresentaremos a seguir, os instrumentos utilizados na pesquisa de campo. A utilização destes instrumentos se justifica pelo cunho qualitativo da pesquisa e sua variedade possibilitou uma análise de dados baseada na triangulação de dados, melhor explicada posteriormente.

### 6.4.1 Vendo os outros fazerem a sopa: A observação

A observação seguiu as orientações dadas por Bogdan e Biklen (2003), onde a obtenção de dados descritivos ocorre no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto e se preocupando em retratar a perspectiva dos participantes. A técnica de observação utilizada foi a participante, que Moreira (2002, p.52) define como “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais...”. A partir da observação, seguiu-se para a coleta de dados que teve como instrumentos o diário de campo, entrevistas semiestruturadas e vídeos das aulas que os professores contaram histórias. Vale ressaltar que o professor que estava desviado de função escolheu uma turma da escola para desenvolver o trabalho.

### 6.4.2 Uma Concha: Diário de campo

O diário de campo é um instrumento essencial para coleta de dados. Segundo Falkembach (1987), ele consiste num instrumento de anotações. Um caderno com espaço suficiente para anotações, comentário e reflexões, para uso individual do investigador no seu dia a dia e ainda onde são anotadas todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários, facilitando a criação do hábito de escrever e observar com atenção, descrevendo com precisão e refletindo sobre os acontecimentos. Esse instrumento foi primordial nas observações das aulas e também dos momentos informais da pesquisa em campo, onde foram anotadas as manifestações que não são gravadas e nem estiveram presentes na entrevista, tais como reações dos alunos e professores no momento da contação, organização, clima da sala de aula e da própria escola, preparativos para a contação de histórias, comentários feitos, entre outros.

### 6.4.3 O Caldeirão: Entrevistas

A entrevista semiestruturada foi adotada por ser uma entrevista onde há uma abertura de novas questões caso haja necessidade de acordo com as questões que vão surgindo na observação do fenômeno. Ela se adequou melhor à pesquisa tendo como fundamento as observações de Lüdke e André (1986) que ressaltam que a técnica de entrevista que mais se adapta aos estudos do ambiente educacional é a que apresenta um esquema mais livre, já que esse instrumento permite mais flexibilidade no momento de entrevistar. Essas entrevistas foram feitas com os envolvidos diretamente no fenômeno: professores e alunos. Fez-se mais adequado o uso de uma entrevista gravada, deixando assim, o pesquisador livre para fazer anotações pertinentes no diário de campo enquanto a entrevista acontecia. Essa técnica demandou mais trabalho no momento da transcrição, comparação da transcrição com a gravação e inclusão das anotações do diário de campo, porém foi escolhida como instrumento por ter uma validação maior na análise dos dados.

No total foram 70 alunos entrevistados, em uma entrevista rápida e pontual (roteiro inserido no apêndice B). Optou-se por uma entrevista individual, para que os alunos não se influenciassem com a opinião e memórias dos outros. As entrevistas foram feitas alguns minutos depois da contação de histórias, em uma sala separada, acompanhado pelo coordenador pedagógico da escola. Assim foram geradas em torno de três horas e trinta minutos de áudio.

A entrevista com os quatro professores foi um pouco mais extensa (roteiro inserido no apêndice C). Eles foram entrevistados após os alunos, com o intuito de analisar algumas considerações dos mesmos sobre o momento da contação de histórias. Foram gerados em torno de 45 minutos de áudio. As partes mais importantes dos áudios foram transcritas e algumas destas partes constam na análise de dados.

Todo o processo de observação, iniciado na preparação do professor para a contação de histórias, as entrevistas com alunos e depois com os professores, durou, em média, um turno para cada turma.

### 6.4.4 O fogão: Filmagens

As filmagens do momento onde a contação de história aconteceu em sala de aula foram necessárias para uma análise posterior, onde juntamente com as

entrevistas, o diário de campo e o referencial bibliográfico, foram comparados, relacionados e categorizados. Estas filmagens não foram transcritas, a intenção era observar a reação dos alunos ao ouvir as histórias, a postura do professor, seu momento de contação de histórias e as intervenções feitas pelos alunos. No total, foram gravados em torno de 54 minutos de vídeo.

#### 6.4.5 Experimentando a sopa: Análise

A análise dos dados foi baseada na técnica de triangulação, que segundo Glazier (1992) se faz mais adequada tendo em vista que pode empregar métodos diferentes de coleta de dados e comparar os resultados.

Gomes et al (2010) enfatizam que, na pesquisa em que a Triangulação é utilizada como instrumento para análise qualitativa das informações que foram coletadas, o processo de interpretação deve ser realizado, primeiramente, mediante “uma valorização fenomênica e técnica dos dados primários, em si mesmos e à exaustão”. Posteriormente, as informações devem ser “contextualizadas, criticadas, comparadas e trianguladas” (GOMES *et al.*, 2010, p. 185).

A triangulação fez-se presente durante todo o processo da pesquisa. O questionário, as entrevistas, filmagens e o diário de campo, assim também como o referencial teórico adotado, procuraram apontar a visão do fenômeno pelas diferentes pessoas envolvidas no mesmo, procurando assim não se fixar no ponto de vista apenas de um. Na análise dos dados foi necessário elucidar as opiniões e percepções diferentes de cada envolvido e depois estabelecer relações entre essas, procurando fundamentar a análise feita com o referencial bibliográfico adotado. No próximo capítulo, apresentamos a análise dos dados obtidos.



## 7 O GOSTO DA SOPA: ANÁLISE DE DADOS

A partir dos dados coletados em campo e da fundamentação teórica proposta, dividimos nossa análise dos dados em quatro categorias: Formação, prática, reconto e memória/aprendizagem, apresentadas a seguir.

### 7.1 Aprendendo a fazer a sopa: Formação

Conforme vimos anteriormente, muitos autores falam sobre a importância da formação do professor contador de histórias, assim como a escassez e informalidade destes cursos. Dos 19 participantes da pesquisa (primeiro e segundo momento), apenas nove tiveram alguma formação em contação de histórias, conforme o gráfico abaixo:



Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Considerando que todos os professores participantes usam a contação de histórias como metodologia dentro de sala de aula, o número de professores que tiveram formação é muito baixo.

Dos dez professores que não tem nenhuma formação em contação de histórias, sete destacaram que um ponto negativo é a falta de cursos sobre o assunto como podemos ver nas falas a seguir:

Sobre a formação em contação de histórias, P-01 aponta um ponto negativo: "A falta de oportunidade para a realização dos cursos." O que também é ressaltado por P-04 quando diz: "Um dos pontos negativos é a falta de formação para os professores". A mesma fala se repete nos outros professores que não têm formação.

Dois destes professores ainda ressaltaram a importância de um curso formal sobre o assunto: P-09 diz que:

"Penso que ainda não existe uma formação (tipo pós-graduação) para essa temática e se existe é pouco divulgada. Esse é um tema de interesse de vários professores." (P-09)

Pensamento que vai ao encontro com o pensamento de P-11, quando diz:

"Em geral, me parece que há poucos cursos e são muito informais, com pouco referencial teórico sobre o assunto e se pressupõem que a contação de histórias seja um 'dom', atribuído a uns e a outros não." (P-09)

A palavra "dom" destacada por P-11 aparece em outros dos professores que não tiveram formação. Estes, apesar de destacar a importância da formação, acreditam que a contação de histórias seja um "dom". P-04 diz: "Não tenho nenhuma formação em contação de histórias; é um dom." Mesmo acreditando ser um "dom", P-04 afirma que: "Os cursos são favoráveis, ajudando no desenvolvimento do contador de histórias, cria habilidades com diversas técnicas, sons, postura entre outras". Assim também P-12 afirma:

O processo de contação, na minha história pessoal, deu-se de maneira automática, porque sem conhecer a nomenclatura "contador de histórias" e a classe de "contadores", eu já fazia parte contando e encantando na escola e na catequese paroquial. Sendo uma atividade inerente ao ser humano, um dom especial. (P12)

Mas P-12 também afirma que as formações são essenciais, destacando que em sua região "... as formações ficam a custeio dos próprios contadores em eventos particulares (...) e claro por leituras e estudos particulares."

Mesmo não citando a palavra "dom", pressupõem-se a mesma concepção em P-02 que diz: "Penso que o contador já nasce contado dentro da sua alma!" Mas continua: "Alguns precisam desabrochar... descobrir o que está dentro do coração! As formações têm o encanto de fazer florescer estas sementinhas..."

Os nove professores que possuem alguma formação em contação de histórias destacaram a importância desta para a formação do professor, sendo que sete destes professores apontam para a escassez ou informalidade dos cursos: P-10 diz:

Acho que existem poucos cursos de formação em contação de histórias. Eu gostaria de fazer um curso mais completo, como uma pós-graduação. O ponto negativo que observo é que os cursos são muito rápidos e não dá para aprendermos o suficiente. Acho o tempo pouco para tanta novidade e informação. (P-10)

O mesmo se repete com o professor P-06, na pergunta sobre como vê as formações em contação de histórias, respondeu: "Necessária. Mas confesso que nunca tive acesso ou conhecimento de uma formação acadêmica para tal formação." P-17 também afirma que: "Acredito que um ponto negativo é a falta de oportunidade e escassos cursos em nossas imediações para a formação continuada." Por fim, destaca-se a resposta de P-13 quando diz: "A formação acadêmica na Contação de Histórias é fundamental para a Identidade Profissional do Contador de Histórias. Deveria ser reconhecida como parte Integrante do currículo do Magistério."

Dos 19 respondentes do questionário, 14 destacaram a importância da formação em contação de histórias, sendo que os outros cinco não entraram no assunto, não podendo assim afirmar que os menos não achem esta formação importante.

Mesmo que o questionário não tenha feito nenhuma pergunta específica sobre currículo ou cursos formais, nove dos respondentes destacaram falta das formações nos cursos de licenciatura ou pós-graduação específica sobre o assunto. Dos respondentes, apenas duas tiveram alguma formação na graduação ou pós-graduação: P-13 fez uma pós-graduação em: "A arte de contar histórias no contexto escolar", mas, como já foi citado anteriormente, destaca a importância do reconhecimento da formação como "Parte integrante do currículo do Magistério". Já P-14 diz que: "Na graduação e pós-graduação houve disciplinas que nos orientava sobre a importância da contação de histórias para as crianças." Apesar de passados 11 anos, todas estas respostas ainda confirmam o que Patrini (2005) afirma sobre a escassez e informalidade dos cursos em contação de histórias.

Os quatro professores que participaram do segundo momento da pesquisa,

além das respostas do questionário, já mencionadas acima, foram unânimes quanto à necessidade de haver uma formação nos cursos de formação inicial do professor.

Em entrevista, quando se falou sobre a formação em contação de histórias, a professora Chapeuzinho vermelho ressalta que "A formação faz muita falta, deveria estar incluída no currículo". A professora Dona Girafa fala que em sua graduação foi falado sobre o tema, porém destaca: "Na verdade, na graduação só pincelam sobre contação de histórias, aí, se você quiser você se vira".

Em consonância a estes pensamentos, o professor Dundum Sererê diz:

A formação é super necessária, até porque quem vai trabalhar com criança de educação infantil, eu estou falando da educação infantil, coisa que tenho vivência, eu sei que no fundamental é super importante, que a gente tem mania de falar assim, ah só pra educação infantil... não, história é para qualquer idade, eu entendo desta maneira, eu acho que seria necessário dentro da grade curricular, ter lá um momento para falar sobre contação de histórias, porque o professor chega aqui muito cru, então eles..., fica só teoria, teoria, teoria, a prática mesmo quando vai pro estágio, fica só observação, observação, e aí chega o professor que não sabe nada sobre contação de histórias e aí ele só lê a história, o livro que está ali, isso porque a gente faz intervenções, mas seria fantástico se o curso de graduação e pós oferecesse nas grades. (Professor Dundum Sererê)

A professora Dona Formiguinha também fala sobre a importância da inserção da contação de histórias no currículo da formação inicial dos professores, destacando a interdisciplinaridade já mencionada por Rossoni (2013) quando diz:

Eu acho que... que isso aí deveria fazer parte, não só dos professores... do currículo dos professores da área de língua portuguesa ou literatura, mas eu acho que todas as outras disciplinas deveriam ter contação de histórias, primeiro porque a gente tem os temas transversais, então o professor de história trabalha muito com literatura, o professor de ciências e biologia, trabalha meio ambiente... e todos os outros conteúdos né? Se cada um pudesse tirar da manga da camisa uma história envolvendo algo da sua disciplina, eu acho que seria mais prazeroso para o aluno. (Professora Dona Formiguinha)

Nenhuma pergunta, nem no questionário, nem nas entrevistas, foi direcionada para o que se espera de um curso de formação em contação de histórias, porém, alguns apontamentos foram feitos sobre este assunto. Alguns professores ressaltam a falta de teoria nos cursos: P-11 diz: "Em geral, me parece que há poucos cursos e são muito informais, com pouco referencial teórico sobre o

assunto...", percebemos aqui, que a falta de um embasamento teórico talvez seja um dos apontamentos negativos mais recorrentes em relação às formações, além disso, a ênfase às técnicas (o que pode ressaltar a não preocupação com a teoria) também vista na fala de P-03 quando diz: "Apesar de serem cursos bons, ficam limitados às técnicas." Assim como P-10 que diz: "... acho os cursos muito rápidos, apenas são pinceladas de técnicas."

A formação que contempla teoria e prática é certamente a formação ideal para os professores. Apenas uma das professoras cita sobre uma formação onde teoria e prática foram trabalhadas. P-17 fala sobre importância do curso de formação em contação de histórias que teve, ressaltando que: "O método utilizado pelo professor (...) foi de bastante proveito, com aulas práticas e teóricas e tempo muito bem utilizado." Isto reforça a importância de se ter uma formação onde não seja priorizado apenas teoria, ou prática, mas um conjunto das duas. Sobre isso P-06 afirma: "É de extrema importância ressaltar que os dois se completam, podendo gerar resultados surpreendentes."

Um ponto positivo que deve ser ressaltado, é que dos nove professores que tiveram algum tipo de formação em contação de histórias, oito disseram que a formação (ou uma das formações que fizeram) foi oferecida pela escola em que trabalham, o que demonstra um interesse da gestão escolar em propiciar uma formação continuada de professores. Destes oito professores, dois são de escolas particulares e seis de escolas públicas. Os professores ainda ressaltam que os cursos foram oferecidos gratuitamente, alguns em horário de trabalho, outros em horários extras.

Dos dez professores que não tiveram formação, sete ressaltaram a influência de pais, professores e/ou outras pessoas nesta formação pessoal. Enfatiza-se aqui a fala de P-02 que diz:

"Não tenho nenhuma formação! Nunca fiz curso. O que sei são resultados de uma infância feliz, recheada de belos momentos ao lado do meu pai, que contava seus "causos", suas histórias... Hoje, repasso para minhas crianças tudo que um dia meu pai transferiu ao meu coração... Cantar e contar histórias sem fim, para alegrar a alma que é nosso coração..." (P-02)

Ouvir, ver, sentir outras pessoas contando histórias, também faz parte deste processo de formação do contador de histórias, ou como P-02 já citado anteriormente afirma, deste "desabrochar" do contador de histórias que existe em

cada um.

Segundo Nunes e Pereira (2005):

A arte de ler / narrar histórias não ocupou os mesmos espaços que outras metodologias alcançaram, faltando-lhe, via de regra, um destaque pedagógico próprio na escola e por isso tais desafios estão postos à formação inicial e continuada do professor, por conviver com uma prática tão primordial, porém tão relegada a segundo plano nos programas de sua própria formação. Desde a capacitação, nas licenciaturas, as instituições de ensino superior, notadamente no curso de Letras, não determinam a exigência de uma prática do aluno universitário, futuro professor, na própria escola, que se fundamente na arte de ler / narrar. Dessa forma o aluno não traz resultados satisfatórios para o curso superior, o que lhe tira a possibilidade de discutir os próprios avanços e impasses desta prática. (NUNES; PEREIRA, 2005, s.p.).

Nas palavras da professora Dona Formiguinha, esta formação se faz "imprescindível" em nossos dias:

Entendo que a formação para contadores de histórias, seja algo positivo e que se faz necessário nos dias de hoje, não que no passado não precisasse, mas atualmente, tornou-se imprescindível, devido às novas tecnologias, ao público discente que se encontra cada vez mais displicente, apresentando dificuldades de concentração. O uso de novos meios e técnicas para atrair e encantar, com certeza, trarão benefícios a essa arte tão antiga. (Professora Dona Formiguinha)

Atrair, encantar, ou nas palavras de P-08 "seduzir". A contação de histórias é uma metodologia capaz de ensinar através do encantamento, do prazer. Assim a formação de professores para a arte de contar histórias é essencial. Para P-08:

...as formações para contadores são válidas para o exercício da docência nos aspectos de incrementar os discursos, ajudar a desenvolver segurança e maior desenvoltura no ato de seduzir um aluno através da contação de histórias. (P-08)

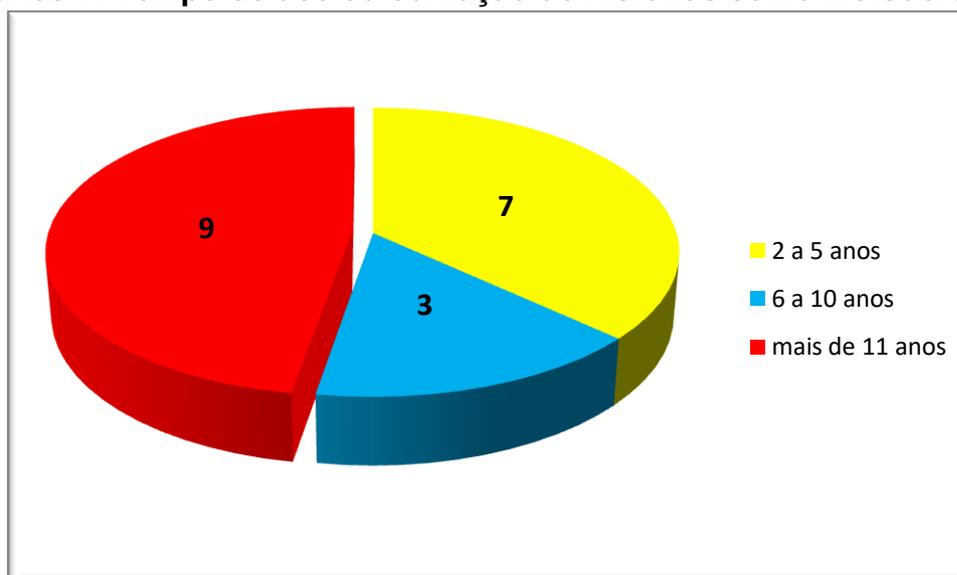
Considera-se, diante das colocações dos professores pesquisados, das considerações de Nunes (2005), assim como das pesquisas anteriormente mencionadas, em especial: Fonseca (2004) e Pacheco (2009), a necessidade de mais cursos de formação em contação de histórias. Cursos que contemplem em suas grades curriculares, teorias e práticas. A inserção desta formação em contação de história nos cursos de licenciatura se faz necessária, e caso não seja possível, que ao menos sejam oferecidos oficinas, cursos de extensão e/ou especializações em instituições formais de formações de professores.

## 7.2 Fazendo e provando a sopa em lugares diferentes: Por quê contar histórias? Objetivos, pontos positivos e negativos e a prática de contar histórias em sala de aula.

São vários os motivos apontados pelos professores que contam histórias, para a realização desta prática dentro de sala de aula. Analisaremos aqui os objetivos apontados pelos professores, os pontos positivos e negativos e a prática da contação de histórias na visão dos alunos e professores.

Em primeiro lugar, fez-se necessário saber quanto tempo, cada um dos professores respondentes do questionário, usa a contação de história como uma metodologia dentro de sala de aula.

**Gráfico 7: Tempo de uso da contação de histórias como metodologia.**



Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Através do gráfico, pode-se perceber que grande parte dos professores já usa a contação de histórias há um tempo razoável, fazendo-se entender, que não é uma prática nova ou ainda experimental para a maioria, mas uma prática mais fundamentada, experimentada.

Martins (2011) fala sobre a contação de história como uma "estratégia pedagógica" que, além de estimular imaginação e desenvolver habilidades, é caracterizada por sua ludicidade, tornando o processo de ensino-aprendizagem "estimulante". O lúdico é permeado pelo prazer. Este prazer que a contação de histórias é capaz de proporcionar, tornando o aprendizado mais "estimulante" nas

palavras de Martins (2011) é percebido nas falas dos professores participantes da pesquisa.

P-13 coloca que o objetivo principal do uso da contação de histórias em sala de aula é: "... visar o Prazer do Momento.", e completa que este prazer trás consequências: "Tornado-se assim um incentivo a leitura."

P-12 ressalta também o prazer do momento da contação de histórias, prazer este que desperta o gosto pela leitura:

"Levar o público a um momento de prazer e divertimento através da leitura, e encará-la como atividade de descanso e não como obrigatória, velando o caráter do bel prazer literário, fomentando assim, o gosto pela cultura das letras e dos livros. Bem como trabalhar conteúdos didáticos acerca da história que foi contada". (P-12)

A palavra "prazer" vai aparecer em mais quatro professores, como um dos objetivos principais para usar a contação de histórias em sala de aula, sempre acompanhada de alguma habilidade que podem ser alcançadas através deste prazer. Além do prazer, a ludicidade, intrínseca a esse, é citada por mais cinco professores, trazendo a contação de histórias como uma atividade lúdica e promotora de aprendizado. P-03 afirma que através da contação de histórias é possível:

Oferecer aos alunos o conhecimento de maneira lúdica. Oportunizar os alunos a demonstrarem seus sentimentos, desenvolvendo assim, a concentração e imaginação. (...) além de acalmar as crianças. Os alunos muitas vezes se identificam com os personagens. Eles dão vazão aos sentimentos, pensam em seus conflitos, medos e desejos. (P-03)

Em Abramovich (1997) podemos perceber que uma das características fundamentais do uso da contação de histórias em sala de aula é promover o aprendizado, sem que aquele momento tenha "cara de aula". Algumas metodologias tradicionais de ensino tornam o processo de ensino-aprendizagem algo cansativo para os alunos. Assim, a autora ressalta que o aprendizado através da contação de histórias, faz com que o aluno possa aprender, sem perceber que está tendo uma aula (que muitas vezes ele considera cansativa). Quatro dos professores pesquisados ressaltam esta característica da contação de histórias. P-09 diz:

"O principal motivo é chamar a atenção dos alunos para alguma temática. Eles realmente ficam encantados. Outro objetivo é utiliza uma metodologia menos tradicional e mais prazerosa para trabalhar algum assunto." (P-09)

Da mesma forma, P10 afirma que a contação de histórias serve para "... tornar mais lúdico o aprendizado de determinado tema ou assunto."

Assim, além dos dois professores que citam explicitamente esta característica da contação de histórias, como uma metodologia que ensina de forma prazerosa, temos outros professores que em suas respostas demonstraram que a utilização da mesma em sala de aula se dá por ser uma forma de iniciar ou falar sobre um tema de uma forma diferente, mais atrativa.

Para muitos dos professores pesquisados, a contação de histórias é capaz de despertar a curiosidade dos alunos, fazendo com que eles despertem o interesse de investigar, pesquisar, além de despertar a imaginação. Estas características da contação de histórias são encontradas em Dohme (2011), Machado (2004), Busatto (2003) e em outros autores já citados. P-06 diz que a contação de histórias em sala de aula é capaz de: "Despertar a curiosidade e interesses dos discentes tornando a aula mais lúdica, prazerosa e conseqüentemente, alcança maiores níveis nos indicativos avaliativos." A observação que P-06 faz sobre melhorar o nível "nos indicativos avaliativos", também é ressaltado por mais dois professores, P-07 e P-16 explicam que o desenvolvimento cognitivo proporcionado pela contação de histórias, faz com que os alunos melhorem em suas avaliações.

Outros aspectos que a contação de história é capaz de promover são elucidados pelos professores pesquisados: Ampliação do vocabulário é citado pelos professores P-07, P-14, P-15, P-02 e P-08. Incentivo à leitura também é citado por P-14, P-11, P-07 e P15. Nove professores citam sobre a interação/socialização como fator importante promovido pela contação de histórias. Além destes, outros aspectos são colocados pelos professores como relevantes: Desenvolvimento da criatividade, do raciocínio lógico, da imaginação, concentração e valores morais. Dois professores resumem praticamente todas estas características em suas opiniões:

"A contação de histórias propicia à criança inúmeras possibilidades de se desenvolver, ela prove a interação, instiga a imaginação. Se torna capaz também de desenvolver o raciocínio lógico, linguagem oral, interação e troca de experiência e estima o gosto pela leitura." (P-01)

Assim como P-01, P08 também diz que a contação de histórias: "Favorece a concentração da criança, maior socialização no espaço escolar, ampliação da linguagem oral e do pensamento abstrato. Estimula a organização do pensamento e a criatividade."

Pode-se observar que todas as características citadas pelos professores, já foram elucidadas pelos autores citados na fundamentação teórica desta pesquisa como em Dohme (2011):

Todas as histórias contribuem de uma forma ou de outra para a educação, porém diferenciam-se quanto à intensidade e características. Algumas desenvolvem a imaginação, outras o senso crítico, por exemplo. (DOHME, 2011, p29)

Em Abramovich (1997):

As histórias possibilitam às crianças experimentarem emoções e conflitos, sem a necessidade de vivenciar situações concretas, na realidade. Este processo permite à criança refletir sobre sentimentos dolorosos, de medo ou de alegria. (ABRAMOVICH, 1997, p. 21)

Quando questionados sobre as vantagens de usar a contação de histórias como metodologia em sala de aula, grande parte dos professores respondeu que as maiores vantagens são: a atenção, encantamento e concentração dos alunos no momento. P-13 afirma que "As crianças ficam entregues ao momento. A concentração é visível e palpável." P11 ressalta também o envolvimento dos alunos quando diz que "A vantagem maior é que, em geral, a maioria gosta muito e se envolvem ativamente durante o processo." P-09 ressalta que além do envolvimento dos alunos, a "... oportunidade para sair da rotina da sala de aula" é um aspecto a ser considerado.

Este "sair da rotina" ressaltado por P-09 é entendido como um enriquecimento da prática do professor por P-01, quando diz que a contação de histórias "... enriquece a prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimento e aprendizagens, melhorando significativamente o desempenho escolar."

Como defendido por Tahan (1996) e Abramovich (1997), P-03 destaca a contação de histórias como uma metodologia interdisciplinar. P-03 diz que: "Através das histórias, praticamente podemos passar todos os conteúdos. Alunos

acostumados o ouvir histórias estarão abertos à aprendizagem de maneira mais tranquila, mais eficaz."

A professora Dona Formiguinha ressalta que ao começar trabalhar um tema através da contação de histórias ela consegue atrair mais os alunos: "A literatura é uma porta aberta para encantar os alunos, quando vamos falar sobre idioma, língua, gramática, ortografia, não é tão agradável.", e completa: "Quando eu começo pela contação de histórias, através da literatura, da poesia, eu vendo meu peixe".

Dos 70 alunos entrevistados apenas um disse que gostava mais ou menos de ouvir histórias, todos os outros disseram que gostavam, sendo que 59 destes enfatizaram que gostavam "muito" de ouvir histórias. Os motivos para se gostar de ouvir histórias, alegados pelos alunos, são diversos. Nas turmas 1,3 e 4, alunos da educação infantil com idade entre 3 e 5 anos, as alegações principais foram: "Porque história é muito legal!", "Porque é curioso.", "Porque minha mãe também conta para mim." Um aluno da turma 1 disse que gostava de ouvir histórias "Porque depois eu gosto de contar histórias lá em casa, mais bonita ainda." Assim, palavras como legal, divertido e referências de histórias contadas em casa foram apontadas por muitos destes alunos. Uma aluna da turma 4 disse que gostava de ouvir histórias "Porque é muito importante" e quando questionada sobre porquê era importante, ela respondeu: "Porque pra mim é importante ué."

Uma aluna da turma 3 fez a seguinte observação quando perguntada se gostava de ouvir histórias: "Tem vez que ela não conta história, mas eu prefiro as vez (sic) que ela conta." Outro comentário que vale a pena ressaltar, é de uma aluna da turma 4 que diz que gosta de ouvir histórias "Porque tem palavra legal, aí eu aprendo a palavra."

Mesmo que com um discurso ainda não muito bem estruturado, a maioria das crianças entrevistadas da educação infantil demonstra coerência nos motivos que alega para gostar de ouvir histórias, sendo que muitos destes motivos vão ao encontro com os objetivos que os professores querem alcançar ao usar esta metodologia em sala de aula.

A turma 2, compostas por alunos do Ensino Fundamental com idade entre 10 e 11 anos, também alegou motivos bem interessantes e condizentes com os objetivos dos professores.

Destacamos aqui algumas das alegações dos alunos para gostar de ouvir histórias:

"É divertido, viajo quando ouço." motivo muito parecido com de outro aluno que diz: "Você ouvindo a história, você pode chegar a lugares onde nem imagina." Assim, muitos alunos citaram a viagem e imaginação como motivos importantes.

Uma das alunas da turma fez uma observação que é importante ressaltar: "O que mais gosto na escola é quando os professores dão aulas diferentes, tipo quando fazem aulas lá fora, quando podemos fazer alguma coisa na prática, quando ouvimos histórias".

Muitos alunos, de todas as turmas, também afirmaram que preferem quando a aula tem algo diferente como a contação de histórias, porque a aula fica mais "legal".

Nenhum aluno apontou algum ponto negativo sobre a contação de histórias. Como foi explicado, apenas um disse que gostava mais ou menos, mas não deu maiores explicações. Dos professores pesquisados, quatro apontaram alguns aspectos negativos sobre a prática de contar histórias em sala de aula.

Uma das desvantagens apontadas é justamente vista como vantagem para outros professores: P-09 afirma que: "Não é possível trabalhar todos os temas. Exige criatividade e disposição dos professores." Como já foi visto, alguns professores ressaltaram sobre este aspecto dizendo que uma das vantagens era poder trabalhar todos, ou vários temas através da contação de histórias. Os outros professores que ressaltaram desvantagens, verão estas sobre o mesmo aspecto: P-11 afirma que: "A desvantagem, a meu ver, se refere ao pouco tempo que tenho para preparar algo mais elaborado ou que demande mais recursos que não apenas a voz e um livro." O mesmo podemos perceber em P-06 quando diz:

A desvantagem, se é que se pode considerar de tal forma, é que exige programação detalhada e antecipada do assunto e recursos escolhidos e o tempo pré-disponível é dividido com outras escolas, visto que trabalho em outras escolas. (P06)

Assim também P-05, apesar de ressaltar que não vê desvantagens faz uma observação parecida: "Quanto às desvantagens... não vejo nenhuma. Desde que haja planejamento para tal acontecimento, cuidando para que esse momento não se torne chato e cansativo."

As desvantagens apontadas vão muito mais para o lado do tempo de

preparação, exigido por qualquer boa aula, do que pela metodologia em si. Até mesmo P-09 que afirma não poder trabalhar todos os temas através da contação de histórias, completa sua fala dizendo sobre criatividade e posteriormente, tempo para planejar e associar a história ao tema. Assim pode-se perceber que o tempo de planejamento é a desvantagem principal apontada pelos professores.

Mesmo sendo uma metodologia que demanda um tempo grande para a preparação, conforme alguns professores, a grande maioria dos professores utiliza a mesma todas as semanas, conforme o gráfico abaixo.

**Gráfico 8: Tempo que dedica a usar a metodologia em sala.**



Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Um dado interessante a ser complementado ao gráfico é que dos seis professores que utilizam a contação de histórias diariamente, três atuam também ou exclusivamente no ensino fundamental, o que ratifica a ideia que contação de histórias não é uma metodologia apenas para a Educação Infantil. Dos oito professores que utilizam duas a três vezes por semana, dois professores atuam no ensino fundamental e uma professora atua no ensino fundamental e ensino médio, afirmando que utiliza em ambos a contação de histórias como metodologia de ensino.

Todos os professores também afirmaram que o uso da contação de histórias em sala de aula mudou sua prática pedagógica. P-01 afirma que "... contar histórias é uma metodologia que enriquece a prática docente, ao mesmo tempo em que

promove conhecimentos e aprendizagens, melhorando significativamente o desempenho escolar." Da mesma forma P-17 diz: "É de grande valia utilizá-la em sala de aula, pois enriquece o meu planejamento e o retorno dos meus alunos é muito positivo."

P-08 afirma que a contação de histórias:

É uma metodologia de trabalho muito rica para se trabalhar qualquer conteúdo, que quando o professor se permite aperfeiçoar-se neste campo tem a sua criatividade multiplicada e suas aulas mais dinâmicas e prazerosas para o educando. (P-08)

Assim, P-08 ressalta novamente a interdisciplinaridade e o prazer, trazidos agora como um diferencial na prática docente. Terminamos aqui a análise desta segunda categoria, ressaltando uma observação feita pelo P-05 que diz:

Acho que essa atividade deveria ser usada com mais frequência nas escolas, não só na educação infantil, mas em todos os seguimentos, principalmente no Ensino Médio, que quase não vemos espaço para essa prática. Deveria constar no currículo de todos os educadores. Que mal há em um professor de história iniciar a sua aula contando uma história que tenha a ver com o conteúdo a ser ensinado? E o professor de filosofia? E o de matemática? Por que não? (P-05)

P-08 e P-05 resumem em suas considerações e questionamentos o que foi trazido como reflexão sobre a prática da contação de histórias dentro de sala de aula, como uma metodologia que enriquece a prática pedagógica, que promove aprendizagem e que deveria ser utilizada com mais frequência, nas diversas áreas do conhecimento e nos diferentes níveis de ensino.

### **7.3 Como aproveitar melhor o gosto da sopa: Reconto**

Nenhuma pergunta do questionário tratou especificamente sobre as atividades de reconto, a princípio porque queríamos evidenciar a formação do professor contador de histórias assim como sua prática de contar histórias dentro de sala, não sendo levado em consideração que este era um ponto importante a ser analisado. Mesmo assim, alguns professores fizeram considerações sobre estas atividades. Diante das considerações feitas, percebeu-se a falha de não ter inserido nenhuma questão a respeito do tema no questionário. Este deslize pode ser corrigido nas entrevistas com os professores, mesmo que de forma mais

simplificada, onde tratamos de discutir sobre o assunto em uma das perguntas apresentadas.

São diversas as atividades oferecidas pelos professores após a contação de história. Entre as mais citadas estão: as atividades artísticas visuais de desenho das histórias, esculturas de personagens feitas de massinhas, máscaras dos personagens feitas de recicláveis, confecção de personagens; atividades de oralidade como o reconto livre e a teatralização da história; atividades de escrita como a produção de texto sobre a história, a descrição de personagens, a confecção de livros com novas interpretações das histórias entre outras.

Os professores também citaram que o trabalho com projetos é mais produtivo, e geralmente as habilidades adquiridas pelos alunos são mais perceptíveis quando a história está inserida num projeto que dura mais que um dia. Assim muitos desenvolvem atividades durante uma semana ou até mais, procurando sempre diversificar estas atividades e explorar o máximo que a história pode oferecer. Atividades quantitativas, geográficas, linguísticas, lógicas dentre outras, sempre procurando trabalhar a interdisciplinaridade.

O envolvimento com os pais também é de suma importância para alguns professores, levar esta história para casa faz com que a escola e a família se aproximem, se completem. O professor Dumdum Sererê nos dá um depoimento sobre um dos trabalhos de reconto desenvolvidos por ele:

Gosto muito de trabalhar com o reconto, fiz um projeto que os pais vinham recontar as histórias dentro da escola, a partir da contação do professor. Tivemos uma aceitação tanto dos pais como das crianças e nele pude ver o desenvolvimento destas crianças na linguagem oral quanto na questão dos recontos muito significativos para cada idade. (Dumdum Sererê)

A professora Dona Formiguinha diz que o trabalho com reconto surge principalmente a partir da necessidade dos alunos, através questões e observações levantadas por eles ela vai elaborando as atividades.

Em uma das atividades propostas pela professora Dona Formiguinha, os alunos fizeram um trabalho de "desconstrução" da história, fazendo releituras possíveis de um conto clássico. A professora relata que o trabalho, além de desenvolver a criatividade e escrita dos alunos, fez com que ela também tivesse que pesquisar sobre algumas tecnologias que ela não conhecia e foram citadas em um dos textos, o que ela ressalta ter sido muito positivo. Além disso, os textos

promoveram reflexões sobre comportamentos e atitudes.

Uma das alunas da Turma 2, assim descreve assim a experiência do reconto: "Eu gosto muito da aula de Literatura, porque a professora sempre conta as histórias e ela deixa a gente interagir, dar nossa opinião e às vezes ela deixa a gente até mudar a história, isso é muito maneiro!"

Nas entrevistas, muitos alunos quiseram relatar o fim dado às histórias, em uma empolgação visível pela produção do grupo, alguns chegaram a afirmar que sua história ficou mais interessante que a original.

P-07 ressalta que as atividades de reconto promovem o enriquecimento das experiências das crianças, e observa que: "A produção textual passou a ser realizada com mais prazer."

As atividades propostas nos recontos requerem criatividade e tempo do professor, porém, uma ótima contribuição é dada pela professora Dona Formiguinha, quando atribui aos alunos a tarefa de pensar sobre atividades que podem ser desenvolvidas.

É notório, entre os alunos entrevistados, que atividades que envolvam a criatividade, a interação e interferência deles, se tornam mais significativas em suas vidas, promovendo prazer e aprendizado.

As aulas que envolvem atividades deste tipo são facilmente lembradas pelos alunos. Trataremos agora sobre a memória e o aprendizado produzido pela contação de histórias no ponto de vista dos alunos e professores.

#### **7.4 Os ingredientes essenciais da sopa: Memória e aprendizagem**

Alguns professores citaram que a recordação e associação da história com os conteúdos ensinados posteriormente fazem da contação de história uma metodologia muito eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Esta característica chamada por Izquierdo (2011) de evocação da informação é o que, segundo o autor, promove o aprendizado. Dentre os professores, P-10 faz um destaque importante sobre este assunto:

As vantagens são que a criança fica mais atenta ao que vai ser trabalhado. Sempre que ouvir falar sobre determinado assunto ela reporta a história contada, porque é mais significativo para ela e automaticamente associa ao que irá ser aprendido ou já foi aprendido. A contação de histórias fascina a todos nós e principalmente as crianças. (P-10)

A professora Dona Girafa também ressalta que a contação de histórias "aguça a imaginação e ajuda na parte pedagógica, desenvolvendo um querer aprender." e completa dizendo: "As crianças lembram e fazem assimilações importantes dentro de sala."

Estas lembranças e associações são citadas por vários professores que estiveram envolvidos na pesquisa. Alguns relataram que às vezes estavam dando aula muitos dias depois da história contada, com assunto diferente do que foi tratado e de repente eram surpreendidos com uma associação feita por um ou mais alunos sobre uma história.

Na entrevista com os alunos, foram feitas perguntas sobre a história contada em sala de aula. A princípio, supunha-se que os alunos lembrariam facilmente do contexto da história, pois as entrevistas foram feitas alguns minutos depois, assim o foco da análise se daria no detalhamento e na interpretação da história feita pelos alunos. Porém, uma pergunta feita mais na intenção de se aproximar do aluno e deixá-lo mais confortável na conversar, trouxe dados bem interessantes à pesquisa.

Antes de iniciar propriamente dita a entrevista, eram feitas perguntas como: Nome? Idade? O que mais gosta de fazer na escola? O que menos gosta? E por fim, antes de iniciar as perguntas específicas, fez-se a seguinte pergunta: O que você fez na escola hoje?

A primeira resposta de mais de 95% dos alunos foi: "Ouvi histórias". Neste momento insistia-se um pouco mais na pergunta, pedindo para falar sobre as outras coisas que haviam feito. Na educação infantil, todos os alunos responderam que haviam brincado, mas menos de 10% não soube responder quais as brincadeiras. No ensino fundamental os alunos responderam que haviam tido outras aulas, que fizeram dever, mas quando questionados sobre as atividades ou deveres que haviam feito, menos de 40% soube responder com precisão. Ao contrário disto, quando se falou na história, a maioria dos alunos respondeu com detalhes sobre como foi. Para alguns alunos perguntou-se o motivo de se lembrar do momento de contação de histórias e não se lembrar das outras atividades e a resposta que pode resumir todas as outras foi de um aluno da turma 2 que disse: "Quando a coisa é legal a gente lembra com mais facilidade né?". Da mesma forma os outros alunos questionados foram respondendo que era mais divertido, outros achavam mais interessante, outros ainda disseram que era diferente. Considera-se neste ponto o

valor de metodologias diferenciadas em sala de aula. Estas são capazes de fazer com que o aluno seja envolvido por algum sentimento mais forte, que por consequência, fará com que conteúdos sejam mais facilmente memorizados e resgatados posteriormente em associações importantes.

Foi perguntado também para os alunos sobre outras histórias que o professor havia contado em sala de aula. Na educação infantil os alunos lembraram-se de algumas histórias, muitas citadas por mais de um aluno. Como a entrevista com os professores era posterior à dos alunos, pode-se confirmar que a maioria das histórias citadas realmente havia sido contada por eles. Destaca-se aqui um fato importante: segundo os professores, as histórias mais citadas tiveram um trabalho, tanto de apresentação quanto de reconto, mais elaborado. Algumas histórias foram contadas com fantoches, outras com fantasias, outras foram feitas projetos mais extensos, com murais, apresentações dos alunos entre outras atividades. Assim, os professores acreditam que por este motivo foram mais lembradas.

Quanto às histórias contadas no dia, os alunos da Educação Infantil, em sua grande maioria, lembraram e deram detalhes das histórias. Recontavam, às vezes dramatizavam e tiravam algumas conclusões que não eram apresentadas explicitamente nas histórias.

Pode-se perceber que alguns momentos da história são mais marcantes para a maioria dos alunos. A aparição do lobo, a música da Chapeuzinho Vermelho, a fala do Dumdum Sererê e sua entonação de voz quando diz: "Eu vou te comer", assim também como a repetição da fala da Formiguinha em busca de ajuda: "Desprende meu pezinho". Em observação nos vídeos, estes momentos eram carregados de expressão pelo contador de história e provocavam reações imediatas nos alunos: espanto, sorriso, susto, gargalhadas... E eram narrados com precisão por grande parte dos alunos na entrevista.

Os alunos do Ensino Fundamental também falaram bastante das histórias contadas pela professora, mas duas foram citadas por todos: A mula sem cabeça e Alice no País das Maravilhas. Os alunos argumentaram sobre as diferentes versões da lenda da Mula sem cabeça, falando sobre onde cada uma das versões era localizada geograficamente e fazendo comparações entre as versões. A professora relatou que ao trabalhar folclore com os alunos, foram dadas versões diferentes de cada região, assim foi elaborado um projeto com atividades de reconto. A história da Alice, eleita pela maioria da turma como a melhor história, teve o trabalho de

desconstrução textual acompanhada de e uma releitura feita pelos alunos. Na opinião dos alunos, mudar a história para os tempos atuais, foi uma das atividades mais interessantes que fizeram.

Outras histórias também foram lembradas, e para surpresa da professora, uma havia sido contada no ano anterior, e outra, como abertura do ano letivo. A professora afirmou que sempre gostou de usar as histórias, mas não imaginava que os alunos poderiam lembrar com detalhes de uma história contada há tanto tempo.

Dos 70 alunos entrevistados, três chamaram a atenção por um aspecto em comum: não se lembravam da história contada.

Os três alunos são da Educação Infantil, e em uma conversa posterior com os professores, pode-se observar que eles apresentavam necessidades educacionais especiais (NEE).

A primeira aluna respondeu as primeiras perguntas (nome, idade, o que gosta...) corretamente, apesar de levar um tempo maior que os outros alunos, porém, ao ser questionada sobre se ouviu histórias no dia, ela respondeu que não havia ouvido. Insistiu-se na pergunta, dando algumas dicas do momento que a história foi contada, tais como local e disposição das crianças. Assim a aluna foi lembrando aos poucos, e relatando sobre a história contada, mesmo que de forma mais desconexa que os outros alunos.

A segunda aluna também demorou para responder as primeiras perguntas e disse que tinha ouvido história, mas não lembrava da mesma. Iniciou-se então um processo de pistas sobre a história (era sobre príncipe? sobre animais? que animal era?...) Assim a aluna ia respondendo as perguntas de forma correta, até conseguir lembrar os aspectos principais da história contada.

O terceiro aluno apresentou maior dificuldade, respondeu o nome, mas idade respondida não correspondia a sua idade, além de afirmar que não havia feito nada na escola naquele dia. Não conseguiu lembrar o nome da professora e quando questionado sobre histórias ele também disse que não havia ouvido.

Como a história havia sido contada debaixo de uma árvore, foi perguntado ao aluno o que ele estava fazendo lá com os colegas. Assim o aluno disse que a professora (sem dizer o nome da mesma) estava contando uma história. Com insistência e dando pistas sobre a história, o aluno foi rememorando o momento e falando algumas partes da história.

Pode-se perceber que mesmo apresentando NEE, estes alunos, quando

estimulados, não com respostas prontas, mas com pistas sobre o momento e a história, iam recordando e fazendo resgates na memória.

P-13 diz que a partir da prática de contar histórias pode perceber que "alunos com dificuldades de aprendizagem passaram a nos surpreender com atitudes e atividades desenvolvidas após a história." A professora Dona Girafa também afirma que ao estudar psicopedagogia, pode perceber que a contação de histórias poderia dar um auxílio às crianças com NEE, e isso se confirmou em sua prática.

Monteiro (1998) afirma que:

[...] Vygotsky sugere atividades que tenham sentido para a vida do aluno, relacionadas a jogos, ao trabalho, ao desejo, a vivência de uma linguagem viva, enfim, ato de aprender e de ensinar com significado e sentido. Assim, a educação da criança com necessidade especial, como a de qualquer outra, precisa estar voltada para o desenvolvimento das funções que ajudem o aluno a superar suas dificuldades, a formar uma concepção de mundo e, a partir dela, a aquisição de conhecimentos fundamentais para o entendimento das suas relações com a vida. (MONTEIRO. 1998, p. 78).

Segundo Rocha (2010):

Malba Tahan recolhe, entre as professoras primárias, diversos exemplos de crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem e de comportamento na escola e que se tornaram ótimos alunos a partir do contato com os contos. (ROCHA, 2010 p.157)

A contação de histórias é uma atividade capaz de desenvolver as funções citadas por Monteiro (1998) nos alunos. Pode-se perceber na breve entrevista, e também na conversa posterior com os professores, que através da contação de histórias e das atividades de reconto, os alunos que apresentam NEE, conseguem alcançar um discurso mais lógico, sequencial, fazer assimilações importantes que colaboram para seu desenvolvimento cognitivo. A sopa de pedras é para todos, e todos são capazes de sentir seu aroma e gosto.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: GUARDANDO AS PEDRAS PARA A PRÓXIMA SOPA**

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar a contação de histórias como instrumento e metodologia para a aprendizagem, assim como analisar a formação do professor contador de histórias. Para alcançar este objetivo utilizamos da metáfora da "sopa de pedras" e partimos primeiramente de uma fundamentação teórica que buscou compreender a concepção de memória, sentimentos e emoções (o tempero, legumes, verduras e carnes de nossa sopa), até chegar à aprendizagem (nossa sopa pronta).

Tivemos a memória como tempero principal da sopa. Sendo ela "uma das funções cognitivas mais complexas que a natureza produziu" (DALMAZ e NETTO 2004, p.30) procuramos entender o funcionamento do cérebro, no que diz respeito à formação de memórias, as partes e esquemas cerebrais envolvidos nesta formação, assim como as comunicações feitas pelas células nervosas (as sinapses) para que o processo de formação de memórias ocorra. Para isto recorreremos aos estudos da neurociência, trazendo Izquierdo e Damásio como fontes principais.

Desta concepção básica da memória, partimos para o estudo dos sentimentos e emoções, as verduras e legumes da sopa. Primeiramente distinguimos estes conceitos tão comumente confundidos, conceituando a emoção como um processo de exteriorização de estímulos recebidos exteriormente, processo este movido pelo instinto, enquanto que os sentimentos são um processo de interiorização, movido pela razão (DAMÁSIO, 2004). Além de fazer esta distinção e conceituação, vimos também a importância de se conhecer e educar as emoções e sentimentos, a carne da sopa. Damásio (2004) afirma que a educação destes é essencial para criar uma consciência capaz de influenciar as ações das pessoas que as possuem.

Com todos os ingredientes conhecidos e preparados, chegamos à nossa sopa pronta: a aprendizagem. Segundo Pain (1985) a aprendizagem é um aspecto essencial para nossa vida e para nosso ser racional. Se não tivéssemos a capacidade de aprender, não teríamos continuidade em nossa vida, seria como um eterno começo.

Para ter nossa sopa pronta, foi preciso o tempero específico, os legumes, verduras e carnes, além de todo um processo de preparação destes. Assim

também, para entender como a aprendizagem ocorre, foi preciso saber que a memória é a principal responsável neste processo e que as emoções e sentimentos são mediadores importantes na memorização, contribuindo assim para que a aprendizagem aconteça.

Para entender um pouco sobre estas importantes ligações, evidenciamos Freire, Vygotsky, Wallon, Piaget, além de outros autores que demonstraram que o processo de aprendizagem se dá, em grande parte, pela mediação de sentimentos e emoções.

Este percurso que trilhamos, visava fundamentar a contação de histórias (as pedras de nossa sopa) como uma metodologia capaz de promover a aprendizagem.

Vimos que o contador de histórias (os guardiões das pedras), chamados por Benjamin (1985) de mestre e sábios, são responsáveis por transmitir, conhecimentos, histórias, tradições, de geração em geração, e que a narração, ou contação de histórias, é capaz de provocar reflexão, espanto e se desdobrar durante muito tempo segundo Benjamin (1983).

Benjamin (1983) faz o prenúncio da morte da narrativa, decorrente do advento da informação, que segundo o autor, tem como característica reduzir-se ao momento que é nova, gerando assim uma diminuição das trocas de experiências, condição essencial para a narrativa.

Porém, ao contrário do prenuncio de Benjamin, os contadores de histórias (os guardiões das pedras) estão se espalhando pelo mundo. Segundo Busatto (2007) eles estão surgindo dos quatro cantos do mundo, contando e encantando com suas histórias.

Os contadores de histórias contemporâneos ressurgem, segundo Matos (2005), a partir da década de 1970 e ocupam diversos lugares na sociedade, entre eles, a escola.

Para compreender o trabalho destes professores contadores de história e verificar se a contação de histórias é verdadeiramente uma metodologia capaz de promover aprendizagem, fizemos uma pesquisa de cunho qualitativo, dividida em dois momentos distintos: no primeiro momento 19 professores responderam um questionário sobre a formação em contação de histórias e a prática de contar histórias em sala de aula e no segundo momento, quatro professores foram observados em sua prática em sala de aula. Para este segundo momento, além dos depoimentos dos professores, contamos também com o depoimento dos alunos

sobre a prática do professor.

Após a pesquisa de campo, fizemos uma análise baseada na triangulação dos dados obtidos, dividindo esta análise em quatro categorias: formação, prática, relato e memória/aprendizagem, através desta análise podemos perceber o gosto que a sopa tem para cada um dos participantes.

Praticamente metade dos professores participantes não fez nenhuma formação em contação de histórias, baseando assim sua prática em recordações dos pais, professores, entre outros que contavam histórias, mas praticamente todos ressaltaram a importância desta formação e a dificuldade de encontrar uma formação que contemple prática e teoria. Considera-se então, diante dos depoimentos dos professores e do embasamento teórico feito em Pacheco (2009), Nunes (2005) e Fonseca (2004), que é necessário ter formações sobre contação de história, em especial, nos cursos iniciais de formação para professores. Estas formações em contação de história devem contemplar teoria e prática e que preferencialmente sejam inseridas nas grades curriculares das licenciaturas. Com isto procuramos alcançar dois dos objetivos específicos da pesquisa: Analisar o processo de formação em contação de histórias na ótica dos professores e averiguar os pontos de vista dos participantes sobre teorias e práticas de formação em contação de história.

Sobre a prática de contar histórias em sala de aula primeiramente procurou-se verificar há quanto tempo estes professores participantes da pesquisa utilizavam a contação de histórias em sala de aula. Percebendo-se que todos utilizavam esta metodologia há mais de dois anos, o que dava um respaldo maior para suas considerações, procuramos investigar os objetivos, pontos positivos e negativos na ótica dos professores e a opinião dos alunos sobre esta prática em sala de aula, objetivo específico também proposto na pesquisa.

Além do prazer do momento e do incentivo à leitura, apontado por grande parte dos professores, podemos perceber que muitas habilidades podem ser desenvolvidas através da contação de histórias, tais como: despertar a imaginação, a curiosidade, melhorar o vocabulário, desenvolvimento da criatividade, raciocínio lógico, concentração, valores morais, dentre várias outras. Todas estas habilidades também respaldados em Dohme (2011), Machado (2004), Busatto (2003), Abramovich (1997) dentre outros já citados. Os alunos também consideraram a contação de histórias como uma atividade "legal" e "divertida". Muitos alunos

citaram a "viagem" e a "imaginação" como motivo para gostar de ouvir histórias, ressaltando que preferem as aulas com a contação de histórias, principalmente por ser uma aula diferente. Como ponto negativo, foi apontado pelos professores apenas a preparação, que demanda um tempo maior, própria de qualquer metodologia de ensino que se preze. A interdisciplinaridade da contação de histórias, apontada por Abramovich (2005), Tahan (1996) e Rossoni (2013), também foi ratificada pelos professores como uma vantagem da metodologia.

Sobre o reconto, consideramos que é importante que haja uma diversidade de atividades, não podendo se limitar apenas em desenhos e recontos orais. Vale ressaltar que estas atividades também sejam propostas pelos alunos, procurando abranger atividades mais significativas na vida de cada um, promovendo além do prazer, a aprendizagem. Não se aprofundou muito sobre estas atividades de reconto, seus efeitos e desdobramentos a longo prazo, deixamos assim, a sugestão para próximos estudos sobre o tema.

Por fim, procuramos refletir como se dá o processo de memória e aprendizagem segundo a ótica dos professores, objetivo específico proposto na pesquisa.

Consideramos, a partir dos depoimentos dos professores, e do aporte teórico que fizemos sobre memória e aprendizagem, que a contação de histórias é uma metodologia eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Os professores ressaltaram as lembranças e desdobramentos que a história é capaz de provocar no aluno, fazendo processos associativos mesmo muito tempo depois da história contada. Apesar do objetivo supracitado propor a reflexão sobre a ótica dos professores, pois não teríamos tempo hábil para observar este processo com os alunos, podemos observar que a lembrança destes alunos de histórias contadas em tempos mais distantes, ratifica ainda mais a consideração que as histórias, que são provocadoras de sentimentos e emoções, promovem uma memória emocional, facilitando assim o processo de aprendizagem. Deixamos aqui outra sugestão para próximos estudos sobre o tema: a observações do processo de memória e aprendizagem dos alunos, através da contação de histórias, a longo prazo.

Outro ponto importante a ser considerado é que, através da contação de histórias e das atividades de reconto, podemos proporcionar um trabalho com os alunos que apresentam NEE, fazendo com que eles alcancem um discurso mais lógico, sequencial e proporcionando assimilações importantes para o seu

desenvolvimento cognitivo.

Acreditamos que este estudo possa contribuir com os professores que utilizam a contação de história como metodologia de ensino, fortalecendo ainda mais esta prática, que como vimos, trás tantos benefícios no processo de ensino-aprendizagem, assim como também possa direcionar àqueles professores que ainda não utilizam tal metodologia, para que possam se sentir atraídos pela mesma e utilizá-la de melhor forma possível.

E como geralmente toda contação de histórias termina com uma frase "chavão", terminamos esta assim esta dissertação:

*E agora minha gente  
Que a sopa esta pronta  
E a história terminou  
Que se fartem até a tampa  
E bata palmas quem gostou!*

*"O ato de contar histórias, intrinsecamente humano, traz em si, talvez como poucos outros, o paradoxo de ser dos mais gratuitos e, ao mesmo tempo, dos mais empenhados. Contar para fazer lembrar, contar para mover montanhas e céus. Por mais que passe o tempo e o ato de contar histórias adquira diferentes feições, desdobrando-se em um sem-número de linguagens e suportes, ele tem na sua origem essa dupla raiz: BELEZA e NECESSIDADE."*

Eliana Yunes 1998



## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDRADE, Debora de Oliveira; GRANDO, Regina Célia. **Contando histórias nas aulas de matemática: Produção/Mobilização de conceitos na perspectiva da resolução de problemas**. 30ª Reunião da Anped. 2007
- ANJOS, Rafael Merlo dos; HEITOR, Bárbara Cristina; JUNIOR, Antônio Fernandes Nascimento. **A “Contaçõ de História” como ferramenta pedagógica no ensino da evolução biológica e seleção natural**. Revista SBEnBIO, n.7, Niterói, RJ, outubro 2014
- ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de - **A narrativa oral literária na educação infantil: quem conta um conto aumenta um ponto**. 2009, 202f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Obras escolhidas, vol. 1, Brasiliense: São Paulo, 1985-b.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Os Pensadores. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Obras escolhidas, v I, 1ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BERNARTINI, Aurora Fornoni; FERREIRA, Jerusa Pires. **Mitopoéticas: Da Rússia às Américas**. São Paulo. Associação Editorial Humanitas, 2006
- BITENCOURT, Ricardo Barbosa; MODESTO, Isva Maria; ROCHA, Janete Batista. **As novas tecnologias e a contaçõ de histórias em sala de aula**. In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Pernambuco, 2010. Anais Eletrônicos. Pernambuco, 2010.
- BLOS. Anelise Toni. **Narrativa Oral: Uma arte milenar**. 2007, 158f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007
- BOGDAN, Robert; BIKEN, Sara. **Investigaçõ qualitativa em educaçõ: uma introduçõ à teoria e aos métodos**. 12.ed. Porto: Porto, 2003.
- BORTOLIN, Sueli. **Mediaçõ oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. 234f. Tese (Doutorado em ciência da Informaçõ) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. **O trabalho com literatura: Memórias e histórias**. Caderno Cedes, Campinas, v.20, n.50, abril, 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622000000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000100007).

Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

BRANDÃO, Marcus Lira - **As bases biológicas do comportamento: introdução à neurociência**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 2004

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, Vol. III MEC/SEF,1998.

BRINGUIER, Jean Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Rio de Janeiro – São Paulo, 1977.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAMARA, Maria das Dores da Silva Timóteo da. **Corporeidade e humanescência: cenários ludopoiéticos na vida de professores contadores de história**. 2013. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1995.

COENTRO, Viviane Silva. **A arte de contar histórias e letramento literário: possíveis caminhos**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2008. 196f, 2008.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DALMAZ, Carla.; NETTO, Carlos Alexandre. **A memória**. Cienc. Cult. [online]. São Paulo, v.56, n.1, Jan-mar, 2004. Disponível: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000100023&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000100023&script=sci_arttext). Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

DAMÁSIO, António Rosa. **O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DAMÁSIO, Antonio Rosa. **As bases biológicas das emoções**. Revista: Viver Mente & Cérebro Scientific American. São Paulo, n.143, dez, 2004. Disponível em <[http://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/entrevista\\_antonio\\_damasio.htm](http://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/entrevista_antonio_damasio.htm)>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017

DAMÁSIO, António Rosa. **As bases biológicas das emoções**. Revista: Viver

Mente & Cérebro Scientific American. XIII Nº143- Dezembro 2004. Disponível em: <[http://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/entrevista\\_antonio\\_damasio.htm](http://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/entrevista_antonio_damasio.htm)>.

Acesso em 04 de fevereiro de 2017

DANTAS, Heloysa, LA TAILLE, Yves, KOHL, Marta. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

DE LEMOS, Cláudia Tereza Guimarães. "Prefácio". In PERRONI, Maria Cecília. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DONNER, Carol. Magic Anatomy Book. W.H.Freeman & Co Ltda. New York, United States, 1986

ESPERIDIÃO-ANTONIO, Vanderson. et al. **Neurobiologia das emoções**. Revista Psiq. Clín. v.35 n.2; 2008. Disponível:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832008000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000200003).

Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

FALKEMBACH, Elza Maria F. **Diário de campo: um instrumento de reflexão**. In: Contexto e educação. Ijuí, RS Vol. 2, n. 7 (jul./set. 1987), p. 19-24.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo, SP, Ed. UNESP, 2002

FLECK, Felícia de Oliveira. **A profissionalização do contador de histórias contemporâneo**. 89 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FONSECA, Adriana Beatriz da Silva. **"Era uma vez"...** A prática docente revisitada pela contação de histórias. Uberaba, 2004. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GLAZIER, Jack D. & POWELL, Ronald R. **Qualitative research in information management**. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992.

GODOY, Arlida Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, 35(2), 57-63, 1995.

GODOY, Arlida Schmidt. **Pesquisa qualitativa**. Tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas: São Paulo, v.35, n.3, mai - jun, 1999. Disponível:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901995000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004). Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

GOMES, Romeu et al. **Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010. p. 185-221.

GRAY, J. A. 1982. **The neuropsychology of anxiety: an enquiry into the function of the septo-hippocampal system**. Oxford, Clarendon.

HIGUCHI, Caroline Fiorante; MATOS, Maria São Pedro Barretos. **A pedagogia e a neurociência por detrás das rodas de histórias em escolas de educação infantil**. VI Colóquio internacional "Educação e contemporaneidade" 2012. Disponível em: [http://educonse.com.br/2012/eixo\\_02/PDF/150.pdf](http://educonse.com.br/2012/eixo_02/PDF/150.pdf). Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

Izquierdo, Ivan. et al. **Memórias: Tipos e mecanismos - achados recentes**. São Paulo n.98, jun-ago, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/69221/71685>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

IZQUIERDO, Ivan. MEDINA, Jorge. H. **Memory formation: The sequence of biochemical events in the hippocampus and its connection to activity in other brain structures**. Neurobiology of Learning and Memory. vol. 68, 1997

IZQUIERDO, Ivan. **Os labirintos da memória**. Revista Ciência Hoje, Porto Alegre, n. 148, Abril 1999

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Estudos Avançados, vol.3 no.6 São Paulo May/Aug. 1989. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0103-40141989000200006&pid=S0103-40141989000200006&pdf\\_path=ea/v3n6/v3n6a06.pdf](http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0103-40141989000200006&pid=S0103-40141989000200006&pdf_path=ea/v3n6/v3n6a06.pdf). > Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

KAPCZINSKI, F. et al. **Bases Biológicas dos Transtornos Psiquiátricos**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KANDEL, Eric et al. **Princípios de Neurociências**, McGraw-Hill, 5 ed, 2014.

KLEIN, Viviane dos Santos. **Atividade de inglês ou atividade em inglês: contando histórias na sala de aula de língua estrangeira**. São Leopoldo, 2009. 134f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

LAZIER, Joceli de Fátima Cerqueira. **Desenvolvimento do Conceito de Meio Ambiente com Crianças por Meio da “Contação de Histórias”**: Uma Contribuição à Educação Ambiental. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUNDY-EKMAN, Laurie. **Neurociência**: Fundamentos para reabilitação. 2ª edição.. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2004.

MACHADO, Regina. **Acordais** - fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DLC, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **A Comunicação sem fim** (teoria Pós-Moderna da comunicação). Revista FAMECOS. Porto Alegre: v.1, nº 20, p. 13-19, abr. 2003.

Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/336>.

Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

MANGUEL, Alberto. **A cidade das palavras**: as histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARTINS, Edilaine Rodrigues de Aguiar. **Era uma vez...** Histórias infantis na aprendizagem matemática: possibilidades de problematização. Itatiba, 2011. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Universidade São Francisco. Disponível em: <<http://www.usf.edu.br/galeria/getImage/385/432913026881254.pdf>> Acesso em: 04 de fevereiro de 2017.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encatar. 3.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. **Contação de Histórias**: Tradição, poéticas e interfaces. Edições Sesc, São Paulo. 2015.

MONTEIRO, Mariangela da Silva. **A Educação Especial na perspectiva de Vygostky**. In: FREITAS, Maria Teresa Assunção (Orgs.). Vygotsky um século depois. Editora da UFJF, 1998.

MONTENEGRO. Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NUNES, Ana Tereza Teixeira. PEREIRA, Otávio José. **Arte de ler/narrar histórias**

**na escola:** os limites da formação docente para uma prática ainda incipiente. *Revistas e anais Uniube*, v.1, n.1, Uberaba, 2005. Disponível em <http://www.revistasdigitais.uniube.br/index.php/anais/article/view/347/353>. Acesso em 4 de fevereiro de 2017.

PACHECO, Danielle de Fátima Lourinho. **A formação de professores-contadores de histórias, como proposta para o letramento e desenvolvimento de oralidade, leitura, cognição e afetividade.** Taubaté, 2009. 131f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Departamento de Ciências Sociais e Letras. Universidade de Taubaté, 2009.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médias, 1985.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral.** São Paulo: Cortez, 2005.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento:** ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. Petrópolis: Vozes, 1973.

PIAGET, Jean. **The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child.** V.26 n. 3, 1962.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986

PIAGET, Jean. **Problemas de epistemologia genética.** São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PINTO, Amancio da Costa. **Psicologia Geral.** Lisboa: Universidade Aberta, 2001. Disponível em: [http://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/livros/5\\_livro\\_pg.pdf](http://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/livros/5_livro_pg.pdf)- Acesso em 4 de fevereiro de 2017.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida.** São Paulo: Arx, 1991.

QUEIROZ, Otávio. **Dicionário Latim-Português.** São Paulo. Lep S.A. 1963.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola:** Cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

ROCHA, Vivian Munhoz. **Aprender pela arte a arte de narrar:** educação estética e artística na formação de contadores de histórias. 2010. 449f. Tese (Doutorado em Artes), Escola de comunicação e artes, Universidade de São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

ROSSONI, Janaína Cé. **A Contação de Histórias como possibilidade educativa:** análise de dissertações e teses produzidas no contexto brasileiro. 2013. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro Universitário La Salle, Canoas, 2013.

SALLA, Fernanda. **Toda a atenção para a Neurociência**. NOVA ESCOLA. São Paulo, n. 253, p. 49-55, jun/jul. 2012.

SANTOS, Gislene Aparecida da Silva. **A arte de contar histórias: um recurso didático para a formação de leitores**. São Paulo, 2009. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Nove de Julho (UNINOVE), 2009.

SCHÜTZ, R. A. & IZQUIERDO, I. 1979. **Effect of brain lesions on rat shuttle behavior in four different tests**. *Physiol. Behav.*, n.1, p.97-105, 1979.

SEIDEL, Eleni Santiago. **O professor, a história e a criança: as aventuras e desventuras entre o Era uma vez e o Foram felizes para sempre**. Florianópolis, 2007. 231f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

SHAH, Tahir. **Nas noites árabes – uma caravana de histórias**. Rio de Janeiro: Roça Nova Ed., 2009.

SILVA, Karen Roberta Soares. **Geografar, alfabetizar com fantoches, é só começar!** Porto Alegre, 2011. 111f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

SILVA, Deonísio da. **De onde vêm as palavras: Frases e curiosidades da língua portuguesa**. 4ª ed. Madarin. São Paulo. 1997

SINAPSES e aprendizagem. **Uma prática educacional baseada em evidências: Resposta à intervenção**. Sinapse Aprender, 2014. Disponível em: <<https://sinapsaprender.wordpress.com/>>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2017.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ª ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUSA, Mari Guimarães. **Literatura oral e o imaginário em perspectiva de expansão através do turismo cultural**. 2008 Disponível em: [http://www.uesc.br/icer/artigos/literatura\\_oral.pdf](http://www.uesc.br/icer/artigos/literatura_oral.pdf) . Acesso em: 04 de fevereiro de 2016.

TAHAN, Malba. **Lendas do deserto**. 19ªed. Rio de Janeiro: Record, 2001

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar história**. 5 ed., Rio de Janeiro: Conquista. 1966.

TECIDO nervoso. Ajuda escolar, 2017. Disponível em: <<http://ajudaescolar.weebly.com/tecido-nervoso.html>> . Acesso em: 04 de fevereiro de 2016

VYGOTSKY, Lev Semenovitch . **Obras escogidas**. v. 2. Madrid: Visor, 1993.

WARNER, Marina. **De fera a loira: sobre contos de fadas e seus narradores**. São

Paulo: Cia. das Letras, 1999.

ZACCUR, Edwiges. **(Re)criando e alfabetizando:** a partir de que modos e sentidos? In: GARCIA, Regina Leite (Org.). Novos olhares sobre a alfabetização. São Paulo: Cortez, 2001. p. 29-54.

ZANOTTO, Maria Angélica do Carmo. **Recontar histórias.** Revista do professor - Porto Alegre n.19 abril e junho 2003

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral.** (Tradução de Jerusa Pires Ferreira, et. al). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

## APÊNDICE A - Questionário 1º momento

Programa de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Educação		PUC Minas	
<p><b>Caros professores contadores de história,</b>  este questionário faz parte da pesquisa que estamos desenvolvendo no Mestrado em Educação da PUC-MG previamente intitulado "Fundamentos epistemológicos da Contação de Histórias e a formação do professor contador de histórias", com a orientação da Professora Dra. Stela Maria Fernandes Marques.  A pesquisa tem como objetivo geral investigar pressupostos teóricos e práticos do ato de contar histórias, no intuito de reunir boas práticas que possam contribuir com a formação de professores que utilizam ou venham a utilizar este recurso em sala de aula. Sua participação será de extrema importância para a efetivação da pesquisa.  Desde já agradeço a participação e espero em breve poder partilhar com todos vocês o resultado desta da mesma.</p> <p style="text-align: right;"><b>Pablo Simões</b></p>			
INFORMAÇÕES PESSOAIS E PROFISSIONAIS			
NOME: <input type="text"/>			
IDADE: <input type="text"/>		E-MAIL: <input type="text"/>	
FORMAÇÃO ACADÊMICA: <input type="text"/>			
DISCIPLINA(S) QUE LECIONA: <input type="text"/>			
CIDADE(S) QUE ATUA COMO DOCENTE: <input type="text"/>			
TIPO DE ESCOLA QUE LECIONA:			
<input type="checkbox"/> Pública		<input type="checkbox"/> Privada	
SEGUIMENTO QUE ATUA:			
<input type="checkbox"/> Educação Infantil		<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental I	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental II
<input type="checkbox"/> Ensino Médio			

**INFORMAÇÕES PARA PESQUISA**

**Como se deu o processo formativo como contador de histórias? (onde, tipo de formação, carga horária)**

**Como vê as formações para contadores de história? (pontos positivos e negativos)**

**Há quanto tempo usa a contação de histórias como metodologia dentro de sala de aula?**

**Com que frequência conta história para seus alunos e quanto tempo dedica a esta atividade em sala?**

**Com quais objetivos usa a contação de histórias dentro de sala de aula?**

<p>Quais são as vantagens e desvantagem de usar a contação de história dentro de sala?</p>          
<p>A contação de histórias trouxe alguma mudança em sua prática educativa e no processo de ensino aprendizagem dos alunos? Justifique sua resposta.</p>          
<p>Este é um espaço aberto para falar algo, que não tenha sido relatado acima, sobre sua experiência como professor contador de histórias.</p>          
<p style="text-align: center;"><b>Termo de autorização do uso do nome e depoimentos:</b></p> <p>Eu, <input type="text"/>, RG <input type="text"/>, concordo em participar do estudo do pesquisador Pablo Henrique Simões Barbosa e orientado pela Professora Dra. Stela Maria Fernandes Marques, respondendo ao questionário/entrevista. Afirmando ter sido devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos e autorizo o uso dos meus depoimentos e nome coletados durante a pesquisa.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Autorização.      Data <input type="text"/></p> <p><b>Orientadora da Pesquisa:</b> Stela Maria Fernandes Marques PhD Professora Adjunta e Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação PUC-Minas, Coração Eucarístico Contato: Secretaria: (31) 3412-7269 Lattes CV: <a href="http://lattes.cnpq.br/7281575262099939">http://lattes.cnpq.br/7281575262099939</a></p>



**APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com alunos**

1. Qual o seu nome?
2. Quantos anos você tem?
3. Qual ano você está? *(não foi feita para a Educação Infantil)*
4. O que você mais gosta na escola?
5. O que você menos gosta na escola?
6. Você gosta de ouvir histórias? Por quê?
7. Você ouviu história hoje? Quem contou a história? Como ela foi?
8. Você acha que a história te ensinou alguma coisa? O quê?
9. A sua professora costuma contar histórias?
10. Qual a história que a professora contou, sem ser a de hoje, você mais gostou? Por quê?
11. Você lembra-se de alguma aula que a professora não contou histórias? Como foi esta aula?
12. Você prefere a aula que tem histórias ou a aula que não tem? Por quê?



**APÊNDICE C - Roteiro de entrevista com professores: 2º Momento**

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Qual a sua formação?
4. Em qual segmento você trabalha?
5. Por que contar histórias dentro de sala de aula?
6. Como foi a sua formação para contar histórias?
7. Você acha necessário a formação em contação de histórias nos cursos de formação de professores? Por quê?
8. A história contada hoje tinha algum objetivo específico?
9. Os alunos mencionaram algumas histórias que você contou, gostaria de confirmar estas histórias com você. (dizer apenas algumas palavras para ver se o professor identifica a história e se a história identifica com a que o aluno contou)
10. Você faz atividades relacionadas às histórias contadas? Como são estas atividades?
11. Quais são as vantagens e desvantagens de contar histórias?



## ANEXO A - Aprovação do Comitê de Ética

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE MINAS GERAIS -  
PUCMG



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** Fundamentos Epistemológicos da Contação de Histórias e a Formação do Professor Contador de Histórias

**Pesquisador:** Pablo Henrique Simões Barbosa

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 55619416.0.0000.5137

**Instituição Proponente:** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMG

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.791.205

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de emenda para anexar os termos de compromisso das instituições co-participantes, conforme recomendação do Parecer de aprovação. O presente projeto pretende investigar o ato de contar histórias, procurando uma fundamentação de seus efeitos e desdobramentos, à luz da neurociência. A investigação parte de um breve estudo sobre a emoção e memória como ponto de partida para a aprendizagem e foca na contação de histórias como uma ação do professor dentro de sala de aula provocadora desses sentimentos. Através de uma pesquisa bibliográfica que parte de autores renomados da Neurociência, faremos um paralelo com autores da Educação como Pain e Freire até chegar nos pesquisadores sobre o ato de narrar ou contar histórias como Benjamim e Martins. Junto a esta fundamentação teórica, faz-se necessário ir a campo verificar como o fenômeno se dá, seus desdobramentos e suas contribuições no processo de ensino aprendizagem. O projeto aspira fundamentar a contação de histórias (neologismo comumente usado para o ato de contar histórias) como uma metodologia que pode colaborar com o processo de ensino aprendizagem e reunir boas práticas que possam contribuir na formação dos professores que utilizam este recurso. A pesquisa será de caráter qualitativo. Pretende-se pesquisar professores que usam a contação de história como metodologia de ensino em dois seguimentos da Educação básica: Educação Infantil, e Ensino Fundamental (anos iniciais e finais). O

**Endereço:** Av. Dom José Gaspar, 500 - Prédio 03, sala 228  
**Bairro:** Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@puccinas.br

Continuação do Parecer: 1.791.205

projeto trabalhará com dois grupos: no primeiro será realizada uma entrevista semi estruturada com um número maior de professores contadores de história (possivelmente vinte), com o objetivo de coletar o maior número de dados e informações possíveis que colaborarão na pesquisa. No segundo grupo, faremos a observação de um professor de cada segmento que adote essa metodologia em sala de aula. Esse grupo será composto dos três professores, mais suas respectivas turmas, coordenadores, e pessoas envolvidas na prática da contação de história. Assim, os campos de pesquisa serão as escolas onde estes professores atuam, especificamente, as salas de aulas onde eles contam histórias. A partir da observação, segue-se para a coleta de dados que terá como instrumentos o diário de campo, entrevistas semi estruturadas e vídeos de aulas onde a contação de história esteja presente.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo primário:

- investigar pressupostos teóricos e práticos do ato de contar histórias, no intuito de reunir boas práticas que possam contribuir na formação de professores que utilizam este recurso em sala de aula.

Objetivos Secundários:

- investigar os efeitos, impactos e desdobramentos da contação de história nos alunos em sala de aula, analisar a prática da contação de história com os professores que já utilizam este recurso, investigar os processos de aquisição do conhecimento através dos sentimentos e emoções, à luz da neurociência, além de analisar processos de formação em contação de história.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos: O risco oferecido pela pesquisa é o de identificação de uma prática ou formação não adequada em relação a contação de histórias dentro de sala de aula.

Benefícios: Levantar aportes teóricos para a prática de contar histórias. Colaborar na formação de professores contadores de histórias.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

ndn.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatória foram anexados e estão de acordo com as normas vigentes. Anexado Termo de Compromisso das instituições co-participantes da segunda fase do

Endereço: Av. Dom José Gaspar, 500 - Prédio 03, sala 228  
 Bairro: Coração Eucarístico CEP: 30.535-901  
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE  
 Telefone: (31)3319-4517 Fax: (31)3319-4517 E-mail: cep.proppg@pucminas.br

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE MINAS GERAIS -  
PUCMG**



Continuação do Parecer: 1.791.205

estudo, conforme recomendações do Parecer de aprovação.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Pela aprovação da emenda.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_801451_E1.pdf	28/09/2016 16:31:01		Aceito
Outros	termo_compromisso1.pdf	28/09/2016 16:30:00	Pablo Henrique Simões Barbosa	Aceito
Outros	Termo_Compromisso2.pdf	28/09/2016 16:29:40	Pablo Henrique Simões Barbosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pais.pdf	23/05/2016 11:27:01	Pablo Henrique Simões Barbosa	Aceito
Outros	justificativa.pdf	29/04/2016 11:38:45	Pablo Henrique Simões Barbosa	Aceito
Outros	Entrevista.pdf	29/04/2016 11:38:03	Pablo Henrique Simões Barbosa	Aceito
Outros	TA.pdf	29/04/2016 11:37:30	Pablo Henrique Simões Barbosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	29/04/2016 11:36:18	Pablo Henrique Simões Barbosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/04/2016 11:36:00	Pablo Henrique Simões Barbosa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	28/04/2016 17:12:14	Pablo Henrique Simões Barbosa	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	28/04/2016 16:59:16	Pablo Henrique Simões Barbosa	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Av. Dom José Gaspar, 500 - Prédio 03, sala 228  
 Bairro: Coração Eucarístico CEP: 30.535-901  
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE  
 Telefone: (31)3319-4517 Fax: (31)3319-4517 E-mail: cep.proppg@pucminas.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE MINAS GERAIS -  
PUCMG



Continuação do Parecer: 1.791.205

BELO HORIZONTE, 25 de Outubro de 2018

---

**Assinado por:**  
**CRISTIANA LEITE CARVALHO**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av. Dom José Gaspar, 500 - Prédio 03, sala 228  
**Bairro:** Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@pucminas.br

## ANEXO B - Autorização da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte



PREFEITURA MUNICIPAL  
DE BELO HORIZONTE

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

SMED/EXTFR/0873-2016.

Belo Horizonte, 22 de setembro de 2016.

Senhor Vice-Diretor,

O pesquisador Pablo Henrique Simões Barbosa, aluno do Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, solicitou a esta Secretaria Municipal de Educação a autorização para realizar a pesquisa "Fundamentos Epistemológicos da Contação de Histórias e a Formação do Professor Contador de Histórias".

Após análise do Projeto de Pesquisa e diálogo com o pesquisador, o estudo foi autorizado pelo Gabinete da Secretaria Municipal de Educação.

Ressaltamos, entretanto, a necessidade de o responsável pela pesquisa fazer contatos prévios com a UMEI; apresentar a proposta de metodologia e as necessidades da pesquisa; verificar os profissionais, alunos e responsáveis que se mostrem interessados e disponíveis para colaborar com a pesquisa; respeitar aqueles que optarem por não participar e respeitar a confidencialidade dos dados, de modo a não expor a UMEI, os profissionais, os alunos e os responsáveis.

Solicitamos à Vice-Direção que receba o pesquisador; apresente-o, junto à proposta, aos profissionais; oriente-o, acompanhe-o e viabilize-lhe o acesso autorizado.

Agradecemos a V. Sa., desde já, a atenção e os encaminhamentos.

Atenciosamente,

Sueli Maria Baliza Dias  
Secretária Municipal de Educação – SMED

Regquel Penetra Reis Carvalho  
Rua 105,886-5  
Cidade de Goiânia  
Secretaria Municipal de Educação

Ao Senhor  
Leandro de Jesus Gomes  
Vice-Diretor da UMEI Vila Leonina  
UMEI Vila Leonina  
NESTA

C.c.:  
Sr. Pablo Henrique Simões Barbosa – pablosimoes77@gmail.com



**ANEXO C - Termo de Consentimento livre e esclarecido (Professor)**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

N.º Registro CEP: CAAE 55619416.0.0000.5137

Título do Projeto: Fundamentos Epistemológicos da Contação de História e a Formação do Professor Contador de História

Prezado Sr(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará sobre as bases teóricas e práticas do ato de contar histórias, no intuito de reunir boas práticas que possam contribuir na formação de professores que utilizam este recurso em sala de aula.

Você foi selecionado(a) porque é um professor que conta histórias em sala de aula. A sua participação nesse estudo consiste em responder um questionário sobre sua prática de contar histórias, além de ser observado em momentos em que esteja contando histórias para seus alunos. Os riscos (e/ou desconfortos) envolvidos nesse estudo podem ser gerados pois sua prática além de observada pelo pesquisador, será gravada em áudio e filmada e depois discutida pelos alunos e analisada na pesquisa.

Sua participação é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído.

Os resultados dessa pesquisa servirão para ajudar todos os professores que utilizam a prática de contar histórias dentro de sala de aula, dando um aporte teórico e reunindo boas práticas para serem utilizadas como metodologia de ensino.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517  
CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
e-mail: cep.propgg@pucminas.br



**PUC Minas**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**  
 Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação  
 Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Pablo Henrique Simões Barbosa. Endereço: Rua Doresópolis, 676. Ap102. Bairro Fernão Dias - Belo Horizonte - MG

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone 3319-4517 ou email cep.proppg@pucminas.br.

O presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Belo Horizonte, .

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
 Nome do participante (em letra de forma)

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante ou representante legal

\_\_\_\_\_  
 Data

Eu, **Pablo Henrique Simões Barbosa**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do pesquisador

\_\_\_\_\_  
 Data

## ANEXO D - Termo de Consentimento livre e esclarecido (Pais)



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

N.º Registro CEP: CAAE 55619416.0.0000.5137

Título do Projeto: Fundamentos Epistemológicos da Contação de História e a Formação do Professor Contador de História

Prezado Sr(a),

Seu filho(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará sobre as bases teóricas e práticas do ato de contar histórias, no intuito de reunir boas práticas que possam contribuir na formação de professores que utilizam este recurso em sala de aula.

Seu filho(a) foi selecionado porque tem uma professora contadora de histórias. A participação dele nesse estudo consiste em responder algumas perguntas sobre a prática de contar histórias da professora e também participar dos momentos de contação de histórias que serão filmados. Os riscos (e/ou desconfortos) envolvidos nesse estudo podem ser gerados pois os momentos de contação de história observados, serão gravados em áudio e filmados.

A participação do seu filho(a) é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído.

Os resultados dessa pesquisa servirão para ajudar todos os professores que utilizam a prática de contar histórias dentro de sala de aula, dando um aporte teórico e reunindo boas práticas para serem utilizadas como metodologia de ensino.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517  
CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
e-mail: cep.proppg@pucminas.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

N.º Registro CEP: CAAE 55619416.0.0000.5137

Título do Projeto: Fundamentos Epistemológicos da Contação de História e a Formação do Professor Contador de História

Prezado Sr(a),

Seu filho(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará sobre as bases teóricas e práticas do ato de contar histórias, no intuito de reunir boas práticas que possam contribuir na formação de professores que utilizam este recurso em sala de aula.

Seu filho(a) foi selecionado porque tem uma professora contadora de histórias. A participação dele nesse estudo consiste em responder algumas perguntas sobre a prática de contar histórias da professora e também participar dos momentos de contação de histórias que serão filmados. Os riscos (e/ou desconfortos) envolvidos nesse estudo podem ser gerados pois os momentos de contação de história observados, serão gravados em áudio e filmados.

A participação do seu filho(a) é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído.

Os resultados dessa pesquisa servirão para ajudar todos os professores que utilizam a prática de contar histórias dentro de sala de aula, dando um aporte teórico e reunindo boas práticas para serem utilizadas como metodologia de ensino.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517  
CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
e-mail: cep.proppg@pucminas.br

## ANEXO E - Termo de Assentimento



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

### TERMO DE ASSENTIMENTO

N.º Registro CEP: CAAE 55619416.0.0000.5137

**Título do Projeto:** Fundamentos Epistemológicos da Contação de História e a Formação do Professor Contador de História

Meu nome é **Pablo Henrique Simões Barbosa** e o meu trabalho é pesquisar sobre a **Contação de Histórias**. Queremos saber como são os momentos em que seus professores contam histórias, se vocês gostam de participar e o que vocês aprendem nestes momentos.

Eu vou informar você e convidá-lo a participar desta pesquisa. Você pode escolher se quer participar ou não. Já pedimos a autorização dos seus pais ou responsáveis e eles sabem que também estamos pedindo seu acordo. Eles já concordaram com a sua participação nesta pesquisa, mas se você não desejar fazer parte da pesquisa, não é obrigado a participar. É você quem decide. Até mesmo se disser "sim" agora, você poderá mudar de ideia depois, sem nenhum problema.

Neste documento ou durante a sua participação na pesquisa pode haver algumas palavras ou dúvidas que você não entenda, ou coisas que você quer que eu explique mais detalhadamente; por favor, nos avise, pois podemos parar para explicar a qualquer momento.

Você foi escolhido(a) para participar desta pesquisa porque o seu professor(a) costuma contar histórias dentro de sala e gostaríamos de saber o que você tem a dizer sobre isto. Se você decidir fazer parte da pesquisa, deverá fazer os seguintes procedimentos:

- 1 - ouvir a história que a professora vai contar
- 2 - participar de uma conversa depois que a professora contar a história.

Todos os procedimentos que iremos fazer são seguros, no entanto iremos filmar e gravar nossa conversa. Porém, precisamos saber se qualquer coisa diferente acontecer a você em relação aos procedimentos da pesquisa, e você deve se sentir à vontade para nos chamar a qualquer momento e falar sobre suas preocupações ou dúvidas.

Esta pesquisa poderá ajudar vocês a aprenderem cada vez mais nos momentos em que as histórias são contadas e deixar estes momentos cada vez mais divertidos e proveitosos.

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517  
CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
e-mail: cep.proppg@pucminas.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
 Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação  
 Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Você não precisará gastar nada para participar da pesquisa.

Não falaremos para outras pessoas que você está participando desta pesquisa e também não daremos nenhuma informação sobre você para qualquer pessoa que não trabalhe nesta pesquisa. Qualquer informação sobre você terá um número ao invés do seu nome, impedindo a sua identificação.

Depois que a pesquisa acabar, iremos informar para você os resultados sobre o que descobrimos e aprendemos com a pesquisa. Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído.

Se você tiver qualquer problema causado pela sua participação na pesquisa, nós cuidaremos de você. Os seus pais já foram informados sobre isso. Em caso de problemas, devemos fazer tudo o que está previsto na lei para que você não seja prejudicado de nenhuma maneira.

Você receberá uma via deste documento com o telefone e o endereço de contato das pessoas responsáveis pela pesquisa, para tirar suas dúvidas agora e a qualquer momento.

Pesquisadores responsáveis: Pablo Henrique Simões Barbosa - Endereço: Rua Doresópolis, 676. Ap-102 - Bairro: Fernão dias - Belo Horizonte. Tel: (31)3658-5301 e (31)98804-5301

Se você quiser falar sobre alguma coisa que está te incomodando na pesquisa com alguém diferente daquela pessoa que está realizando a pesquisa com você, e que também manterá segredo sobre você, ligue para o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e fale com o coordenador, que é a professora Cristiana Leite Carvalho, pelo telefone 3319-4517 ou email [cep.proppg@pucminas.br](mailto:cep.proppg@pucminas.br).

Este documento será assinado por você em 02 (duas) vias e uma ficará com você para que guarde os telefones de contato.

Belo Horizonte, .

Eu entendi que a pesquisa é sobre **Contação de Histórias** e concordo em participar da pesquisa, sabendo que a qualquer momento posso mudar de ideia, que tudo continuará bem.

\_\_\_\_\_  
 Nome da criança/adolescente (em letra de forma)

Eu, **Pablo Henrique Simões Barbosa**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do pesquisador

\_\_\_\_\_  
 Data